



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – CAMPUS I
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DINTER UFCG/IFPB

ROSEMARY RAMOS RODRIGUES

CORPO A CORPO COM A MARCHA: FEMINISMOS E MARCHA DAS VADIAS EM
CAMPINA GRANDE

CAMPINA GRANDE-PB

2018

ROSEMARY RAMOS RODRIGUES

**CORPO A CORPO COM A MARCHA: FEMINISMOS E MARCHA DAS VADIAS EM
CAMPINA GRANDE**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG como pré-requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elizabeth Christina de Andrade Lima

CAMPINA GRANDE-PB

2018

R696c Rodrigues, Rosemary Ramos.
 Corpo a corpo com a marcha : feminismos e marcha das vadias em
Campina Grande / Rosemary Ramos Rodrigues. – Campina Grande,
2018.
 204 f. : il. color.

 Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.
 "Orientação: Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima".
 Referências.

 1. Feminismo. 2. Marcha das Vadias. 3. Corpo Feminino. I. Lima,
Elizabeth Christina de Andrade. II. Título.

CDU 305-055.2 (043)

ROSEMARY RAMOS RODRIGUES

**CORPO A CORPO COM A MARCHA: FEMINISMOS E MARCHA DAS VADIAS EM
CAMPINA GRANDE**

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Elizabeth Christina de Andrade Lima
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Glória de Lourdes Freire Rabay
(Examinadora Externa)

Prof^a. Dr^a. Maria de Assunção Lima de Paulo
(Examinadora Externa)

Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva
(Examinador Interno)

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior
(Examinador Interno)

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra
(Examinador Suplente)

A minha mãe,
Maria do Socorro Ramos Rodrigues,
por me ensinar a ser a mulher que sou!!!!

AGRADECIMENTOS

A força suprema que nos sustenta e fortalece;

A vida, por sempre ser tão gentil e generosa comigo;

A Vanusa, por ser o amor da minha vida, me amar loucamente, por acreditar que sou força e sempre repetir: “Eu quero ser mulher de doutora!”. Meu amor, essa tese também é sua. As madrugadas foram longas e cercadas de muita ansiedade, por isso eu voltava para cama tão bagunceira. Te acordar por um segundo era essencial, corpos e almas se encontravam. “Meu riso é tão feliz contigo”. Te amo!!!

Aos meus pais, pelo carinho, luta, força e determinação. Por caminhos diferentes, vocês me ensinaram perfeitamente o que é ser feliz. Das lembranças de menina as mais vivas são as que eu aprendia com amor. Dos sábados de feira contando, acertando e ganhando um dinheirinho e os passeios nas alturas dos ombros (painho) ao cotidiano de amor, lições de vida com doçura, abraços exagerados, lambidas na cara e muita declaração de amor (mainha) me fiz e me faço menina/mulher feliz!;

As minhas irmãs, Cleide e Bruna, e irmão, Daniel, por uma história cheia de vida, cores e alegrias, construída de sorrisos, brigas, brincadeiras e cumplicidade;

Aos meus sobrinhos, Rafael, Gabriel, Antônio Victor e Samuel, pela beleza de sorrir, de correr, de pular e de abraçar. Vocês são vida!;

A Lucas, por ser um menino bom e de sorriso lindo;

Aos meus avós. Em especial à vovó Alzira, por embarcar comigo nas brincadeiras de menina e me fazer sentir criança até hoje, e a vovó Hilda, por me mostrar o quanto é bom viver e pelas histórias fantásticas;

Às minhas tias e tios, primas e primos, cunhada e cunhado, por fazerem parte da minha vida e me apresentarem várias trajetórias marcantes de vida;

À Campina Grande, por ser a minha referência de vida, felicidade, amizade, amor, emoção...

A minha orientadora, Bebete, por tanta paciência, dedicação e doçura. Você passa muita paz. Às vezes essa paz dá medo, mas é reconfortante!

Aos meus orientadores de outros momentos, Fabinho.G, Nilda Câmara e Luiz Júnior, por fazerem parte da minha trajetória acadêmica;

As meninas do Bruta Flor, por me apresentarem tanta beleza em forma de palavras, gestos, ações e emoções. Obrigada por me apresentar uma história em que corpos são subversivos!!! Meninas, me perdoem se em algum momento as interpretei de forma equivocada!!!

Aos amigos que carrego pela vida, pela felicidade de sorrir;

À minha turma de doutorado, pela nossa força, persistência e dedicação. Em especial a Cibele e Eva, pelas loucas risadas, conselhos amorosos, por escutar minhas histórias longas de amor e cheias de vai e vem (kkkkkkkkkkkkkk) e, sobretudo, pelo incentivo e pela amizade;

Ao IFPB, pela oportunidade de fazer parte de um Doutorado Interinstitucional;

Aos PPGCS e aos nossos professores, em especial a Vanderlan, por ensinar com tanta beleza e delicadeza;

À minha banca de defesa, Glória, Assunção, Vanderlan, Ronaldo e Lemuel, por aceitar embarcar na leitura da minha tese.

Obrigada!!!

RESUMO

A Marcha das Vadias é um movimento feminista que surge em 2011 em Toronto, Canadá, e se espalha pelo mundo, inclusive em cidades pelo Brasil. Em Campina Grande segue o modelo geral de divulgação, as redes sociais, e possui pautas gerais, como o direito ao corpo e o enfrentamento a violência sofrida pelas mulheres, mas também possui questões regionais, como a campanha #somostodas(os)mulheresdeQueimadas. A Marcha das Vadias traz no seu seio o corpo como palco, como arma política. O corpo é visto, não apenas como categoria a ser tematizada ou objeto de reivindicação, mas como instrumento de luta política. Os corpos são expostos e carregam lemas e bandeiras, como: “Meu corpo, minhas regras”, “Somos todas vadias”, “Se ser livre é ser vadia, somos todas vadias”, “Nem santa, nem puta”, “Tire seu crucifixo do meu útero laico”, “Meu corpo não é um convite”, “Não é não”, “Machismo mata”, etc. Tendo como base o exposto, essa tese tem como objetivo analisar como a Marcha das Vadias de Campina Grande problematiza o corpo feminino e quais as suas intenções políticas. O recorte temporal é de 2012 a 2016, primeiro e último ano da Marcha das Vadias em Campina Grande, respectivamente. Foram entrevistadas as nove integrantes atuais do Bruta Flor Coletivo Feminista, organizador da Marcha das Vadias em Campina Grande. As entrevistas foram semiestruturadas, dando destaque as categorias corpo, vadia, feminismo e preconceito. Nas entrevistas ficou evidenciado o alto grau de politização e engajamento ao movimento feminista por parte das integrantes do Bruta Flor. Com a pesquisa cheguei a algumas conclusões: ficou evidente que a Marcha das Vadias de fato é um movimento feminista que reivindica o direito das mulheres sobre o seu corpo, ou seja, empoderamento feminino. Nesse movimento o corpo é instrumento de luta política, no qual as integrantes inscrevem nos seus corpos as quebras das normas regulatórias, afirmando que o lugar da mulher é onde ela quiser, que seu corpo pertence somente a si, quebrando com os padrões de beleza, pois o que vemos na marcha são mulheres de múltiplas composições corpóreas, muitas delas não se encaixando nos padrões de beleza estabelecidos na atualidade, ou seja, mulheres gordas, mulheres com celulite, mulheres sem curvas, mulheres com cabelos crespos, etc. Assim, as formas de atuação da marcha se dão a partir da lógica de enfrentamento a um modelo de sociedade calcada na misoginia e práticas de sujeição feminina.

Palavras-chave: Feminismo. Marcha das Vadias. Corpo.

ABSTRACT

Slutwalk is a feminist movement that started in 2011 in Toronto, Canada, and has now spread around the world, including in cities throughout Brazil. The general model of promoting this, via social media networks, is used in Campina Grande, and includes general agendas, like women's rights to their own bodies and the challenging of violence suffered by women, but it also tackles regional questions, like the #somostodas(os)mulheresdeQueimadas campaign. Slutwalk brings in its essence the human body as a stage and as a political weapon. The body is seen, not just as a category to be showcased, or as an object of demand, but as an instrument for political fight. Bodies are exposed and are used to show slogans and banners, like: "My body, my rules", "We are all sluts", "If being free is to be a slut, then we are all sluts", "Not a saint, and not a whore", "Take your crucifix from my secular uterus", "My body is not an invite", "No is no", "Machismo kills", etc. Based on all this, the objective of this thesis is to analyse how Campina Grande's Slutwalk problematizes the female body and what its political intentions are. The time period utilized is from 2012 to 2016, which is the first and last year of the Slutwalk in Campina Grande, respectively. The nine current members of the Bruta Flor Feminist Collective (Slutwalk organizer in Campina Grande) were interviewed. The interviews were semi-structured and were focused on the categories of: body, slut, feminism and prejudice. The large degree of politicisation and commitment to the feminist movement on the part of the Bruta Flor members became evident through the interviews. Through the research I came to some conclusions. First, it became evident that the Slutwalk is truly a feminist movement that fights for the right for women to have control over their own bodies, or in other words, female empowerment. In this movement, the body is an instrument of political fight, in which the members write on their bodies the violations of regulatory norms, affirming that a woman's place is wherever she wants it to be, that her body belongs only to her, and breaking the standards of beauty. This is because what we see in the Slutwalk are women with all sorts of body shapes and sizes, many of which do not fit into current beauty standards. In other words, fat women, women with cellulite, women without curves, women with curly hair, etc. In this way, the Slutwalk's actions are a result of the logic of confronting a model produced by society that is dressed in misogyny and female submission practices.

Keywords: Feminism. Slutwalk. Body.

RÉSUMÉ

La SlutWalk, ou Marche des salopes, est un mouvement féministe né en 2011 à Toronto, Canada, qui se diffuse autour du monde, y compris dans des villes du Brésil. À Campina Grande, elle le modèle général de diffusion, les réseaux sociaux, et elle a des revendications générales comme le droit au corps et l'affrontement à la violence subie par les femmes; mais aussi il traite des questions régionales, comme la campagne #somostodas(os)mulheresdeQueimadas. Dans son cadre, la SlutWalk met en relief le corps, en l'utilisant comme une arme politique. Il est vu pas seulement comme une catégorie à être thématisée ou comme un objet de revendication, mais comme un instrument de lutte politique. Les corps sont exposés et portent sur eux-mêmes des devises comme les suivantes : « Mon corps, mes règles », « Nous sommes toutes des salopes », « Si être libre c'est être salope, nous sommes toutes des salopes », « Ni sainte, ni pute », « Enlevez votre crucifix de mon utérus laïque », « Mon corps ce n'est pas une invitation », « Non c'est non », « Le machisme tue » etc. À partir de ce qui se présente, cette thèse a pour but d'analyser comme la SlutWalk de Campina Grande problématise le corps féminin et ses intentions politiques. La période de temps observée est celle de 2012 à 2016, première et dernière année de la SlutWalk à Campina Grande respectivement. Les neuf membres actuelles du groupe Bruta Flor collectif féministe, l'organisateur de la SlutWalk à Campina Grande, ont été interviewées. Les interviews ont été semi-structurées en soulignant les catégories suivantes: corps, salope, féminisme et préjugé. Elles ont mis en évidence le haut degré de politisation et d'engagement au mouvement féministe des membres du groupe Bruta Flor. À partir de la recherche, je conclus que la SlutWalk est en fait un mouvement féministe qui revendique le droit des femmes sur leurs corps, c'est-à-dire, l'autonomisation des femmes. Dans ce mouvement le corps est un instrument de lutte politique et les participantes portent dans leurs corps les ruptures aux normes réglementaires, en affirmant que la place de la femme est où elle veut, que leurs corps appartiennent seulement à elles-mêmes, en rompant avec les normes de beauté. Ce qu'on voit dans la Marche ce sont des femmes de compositions corporelles diverses; plusieurs d'entre elles ne s'insèrent pas dans les normes de beauté établies actuellement par la société, c'est-à-dire elles sont rondes, elles ont de la cellulite, elles n'ont pas de courbes, elles ont des cheveux crépus etc. Ainsi, les formes d'action de la Marche s'organisent à partir de la logique de l'affrontement d'un modèle de société fondée sur la misogynie et sur des pratiques de soumission féminine.

Mots-clés: Féminisme. Slutwalk. Corps.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FEMINISMO E TRANSFORMAÇÕES NO UNIVERSO FEMININO NO BRASIL (SÉCULOS XX e XXI)	26
1.1 FEMINISMO NO BRASIL: UM CORPO ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO	28
1.2 FEMINISMO NO BRASIL: UM CORPO EM BUSCA DE EMANCIPAÇÃO	36
1.3 TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO NO BRASIL?	42
2 REPRESENTAÇÕES SOBRE O CORPO FEMININO NO BRASIL	46
2.1 CORPO PANDORA, CORPO EVA: “UMA NATUREZA ESSENCIALMENTE IMPERFEITA”	47
2.2 CORPO CIÊNCIA: RAZÃO E “VERDADES” BIOLÓGICAS	51
2.3 CORPO BRASIL: O OLHAR MISÓGINO	53
3 A MARCHA DAS VADIAS E SEUS SIGNIFICADOS POLÍTICOS	67
3.1 I MARCHA DAS VADIAS EM CAMPINA GRANDE: #SOMOSTODAS(OS)MULHERESDEQUEIMADAS	73
3.2 II MARCHA DAS VADIAS EM CAMPINA GRANDE: O FEMINISMOS E AS SUAS MÚLTIPLAS IDENTIDADES DE LUTA	86
3.3 III OU TENTATIVA DE UMA III MARCHA DAS VADIAS EM CAMPINA GRANDE?	97
3.4 MARCHA DAS VADIAS 2016: NOSSO CORPO, NOSSA CIDADE	104
4 RESISTÊNCIA A FLOR DA PELE: SUBVERSÃO DO CORPO FEMININO	125
4.1 “SE SER LIVRE É SER VADIA, SOMOS TODAS VADIAS!”	128
4.2 “O CORPO É POLÍTICO”	138

4.3“MEU CORPO, MINHAS REGRAS”	159
4.4 CORPOS ABJETOS: “UM BANDO DE MULHERES LOUCAS”	174
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	200

INTRODUÇÃO

A escolha por este tema de pesquisa parte de inquietações ao longo da minha experiência pessoal e acadêmica. Sempre questionei os lugares sociais e culturais construídos para as mulheres e, principalmente, como esses são postos como "normais", naturais.

A posição do homem como superior é fortemente evidenciada na utilização do termo homem – Humanidade – para designar homens e mulheres, ou seja, para designar uma espécie. Buscando uma resposta para essa inquietação, sempre questionava meus professores acerca do porquê da não utilização do termo mulher no lugar do termo homem para essa generalização. As respostas dadas nunca eram satisfatórias, apresentavam-se como algo natural “é porque é”.

Desta forma, partindo de uma preocupação pessoal, o porquê de as mulheres serem “diferentes” culturalmente dos homens, na minha monografia de conclusão de curso, *Mulher: A Imagem Invertida de um Espelho Discursivo*,¹ discuti a construção das identidades² femininas e como a cultura escolar reforça essas identidades, tendo como referência o livro didático.

Trabalhei com o livro didático de história, enquanto artefato cultural, por compreendê-lo como um grande subjetivador de identidades, visualizado nos sujeitos históricos³ e como um instrumento propagador de “verdades”. Salientando que o livro didático é muito marcante na cultura escolar, por ser o principal instrumento de estudo e pesquisa de alunas e alunos.

Este trabalho, que envolveu estudos sobre subjetividades, diferença, poder e representações, teve como objetivo desnaturalizar o lugar da mulher como inferior,

¹ Monografia defendida em 2003 no Curso de Licenciatura Plena em História da UFCG – Campus I.

² Compreendo as identidades como o resultado da relação poder/saber que pretendem nos definir enquanto sujeitos possuidores de certos atributos psicológicos, sociais e culturais. Porém, não as vejo como uma radiografia fixa dos corpos, das mentes e das almas das pessoas, ou seja, não acredito que as identidades sejam únicas e imutáveis, pois acredito em movimento de transgressão, de fluxo, o próprio movimento de vida e de ação.

³ Os sujeitos são considerados históricos nos livros didáticos não porque possuem historicidade, mas porque, ocupando o lugar do “outro”, lutaram e enfrentaram o “eu”. Os sujeitos históricos sacramentados pela historiografia positivista são: os patrícios, os filósofos, os reis, os guerreiros, os navegadores, os generais, os presidentes, etc.

frágil, submissa, etc. Desnaturalizar no sentido de apontar as identidades como uma construção discursiva, não no sentido de afirmar que são ou não são “isso” ou “aquilo”.

No mestrado, com a dissertação *A (Des) Construção das Identidades Femininas nas Tramas da Telenovela Laços de Família*,⁴ analisei a construção das identidades femininas presentes nas práticas culturais e sociais, particularmente na mídia moderna/televisiva, que constrói modelos de identidades duráveis, partindo dos discursos da telenovela *Laços de Família*⁵.

Sendo assim, observei os discursos que construíram e constroem as identidades femininas, tanto no período moderno, com iluministas; como na contemporaneidade, com o discurso midiático.

Escolhi a mídia e, mais especificamente, a novela *Laços de Família* como o artefato cultural de análise porque as novelas brasileiras sempre fizeram parte do meu cotidiano, embalaram os meus sonhos e me apresentaram modelos de beleza, de boa e má conduta, de amor, de vida, ou seja, modelos de comportamento nos quais as minhas subjetividades⁶ eram povoadas de identidades.

Mais recentemente me pego pensando nas zonas de fronteira entre as transformações no universo feminino nas últimas décadas e os preconceitos existentes para com as mulheres na atualidade. Vejo que ainda é muito forte a imagem negativa da mulher ou grupos que questionam os papéis construídos para o feminino. O feminismo está nessa zona de fronteiras: de um lado reivindicações, lutas e conquistas, de outro estigmas, rótulos e estereótipos. Nesse cenário, a *Marcha das Vadias* se apresenta como um elemento de tensão.

O nome do movimento, *Marcha das Vadias*, por si só assusta e/ou causa repulsa em pessoas que não estão informadas sobre o seu significado, ou até mesmo nas conhecedoras, pois acreditam se tratar de um movimento de prostitutas ou de mulheres que vivem sua sexualidade livremente e que o seu tema central é

⁴ Dissertação defendida em 2006 no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB – Campus I.

⁵ A novela *Laços de Família* é de autoria de Manoel Carlos, exibida na Rede Globo de 05/06/2000 a 03/02/2001 e reprisada de 28/02/2005 a 23/09/2005.

⁶ As subjetividades são as sensações, o entendimento das pessoas e das coisas, ou seja, são os significados que damos ao mundo desde o momento em que a vida nos apresenta situações e emoções. Porém, as subjetividades são mutáveis, pois somos atravessados constantemente por discursos, pessoas, situações e sentimentos que nos ressignificam.

sexo. O preconceito é uma constante, assim como contra o feminismo. Ainda na atualidade, ser nomeada de feminista é carregar uma carga pejorativa, pois historicamente foi construído o estereótipo desta como uma mulher mal amada, ranzinza, masculinizada e feia (excessivamente magra ou gorda, nariguda, mal vestida, velha, etc.).

Esses estereótipos são tão fortes que certa vez uma colega me disse que eu tinha ideias muito estranhas, mas não poderia ser feminista. Prontamente, perguntei por que não. A resposta foi a mais surpreendente que pude ter: “Você é muito feminina!”. Como assim, garotas femininas não podem ser feministas?

Meus anos de adolescente de Ensino Fundamental fora de questionamentos em relação as práticas culturais e sociais que sempre evidenciam as diferenças entre homens e mulheres. O pior era constatar que nos polos de oposição as mulheres sempre eram vistas como o lado negativo. Meus questionamentos e argumentos em defesa da mulher serviam como mais um elemento para reforçar para amigas e amigos o quanto eu era estranha.

Certa vez, na 6ª Série, perguntei ao professor de Biologia por que ele sempre usava homem para designar homens e mulheres. Recebi uma resposta que naturalizava o que foi construído: “É porque é”. Da turma recebi muitas risadas e zombarias.

Sabe o que me causa mais perplexidade? Aquele ano era 1993, eu tinha 13 anos. Já se passaram 25 anos e quando encontro aquelas amigas e amigos eles ainda me acham estranha. “Rosemary, tu não muda não. As mesmas conversas”.

O que é ser uma menina (1993)/mulher (2018) estranha? É contestar esse modelo de sociedade que prioriza o masculino? Sim, eu sou estranha!

O interessante é notar que o preconceito não é da minoria, nem tampouco masculina e restrita a um grupo específico da sociedade brasileira. Este é reflexo de uma cultura que prioriza a padronização de valores e práticas e que sempre olhou o feminismo como ameaça a uma sociedade "normal". Um feminismo visto como uma guerra dos sexos.

Muitas vezes, publicizar que se é uma feminista ou que se identifica com o movimento causa estranheza. Foi o que aconteceu quando compartilhei na minha página de *Facebook* o Calendário Nacional da Marcha das Vadias, em 9 de maio de

2013. Na minha postagem não ocorreram muitos comentários, mas fora dela algumas pessoas vieram me questionar o porquê de eu estar divulgando “esse tipo de conteúdo”. Tive que explicar o significado da marcha e a primeira reação era de rejeição ao nome do movimento, mesmo alegando que estavam entendendo o significado do ato político. Durante a trajetória dessa pesquisa as explicações e estranhamentos continuaram.

Particularmente, nunca estranhei o nome da marcha. Pelo contrário, sempre achei muito empoderador, cheio de força e subversivo, assim como o próprio movimento. A Marcha das Vadias não poderia ter outro nome, pois os seus elementos centrais também são subversivos, mulheres expondo os corpos e empoderadas.

Figura 1 – Postagem no Facebook de divulgação do Calendário Nacional da Marcha das Vadias, postado no dia 09 de maio de 2013.



Fonte: <https://www.facebook.com/OMachismoNossoDeCadaDia/photos/a.396729613691953.99341.396630023701912/578543472177232/?type=3&theater>

Vejam que na postagem encontramos elementos muito comuns no movimento: denuncia a educação misógina, “chega de ensinar as meninas a não serem violentadas, vamos ensinar os meninos a não violentarem”, e a visão patriarcal do mundo.

Há na marcha um repúdio a ideia de que as meninas devem ser educadas para o recato, evitando roupas sensuais, lugares esquisitos ou situações de vulnerabilidade, como a embriaguez. Nesse sentido, quem devem ser educados são os meninos, uma educação para compreensão de que não são proprietários do corpo feminino.

Discutir Marcha das Vadias é, igualmente, discutir o feminismo na atualidade, pois esta se configura como um movimento de jovens ativistas que levantam questões relacionadas ao universo feminino e as desigualdades entre os gêneros.

O primeiro contato que tive com o movimento foi via internet, a partir de jornais que noticiavam o acontecimento de marchas no Brasil e, principalmente, a partir de postagens de integrantes das marchas de João Pessoa e de Campina Grande. A impressão inicial que tive foi de identificação com o movimento, pois tematiza uma área que tenho grande interesse, feminismo e enfrentamento ao machismo. Esse foi um contato inicial sem aprofundamento.

Achei muito interessante a perspectiva da Marcha das Vadias de usar o corpo como arma política. Aqueles corpos desnudos, cabeças em riste, punhos cerrados e pinturas pelos corpos sempre me apresentaram muita força e beleza.

Tive maior curiosidade em relação ao movimento em maio de 2013, momento em que postei o Calendário Nacional da Marcha das Vadias e a reação das pessoas foi de estranhamento, como já discutido anteriormente. Comecei a levantar questionamentos acerca da reação das pessoas. Debrucei-me sobre alguns artigos com intuito de compreender melhor esse repúdio. A conclusão inicial foi que as pessoas não conhecem o movimento e se apegam ao nome da marcha, igualmente, o termo “vadia” possui um sentido pejorativo muito forte. Hoje vejo que há outros elementos para se discutir essa rejeição. Veremos essa questão mais a frente.

Meu primeiro contato com a Marcha das Vadias em Campina Grande e suas integrantes se deu em maio de 2014 com o II Samba das Vadias. Chamou-me a atenção a participação maciça de jovens universitárias(os). O samba foi pensado com o propósito de arrecadar fundos para a organização do dia da marcha.

Aproveitei esse momento para especular bastante, perguntando as pessoas sobre idade, se estudavam, se eram feministas, se trabalhavam, o que achavam da marcha, etc. Minha impressão inicial em relação ao público do samba foi de que eram na maioria universitárias (os), jovens, um grande número possuía um estilo mais alternativo, possivelmente tinham um certo poder aquisitivo, pois estavam gastando bastante com bebidas, e muitos eram LGBTs.

Não consegui identificar se o fato de estarem tirando fotos com as plaquinhas empoderadas, com frases do movimento, como “Meu corpo, minhas regras”, “Se ser livre é ser vadia, eu sou vadia”, etc., significava engajamento político no feminismo ou se era pela *vibe* da festa.

No mesmo ano participei da minha primeira marcha em João Pessoa, 16 de agosto. O que me chamou bastante atenção foi a reação dos(as) passantes, a cara de perplexidade, frases de repúdio. Algumas reações chegaram a ser cômicas: diante de um movimento que literalmente samba na cara da sociedade, uma senhora afirmou que era “o fim dos tempos, uma pouca vergonha, que as prostitutas estavam tomando a rua” e ainda estavam protestando contra o que ela não sabia ser o quê (na sua concepção algo ilegítimo). Seriam as vadias seres abjetos? Iremos discutir essa questão mais adiante.

O meu interesse e inserção no campo foi se dando ao sabor das percepções e encantamentos, cada integrante da marcha de Campina Grande que eu ia conhecendo me passava a impressão de forte engajamento pelo movimento e pela luta social, mais especificamente a feminista. No dia da terceira marcha, dezembro de 2014, minha primeira marcha em Campina Grande, Justiça⁷ me disse algo muito significativo após eu expressar o meu receio em relação ao número reduzido de pessoas no evento: “A marcha sai nem que seja só com gente pra levar a faixa”.

Pesquisar sobre o feminismo e a Marcha das Vadias é muito interessante no sentido de perceber o preconceito próximo e latente. “Rose, como vão as suas vadias?”, frase recorrente que se aglutina com outras tantas significativas, tais como: “ontem vi na TV as vadias de Rose”, “Lá vai Rose se debruçar sobre as suas vadias”, “Rose, as tuas vadias são vadias mesmo?”, “Rose, o que as tuas vadias querem?”, “Rose, as tuas vadias são pelo menos bonitas?”, dentre outras. Os corpos

⁷ Justiça é o pseudônimo utilizado por uma das informantes. Utilizo pseudônimos com a finalidade de garantir o anonimato das entrevistadas.

das vadias passaram a ser propriedade de alguém que supostamente tem uma autoridade do ponto de vista acadêmico. O contraditório é que este movimento não busca tutela ou proprietário, mas sim liberdade. Porém, a necessidade de domesticar/aprisionar corpos femininos não é de hoje.

Do ponto de vista da pesquisa, esta passou por caminhos tortuosos que foram se constituindo ao sabor do campo e das leituras. Não há uma fórmula mágica para ter uma pesquisa “perfeita”. A metodologia, bem como as técnicas e métodos utilizados para a coleta de dados, foram elaborados no sentido de nortear a pesquisa, mas só foram concebidos e construídos no próprio desenrolar da pesquisa. Assim, o campo foi um divisor de águas na minha pesquisa.

Do ponto de vista metodológico, a minha inserção no campo não foi fácil, pois boa parte da minha pesquisa dependeu da disponibilidade das integrantes do movimento, que me receberam com certa desconfiança e uma reclamação “As pessoas vêm aqui, fazem suas pesquisas, fazem um monte de perguntas e depois vão embora sem dá nenhum retorno”. Mas também não fui recebida com rejeição, já que todas as meninas eram universitárias ou alunas de pós-graduação e já estavam inseridas no mundo da pesquisa.

Desta forma, para conseguir a primeira entrevista foi demorado, fruto de muita insistência e paciência. Porém, as demais entrevistas foram mais fáceis de conseguir, com exceção da última que eu já acreditava não conseguir mais. Indignação também está concluindo doutorado, conseqüentemente está sem tempo disponível.

Esta pesquisa é composta por pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, pois metodologicamente está centrado nesses dois momentos: na análise bibliográfica, concentrada em temas como feminismo, corpo, Marcha das Vadias e história das mulheres no Brasil e nas entrevistas.

Dada a escassez de fonte bibliográfica sobre a Marcha das Vadias em Campina Grande, devido à atualidade do tema, e a necessidade de compreensão maior do fenômeno, foi necessária uma pesquisa de campo, ou seja, participação direta de marchas na cidade de Campina Grande. O recorte temporal é de 2012 a 2016, primeiro e último ano da Marcha das Vadias em Campina Grande, respectivamente. Os dados sobre a percepção sobre o corpo e o feminismo contemporâneo propagado pela Marcha das Vadias foram coletados através de

entrevistas com integrantes do Bruta Flor Coletivo Feminista, organizador da Marcha das Vadias em Campina Grande.

Foram entrevistadas as nove integrantes atuais do Bruta Flor. Vejamos um quadro geral⁸ sobre as nossas informantes:

Entrevistada	Ano de nascimento	Escolaridade/ Profissão	Estado Civil	Data das Entrevistas
Justiça	1986	Graduação em Direito (UEPB) e Mestranda em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (UFPB)	União Estável	11 de Dezembro de 2015 e 28 de Fevereiro de 2018.
Garra	1990	Graduação em Serviço Social (UEPB) e Graduanda em Ciências Sociais (UFCG)	Solteira	11 de Dezembro de 2015
Ação	1990	Graduação em Comunicação Social (UEPB) e Mestrado em Serviço Social (UEPB)	Solteira	3 de Agosto de 2017
Liberdade	1994	Graduanda em Ciências Sociais (UFCG)	Solteira	18 de Agosto de 2017
Coragem	1989	Graduação em Biologia (UEPB) e Mestrado Interdisciplinar Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (UFBA)	Solteira	07 de Fevereiro de 2018
Questionamento	1992	Graduação em História (UEPB) e faz especialização em Tecnologias Digitais da Educação (UEPB)	Solteira	08 de Fevereiro de 2018
Desconstrução	1994	Graduação em Serviço Social (UEPB) e	Solteira	09 de Fevereiro de

⁸ As informações do quadro geral foram atualizadas no primeiro trimestre de 2018.

		mestre em Ciências Sociais (UFCG)		2018
Reivindicação	1987	Graduação em Serviço Social (UECE) e Especialização em Gestão Pública (UFPB)	Solteira	15 de Fevereiro de 2018
Indignação	1989	Graduação em Letras – Língua Portuguesa (UEPB), Especialização em Ciências da Linguagem (UFPB) e Mestre e doutoranda em Literatura e Interculturalidade (UEPB)	Solteira	05 de Abril de 2018

Nas entrevistas me vi diante de jovens cheias de esperança e garra para lutar contra o modelo de sociedade opressora e machista. Sempre sorrisos fartos, mas com franzidos de testas ao problematizar questões como corpo, violência contra a mulher e opressão.

As entrevistas, em sua maioria, se deram no ambiente universitário, com duração de cerca de 30 minutos a 1 hora (a maioria delas). Todas elas se identificaram como feministas e a maioria colocaram tal condição como algo natural, pois suas inquietações e contestações sempre estiveram presentes nas suas vidas desde a infância, mas que só conheceram o feminismo na universidade.

Além das entrevistas formais, coletei informalmente dados mais pontuais acerca do Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos, das marchas em Campina Grande e do Bruta Flor por meio do *WhatsApp* e em encontros casuais (centro da cidade, universidade, bares e festas).

Os pseudônimos foram escolhidos com base nas impressões durante as entrevistas acerca das características marcantes das entrevistadas e suas concepções sobre a Marcha das Vadias em Campina Grande, corpo e feminismo. Vejam que todos os pseudônimos são empoderados, assim como suas respectivas donas. Ter garra e coragem e, sobretudo, ser símbolo de liberdade, justiça, ação, questionamento, reivindicação, indignação e desconstrução são características

fortes de jovens feministas altamente politizadas e engajadas na causa feminista do Brasil contemporâneo.

Há a necessidade de apresentar o perfil das integrantes do Bruta Flor. Assim, Ação informa:

São jovens, que a mais velha tem 30 anos. Então, são entre 23 e 30 anos. São universitárias, todas concluindo curso superior ou pós-graduação, classe média. Acho que é isso o perfil: jovens universitárias, classe média. (...) E esse perfil se estende ao público (...). (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Desconstrução acrescenta que essas integrantes possuem marcadores em comum, como em sua maioria ser jovens da classe média e classe média baixa e o meio acadêmico, alunas de graduação e pós-graduação. Porém, há uma pluralidade de outros marcadores sociais. Vejamos sua fala:

E o Bruta Flor reúne esses marcadores sociais da diferença, né? Por que esses marcadores de classe é uma coisa meio incomum, mas já existem outros, né? Como mulheres lésbicas, mulheres negras, mulheres bissexuais, mulheres gordas, enfim. E aí dá pra abranger muitas discussões diferentes. Mas claro que dentro das limitações. (Entrevista com Desconstrução, em 09/02/2018).

Também foram acompanhadas as publicações e coletadas fotografias veiculadas em redes sociais, no *Blog* II Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos⁹, na página do *Facebook* do Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos¹⁰, da Marcha das Vadias¹¹ e do Bruta Flor Coletivo Feminista¹², da página de Grupo do *Facebook* Marcha das Vadias – CG (2014)¹³ e da página de eventos do *Facebook* Marcha das Vadias CG 2014¹⁴, tentando mapear não só mensagens escritas, como palavras de ordem, e seus objetivos, mas, sobretudo, as ideias do grupo de organizadoras da Marcha das Vadias de Campina Grande, o Bruta flor, e

⁹ [Forumfeminismocg.blogspot.com.br](http://forumfeminismocg.blogspot.com.br)

¹⁰ <https://facebook.com/ForumFeminismoeDH/>

¹¹ <https://facebook.com/marchavadiascg/>

¹² <https://facebook.com/coletivobrutaflor/>

¹³ <https://facebook.com/groups/1423105681305617/>

¹⁴ https://facebook.com/events/1507902432821300/?active_tab=discussion

as questões corporais (vestimenta, postura, mensagens no corpo, etc.), já que o movimento carrega o corpo como bandeira.

Mas deixo bem claro que a minha pesquisa não tem como objetivo direto fazer uma análise das imagens coletadas. Meu foco principal é analisar a problematização sobre o corpo feminino na Marcha das Vadias em Campina Grande através das entrevistas e participação das marchas de 2014 e 2016.

Do ponto de vista teórico aponto alguns autores e suas contribuições para produção dessa Tese. Elegi Michel Foucault (2004, 2005a, 2005b) e Judith Butler (2001, 2003) como suporte teórico que perpassa a tese e outras referências mais específicas.

Faço leituras de Michel Foucault (2004, 2005a, 2005b) para discutir a ideia de poder, as relações de gênero, para pensar a ideia de ser o outro na sociedade, os “anormais”, e a sua perversa lógica, discurso, disciplina e regulação dos corpos femininos.

Utilizo Judith Butler (2001, 2003) para pensar questões como seres abjetos, a ressignificação do termo “vadia”, normas regulatórias no jogo das identidades e as formas de contestação a essas normas na Marcha das Vadias.

Para discutir o feminismo no Brasil tenho como referência Ana Alice Alcântara Costa (2015), Cecília Maria B. Sardenberg (2008), Elizabeth Souza-Lobo (1991), Luiz Felipe Miguel e Flávia Biroli (2014), Cynthia Andersen Sarti (2004), Vera Soares (s.d), Natalia Pietra Méndez (2006), entre outros.

Alguns autores, como Marina Maluf e Maria Lúcia Mott (1998), Rachel Soihet (1989, 2005), Mary Del Priore (2000, 2002, 2005), Gilberto Freyre (1961), Cláudia Fonseca (2002), Guacira Lopes Louro (2002, 2004), entre outros, são utilizados para compreender a história das mulheres no Brasil.

Para entender a construção do corpo feminino no Brasil faço leituras dos autores citados no parágrafo anterior e outros, como Magali Engels (2002), Mirian Goldenberg (2007), Maria Izilda Santos de Matos (2003), Joana Maria Pedro (2013), Carla Bassanezi Pinsky (2013), Denise Bernuzzi Sant’anna (2013), Cibele de Albuquerque Tomé (2018), entre outros.

Para compreender a Marcha das Vadias tenho como referência Rachel Costa Goldfarb (2014), Henrique Coelho (2013), Carla Amaral (2013), JJ Domingos e Tânia

Maria Pereira (2017), Camila Carolina H. Galetti (2014), Carla Gomes e Bila Sorj (2014), Mariane Oliveira Junqueira e Veronica Korber Gonçalves (2011), Diana Helene (2013), Cynara Borges Veloso (2016) e Tyara Veriato Chaves (2013).

Nesse espaço, elenco os temas centrais e seus respectivos autores. Porém, a reflexão teórica nesta tese não se restringe aos autores apenas citados. Temos outras contribuições, como Adriano de Léon e a ideia de discurso de ódio, dentre outros.

Quando comecei o projeto pensei em discutir o corpo na Marcha das Vadias em Campina Grande a partir do que eu julgava como os temas principais do movimento: violência contra a mulher e legalização do aborto. Meu julgamento para pensar na violência contra a mulher se centrou no início da Marcha em Campina Grande que foi profundamente marcada pelos casos da “Barbárie de Queimadas” e do assassinato de Grabryelle Alves. Em relação ao aborto o que me dava indicativos para acreditar que este tema era central foi a Marcha de 2014, que problematizou largamente esse tema, e o ano de 2015, também marcado por publicações do Bruta Flor que clamava por legalização do aborto e se contrapunha ao Projeto de Lei 5069, de autoria do então Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que criminaliza o aborto em caso de estupro.

Porém, as entrevistas me apresentaram outros indícios. Os temas principais das quatro marchas em Campina Grande e, principalmente, as entrevistas com as integrantes do Bruta Flor me levaram a conclusão de que as questões apresentadas na marcha, violência contra a mulher, a mulher na rua, legalização do aborto, questões sobre classe e raça, etc. compõem uma problemática central: o corpo feminino, mais especificamente o direito ao seu corpo.

A fala de Ação corrobora com esse meu novo caminho na pesquisa. “(...) eu acho que a marcha em si, só a sua existência em si, já é falar sobre o corpo da mulher. E aí com os temas que ela traz, o aborto, a violência, tá inserido no nosso corpo todas essas questões”. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Nesses termos, essa Tese tem como objetivo analisar como a Marcha das Vadias de Campina Grande problematiza o corpo feminino e quais as suas intenções políticas.

A partir do exposto, esta encontra-se organizada em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, **FEMINISMO E TRANSFORMAÇÕES NO UNIVERSO FEMININO NO BRASIL (SÉCULOS XX e XXI)**, tenho como objetivo apresentar a história do feminismo no Brasil e as transformações no universo feminino que vão ocorrendo no século XX e XXI.

No segundo capítulo, **REPRESENTAÇÕES SOBRE O CORPO FEMININO NO BRASIL**, tenho como objetivo discutir as concepções sobre o corpo feminino no Brasil, da Colônia a Modernidade, tendo como referência os discursos religiosos, científicos, estéticos, etc.

No terceiro capítulo, **A MARCHA DAS VADIAS E SEUS SIGNIFICADOS POLÍTICOS**, tenho como objetivo historicizar a Marcha das Vadias, dando ênfase ao movimento em Campina Grande, no Estado da Paraíba, e seus significados políticos.

No quarto e último capítulo, **RESISTÊNCIA A FLOR DA PELE: SUBVERSÃO DO CORPO FEMININO**, tenho como objetivo discutir como o corpo é apropriado na Marcha das Vadias de Campina Grande e pensado por suas integrantes.

Por fim, nas considerações finais, apresento os principais resultados da Tese, esperando que o tema em tela sirva de inspiração acadêmica para a produção de outras pesquisas sobre tema tão empolgante.

1 FEMINISMO E TRANSFORMAÇÕES NO UNIVERSO FEMININO NO BRASIL (SÉCULOS XX E XXI)

“Acho que a Marcha tem papel fundamental na história do Feminismo”.

(AÇÃO, entrevista realizada em 03/08/2017)

O feminismo apresenta novas pautas e levanta bandeiras de acordo com o seu contexto histórico. Das sufragistas do início do século XX, mulheres que lutavam pelo direito ao voto, passando pelas emancipacionistas das décadas de 1970 e 1980, às feministas contemporâneas, temos várias representantes, como Doroty Newell, Simone de Beauvoir, Kate Millet, Juliet Mitchell, Joan Scoth, Carole Patman, Saffiot, Judith Butler, etc, e questões políticas postas em pauta.

O feminismo¹⁵ surge como um movimento que reivindica direitos para as mulheres e contra a subordinação feminina ao masculino, pois na relação homem/mulher as subjetividades circulam através de diferenças salariais, da fixação de trabalhos distintos, de brincadeiras, de piadas, de comentários e em todos os âmbitos sociais, como em casa, na sala de aula, no trabalho, na rua, etc.

No geral, o feminismo é dividido em ondas. Na primeira onda do feminismo anglo-saxônico, final do século XIX e início do XX, o movimento se caracteriza pela luta contra a desigualdade de direito entre homens e mulheres, principalmente no que diz respeito ao voto. As mulheres eram proibidas de votar e serem votadas. Essa situação foi se modificando lentamente a partir de muita luta. No Reino Unido as mulheres com mais de 30 anos passaram a votar em 1918. Já nos Estados Unidos o direito ao voto feminino foi alcançado em 1919. Apenas em 1932, as mulheres brasileiras alcançaram o sufrágio, e ainda assim, nem todas podiam

¹⁵ “O feminismo, enquanto movimento social é um movimento essencialmente moderno, surge no contexto das ideias iluministas e das ideias transformadoras da Revolução Francesa e da Americana e se espalha, em um primeiro momento, em torno da demanda por direitos sociais e políticos”. (COSTA, 2015, p. 01).

usufruir de tal direito, só as alfabetizadas, as que trabalhavam e as casadas, recebiam a autorização do marido; só em 1934 tal direito é estendido.

A segunda onda, anglo-saxônica, décadas de 60 e 70 do século XX, caracteriza-se pela ideia de militância política contra a opressão feminina. Esse é um momento de efervescência política, de contestação e luta por direitos das chamadas minorias, negros, mulheres, gays, etc.

Essa onda se firma em torno da ideia de que “o pessoal é político”, contestando o próprio conceito de político e borrando as margens entre público e privado. Segundo Costa (2015, p. 02):

Ao afirmar que “o pessoal é político”, o feminismo traz para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado, base de todo o pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político. Para o pensamento liberal, o conceito de público diz respeito ao Estado e às suas instituições, à economia e a tudo mais identificado com o político. Já o privado se relaciona com a vida doméstica, familiar e sexual, identificado com o pessoal, alheio à política.

Assim, o movimento feminista desse momento luta pela emancipação feminina, contestando qualquer forma de opressão e propondo transformações mais profundas na sociedade. Romper com valores patriarcais é romper com um modelo de sociedade representada pelo masculino.

Gomes e Sorj (2014, p. 436) apontam que estudiosos defendem uma terceira onda do feminismo. Vejamos algumas características dessa possível onda do feminismo:

A terceira onda, mais precisamente localizada no final da década de 1980, marca um momento de renovação teórica e de proliferação de diversas categorias identitárias de mulheres (Piscitelli, 2002; Pinto, 2003). A unidade do feminismo, construída pelo discurso da opressão comum das mulheres nas sociedades predominantemente patriarcais, é contestada. Inaugura-se uma noção de múltiplas opressões, notadamente aquela que emerge das desigualdades raciais. Ao discurso binário simples que opunha mulheres e homens sobrepõem-se outras oposições binárias, sobretudo entre mulheres brancas e negras, do Sul e do Norte.

É interessante notarmos que o feminismo no Brasil se pauta no modelo internacional. Porém, segue seu ritmo, ou seja, possui particularidades ligadas ao contexto nacional e, conseqüentemente, com uma agenda feminista de acordo com as necessidades da mulher brasileira. Temos, como exemplo, a oposição ao Regime Militar após 1964.

Apresento, a seguir, um pouco da história do feminismo no Brasil.

1.1 FEMINISMO NO BRASIL: UM CORPO ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

No Brasil o feminismo é visto como uma reação a nossa cultura instauradora de diferenças entre o masculino e o feminino, construídas desde o período colonial. Gilberto Freyre (1938) aponta que o Brasil é um país patriarcal. Desta forma, ao masculino está reservada a esfera pública e todas as suas dimensões sociais e culturais. Ao feminino sobra a submissão e o recato de “mulheres decentes”, ou seja, a esfera privada. Nestes termos se criam as condições para se estabelecer a relação de poder entre o masculino e o feminino.

O final do século XIX traz para as mulheres a perspectiva do trabalho, que poderia ser por necessidade ou o desejo das representantes de famílias mais abastadas. Porém, o trabalho apresenta constantes perigos ressaltados por conservadores, que não veem o trabalho feminino como algo positivo. Se há perigo, há necessidade de regulação e controle, como formula Louro (2002, p. 453):

Percebida e constituída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada. Toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco. Mesmo o trabalho das jovens das camadas populares nas fábricas, no comércio ou nos escritórios era aceito como uma espécie de fatalidade. Ainda que indispensável para a sobrevivência, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não as afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. [...]

Essa ideia de controle e manutenção da mulher no âmbito familiar legitima a ideia de separação entre o público e o privado. A luta feminista tem um papel crucial para borrar as margens entre esses dois espaços de demarcação de poder.

Assim, as primeiras décadas do século XX do movimento feminista foram destinadas, principalmente, a luta pelo sufrágio. A primeira Constituição Brasileira (1891) pós Proclamação da República assegurava no Artigo 72 que “todos são iguais perante a lei” e estabelecia o voto universal para os cidadãos alfabetizados. Porém, não deixava explícito que esse direito se estendia as mulheres e excluía a maior parte da população masculina, o segmento mais pobre da sociedade. (COSTA; SARDENBERG, 2008).

Essa privação de direito ao voto estabelece reivindicações, inicialmente, não organizadas. Quando se reúnem, apresentam-se como um movimento de mulheres da classe média. Jornais, como *O Sexo Feminino* (depois o *Quinze de Novembro do Sexo Feminino*) e *Voz Feminina*, reivindicam o voto feminino.

Em âmbito institucional é criado o *Partido Republicano Feminino* (1910), criada a *Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher* (1919), transformada em *Federação Brasileira para o Progresso Feminino* (FBPF – 1922), comandado por Bertha Lutz.

Vejamos o *Manifesto Feminista* (COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 37-38) lançado pela FBPF:

- 1) As mulheres, assim como os homens, nascem membros livres independentes da espécie humana, dotados de faculdades equivalentes e igualmente chamados a exercer, sem peias, os seus direitos e deveres individuais.
- 2) Os sexos são independentes e devem, um ao outro, a sua cooperação. A supressão dos direitos de um acarreta, inevitavelmente, prejuízos para o outro, e, conseqüentemente, para a nação.
- 3) Em todos os países e tempos, as leis, preconceitos e costumes, tendentes a restringir a mulher, a limitar a sua instrução, a entravar o desenvolvimento das suas aptidões naturais, a subordinar sua individualidade ao juízo de uma personalidade alheia, foram baseados em teorias falsas, produzindo, na vida moderna, intenso desequilíbrio social.
- 4) A autonomia constitui o direito fundamental de todo o indivíduo adulto; a recusa deste direito à mulher, uma injustiça social, legal e econômica que repercute desfavoravelmente na vida da coletividade, retardando o progresso geral.
- 5) As nações que obrigam ao pagamento de impostos e a obediência à lei os cidadãos do sexo feminino sem lhes conceder, como ao do sexo masculino, o direito de intervir na elaboração dessas leis e votação de impostos, exercem uma tirania incomparável com os governos baseados na justiça.

- 6) Sendo o voto o único meio legítimo de defender aqueles direitos, a vida e a liberdade, proclamados inalienáveis pela Declaração da Independência das Democracias Americanas, e hoje recolhidas por todas as nações civilizadas da Terra, à mulher assiste o direito ao título de eleitor.

O Manifesto apresenta a perspectiva de que as mulheres, assim como os homens, nascem livres e possuidoras de direitos e deveres. Para o progresso da nação é necessária a cooperação entre os dois sexos. Assim, limitar os direitos das mulheres se configura uma injustiça social, legal e econômica. O voto é posto como um elemento com poder de corrigir as injustiças sociais.

Porém, o direito ao voto é reflexo das mudanças que ocorrem nas primeiras décadas do século XX, assim como no comportamento feminino.

Os papéis estabelecidos ao feminino, baseado no tripé mãe, esposa e dona de casa, sofrem alterações, ou seja, é um momento em que o espaço público vai se abrindo ao feminino. Porém, não podemos esquecer que essa abertura foi acompanhada por códigos e discursos disciplinarizadores, como no Código Penal de 1916, que apresenta as mulheres como dependentes e subordinadas ao masculino, tido como o chefe da família. São elas consideradas, a partir da escrita do referido código, “parcialmente incapazes”. O homem possui o poder de conceder, ou não, a autorização para a mulher trabalhar ou assinar qualquer tipo de contrato.

A razão de ser do olhar que inferioriza o feminino é legitimada pelo discurso que confere às mulheres o lugar da fragilidade e da emoção em contraponto a força e a razão do homem. Assim, perpetua-se a ideia de que as mulheres devem ser encaminhadas na sociedade, pois os desvios de conduta e dos papéis sociais são largamente punidos, inclusive com a força física.

Assim, há uma série de normas regulatórias de adequação a um gênero. Ao se nascer mulher é traçado um caminho visto como natural ao feminino. A educação das jovens, no início do século passado, é destinada ao lar e a família: aprender o recato obrigatório a todas as moças de família; aprender a ler, escrever e executar as operações matemáticas apenas necessárias à administração do lar; aprender a bordar, costurar e cozinhar; apurar a docilidade e sentimento de maternidade para mais tarde exercer seu papel maior: ser mãe e esposa.

Na tentativa de fugir desses estereótipos, as mulheres chocam representantes de um poder conservador assinalados pelo Estado, Igreja, escola, medicina, etc. Vejamos o alarme causado pelas mudanças comportamentais do mundo feminino como observam Maluf e Mott (1998, p. 369-370):

O ritmo das mudanças ocorridas, considerado por muitos como alarmante, veio acompanhada de certa ansiedade por parte dos segmentos mais conservadores da sociedade, já tomados pela vertigem das grandes transformações que o país vinha vivendo, sobretudo a partir do último quartel do século XIX. Não faltavam vozes nesse começo do século para entoar publicamente um brado feminino de inconformismo, tocado pela imagem depreciativa com que as mulheres eram vistas e se viam e, sobretudo, angustiado com a representação social que lhes restringia tanto as atividades econômicas quanto as políticas. [...].

As mulheres são acusadas de tomar o lugar social dos homens e até de se masculinizarem. As revistas e jornais se encarregam dessa denúncia, sempre trazendo representações masculinizadas da mulher moderna. A ridicularização fortalece o estereótipo do perigo feminino. Assim, como algumas mulheres, Anayde Beiriz¹⁶, Julia Lopes de Almeida¹⁷, Gilka Machado¹⁸, etc., passam a fazer parte do universo jornalístico e literário do momento.

Porém, é possível encontrar algumas com discurso conservador, como é o caso de Julia Lopes de Almeida, que escreve a favor da manutenção da família brasileira e do controle do corpo feminino. Para a escritora a mulher deve ser exemplo de dignidade e de moral, sendo o lar seu espaço por excelência. A sua fórmula de felicidade para mulher consiste na adequação ao lar, a maternidade e ao casamento (BURITI, 2004).

¹⁶ Anayde Beiriz (1905-1930), paraibana, professora e poeta, foi considerada a frente do seu tempo por suas ideias e práticas progressistas, principalmente em relação a mulher e por viver publicamente uma relação amorosa com João Dantas. Anayde defendia a participação feminina na política.

¹⁷ Julia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (1862-1934), carioca e filha de portugueses, foi escritora, cronista, teatróloga, abolicionista e uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Artes. Sua atuação na imprensa se deu a partir dos 19 anos na Gazeta de Campinas e, posteriormente, em jornais e revistas, como Jornal do Commercio, A Semana, Ilustração Brasileira e Tribunal Liberal. Defensora da República e abolição e participante ativa de sociedades femininas no Rio de Janeiro, dava palestras e conferências sobre a mulher brasileira.

¹⁸ Gilka da Costa de Melo Machado (1893- 1980), poeta e pioneira da poesia erótica no Brasil, foi integrante da fundação do Partido Republicano Feminino, lutou pelo voto feminino e escreveu para jornais e revistas.

Esse é um tempo no qual ainda é muito comum o casamento por conveniência, acordos políticos e econômicos. Cabe ao feminino transformar esses acordos entre famílias em harmonia familiar e amor sereno, obediente e admiração pelo marido.

Em outubro de 1924 a *Revista Feminina* (apud Maluf e Mott, p. 394-396) apresenta o decálogo da esposa, ou seja, apresenta caminhos para um casamento harmonioso, honrado, sem sobressaltos:

I – Ama teu esposo acima de tudo na terra e ama o teu próximo da melhor forma que puderes; mas lembra-te de que a tua casa é de teu esposo e não do teu próximo;

II – Trata teu esposo como um precioso amigo; como a um hóspede de grande consideração e nunca como uma amiga a quem te contam as pequenas contrariedades da vida;

III – Espera teu esposo com teu lar sempre em ordem e o semblante risonho; mas não te aflijas excessivamente se alguma vez ele não reparar nisso;

IV – Não lhe peça o supérfluo para o teu lar; pede-lhe sim, caso possas, uma casa alegre e um pouco de espaço tranqüilo para as crianças;

V – Que teus filhos sejam sempre bem-arranjados e limpos; que ele ao vê-los assim possa sorrir satisfeito e que essa satisfação o faça sorrir quando se lembre dos seus, em estado ausente;

VI – Lembra-te sempre que te casaste para partilhar com teu esposo as alegrias e as tristezas da existência. Quando todos o abandonarem fica tu a seu lado e diz-lhe: Aqui me tens! Sou sempre a mesma;

VII – se teu esposo possuir a ventura de ter a sua mãe viva, seja boa para com ela pensando em todas as noites de aflição que terá passado para protegê-lo na infância, formando o coração que um dia havia de ser teu;

VIII – Não peças à vida o que ela nunca deu para ninguém. Pensa antes que fores útil poderás ser feliz;

IX – Quando as mágoas chegarem não te acovardes: luta! Luta e espera na certeza de que os dias de sol voltarão;

X – Se teu esposo se afastar de ti, espera-o. Se tarda em voltar, espera-o; ainda mesmo que te abandone, espera-o! Porque tu não és somente a sua esposa; és a honra do seu nome. E quando um dia ele voltar, há de abençoar-te.

Depois de tantas recomendações de zelo e obediência ao marido e legitimação do âmbito doméstico como um espaço eminentemente feminino como fica a relação entre trabalho e lar, trabalho e família, trabalho e maternidade? Como

gerir esses conflitos? Obviamente é possível mensurar, a partir do exposto, que a inserção das mulheres no trabalho não se dá de forma igualitária.

No final do século XIX ao início do século XX, vai ocorrendo a feminilização do magistério. Essa feminilização é acompanhada de um discurso que apela para características maternas e de entrega. Desta forma, Louro (2004, p. 97) apresenta a ideia:

[...] As professoras são compreendidas como mães espirituais – cada aluno ou aluna deve ser percebido/a como seu próprio filho ou filha. De algum modo, as marcas religiosas da profissão permaneceram, mas são reinterpretadas e, sob novos discursos e novos símbolos, mantêm-se o caráter de doação e de entrega que já se associava à atividade docente.

Assim, a professora deve encarnar o lugar da tia, seguindo a docilidade feminina muito próxima aos atributos maternos e longe da libidinagem sexual. O espaço escolar vai sendo moldado como uma concessão masculina ao feminino. Porém, acompanhada de regras rígidas de conduta, sempre estabelecendo a diferença de mulheres que “vão a rua” de mulheres “da rua”.

É interessante observar que a docência vai sendo colocada como algo complementar a existência das professoras e nunca substitutiva da função maior da mulher: ser mãe, esposa e dona de casa. Nessa concepção, a docência vai se feminilizando e nunca a mulher se masculinizando.

Convém acrescentar que esse é um trabalho mais direcionado a mulheres de famílias mais abastadas. As mulheres pobres são reservadas as ocupações de empregadas domésticas, lavadeiras, babás, etc. Além dessas atividades tidas como femininas, temos estas no trabalho fabril, principalmente no Sudeste do país.

Este trabalho, que é considerado por necessidade, nasceu da crescente urbanização e industrialização pelas quais o Brasil está passando no início do século XX. As tensões são visivelmente explícitas nos episódios fabris envolvendo mulheres e sua tônica principal é a exploração.

Assim, o trabalho fabril feminino não é bem visto nem entre os seus pares. É visto como a marca da pobreza de uma família, pois não é exercido como opção e sim como tentativa de amenizar o sofrimento econômico. Ao se tentar amenizar esse

sofrimento, imprime-se a violência sobre um corpo visto como dominado. Fonseca (1997, p. 516) aponta a situação feminina ao ingressar no trabalho:

A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade, vivia entre a cruz e a espada. O salário minguido e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar a miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da “mulher pública”.

Em vez de ser admirada por ser “boa trabalhadora”, como o homem em situação parecida, a mulher com trabalho assalariado tinha de defender sua reputação contra a poluição moral, uma vez que o assédio sexual era lendário. [...].

Além de enfrentarem o preconceito existente numa sociedade que se moderniza a partir de equipamentos, reformas urbanas e industrialização, mas tenta se fechar e continuar conservadora nos costumes, as mulheres passam por exploração cotidiana nas fábricas, como remuneração baixa, inclusive inferior a masculina, dupla jornada de trabalho, não deixam de ser donas de casa, mãe e esposa, horas exaustivas de trabalho, chegando até a 18 horas, assédio moral e sexual, etc.

A exploração sexual, igualmente, é muito comum. Patrões, mestres e contramestres se valem do seu lugar de poder para impor práticas sexuais abusivas. São coagidas com punições e até demissões caso não cedam aos seus apelos sexuais. Estas não passam a ser vistas como exploradas sexuais, mas como frágeis, passivas e indefesas ou até mesmo como “mulheres de vida fácil”. A moral e os valores dessa sociedade em transformação são mais temíveis para as mulheres.

Segundo Méndez (2006, p. 52-53):

O capitalismo evidenciou para o âmbito do mundo público a discriminação que as mulheres enfrentavam no mundo privado. A entrada das mulheres na produção possibilitou um crescente movimento de organização das trabalhadoras na luta por direitos iguais e pela ruptura com um sistema que as oprimia pela sua condição de mulher e de trabalhadora. As mulheres passaram a integrar o movimento operário, lutando ao lado dos homens pela superação do capitalismo que os oprimia. Contudo as pautas específicas das mulheres nem sempre eram absorvidas pelo conjunto do movimento operário

Figuras femininas, como Patrícia Galvão (Pagu)¹⁹, denunciam a exploração presente nas fábricas. A luta de classe se instaura com a possibilidade que a ruptura do espaço privado para o público propicia as mulheres se rebelarem contra os valores burgueses, presentes na sociedade, mas distantes dos seus cotidianos. Assim, anarquistas e socialistas tentam levar aos sindicatos as pautas feministas.

É interessante notarmos que essas pautas não são vistas de forma separadas dentro dos movimentos sindicais, pois acreditam que, acabando com o sistema capitalista, as trabalhadoras também estarão livres das suas amarras. A inserção feminina no mundo do trabalho propicia uma maior informação e participação ativa em movimentos sindicais e de greve.

Assim, nessa sociedade moralizante, as mulheres chocam com suas ideias feministas, como o direito de votar e ser votada, de trabalhar fora de casa, de participar dos espaços públicos, da igualdade de sexo, etc. Assim, as feministas são vistas como “anormais”, loucas e preocupantes, como aponta Buriti (2004, p. 06):

Era o feminismo que estava tornando “loucas” as mulheres, desprezando seus lares e metendo-se em assuntos naturais do sexo oposto. É essa a ênfase do artigo *O Verdadeiro Feminismo*, que faz crítica a um grupo de mulheres que acredita que a independência da mulher só pode ser obtida com a obtenção dos direitos políticos, ponto de vista visivelmente errôneo e, sobretudo, contraditório, em tais circunstâncias, da própria liberdade. Sem assinar tal artigo, o(a) articulista procura mostrar quão erradas estão essas mulheres que se dão à “liberdade” de gritar, de exigir autonomia, de requerer o direito ao voto! [...].

É interessante que está imagem produzida para as feministas em 1924, no artigo *O Verdadeiro Feminismo*, não está restrita a esse período. Estes estereótipos também eram utilizados para as feministas da segunda onda.

¹⁹ Patrícia Rehder Galvão (1910-1962) foi uma mulher versátil (escritora, jornalista, poeta, desenhista, cartunista, tradutora e diretora de teatro) e politizada, pois era militante do Partido Comunista Brasileiro e a primeira mulher a ser presa por questões políticas.

1.2 FEMINISMO NO BRASIL: UM CORPO EM BUSCA DE EMANCIPAÇÃO

A partir da década de 1970, momento da busca pela emancipação feminina inspirada nos movimentos feministas dos Estados Unidos e França, o feminismo também foi visto como uma ameaça que deve ser controlada.

Opressão e emancipação são termos muito caros para as feministas da segunda onda no Brasil, que passam a melhor se organizar em grupos, muitas vezes se associando a partidos populares de esquerda e grupos que lutam pela minoria (ALVES; PITANGUY, 1995). No Brasil, o feminismo não só se opõe a dita sociedade patriarcal, mas a própria situação política nacional, a Ditadura Militar. Assim, “a luta pela emancipação feminina é parte integrante da luta por uma sociedade mais justa e democrática”. (NÓS MULHERES, N. 6, 1977, p. 2 *apud* PEDRO, 2013, p. 252).

O feminismo no Brasil, além de abraçar uma pauta geral, sexualidade, corpo e violência contra a mulher, por exemplo, se debruça inicialmente mais na questão do trabalho e dos problemas da mulher trabalhadora. Esse é um momento político muito delicado, pois a Ditadura Militar impõe obstáculos à liberdade de expressão, perseguindo movimentos de contestação ao seu regime, que é extremamente conservador.

Sarti (2004, p. 39) aponta que o feminismo brasileiro pós 1964 surge nas camadas médias e intelectualizadas, mas que logo se articula com as camadas populares e suas organizações de bairro:

Essa atuação conjunta marcou o movimento de mulheres no Brasil e deu-lhe coloração própria. Envolveu, em primeiro lugar, uma delicada relação com a Igreja Católica, importante foco de oposição ao regime militar. As organizações femininas de bairro ganham força como parte do trabalho pastoral inspirado na Teologia da Libertação. Isso colocou os grupos em permanente enfrentamento com a igreja na busca de hegemonia dentro dos grupos populares. O tom predominante, entretanto, foi o de uma política de alianças entre o feminismo, que buscava explicitar as questões de gênero, os grupos de esquerda e a Igreja Católica, todos navegando contra a corrente do regime autoritário. [...].

Nesse contexto, no seio de movimentos de esquerda, as feministas formam “alas femininas” para depois se configurarem como um movimento autônomo. Essa é uma necessidade que surge pela própria organização e hierarquia desses movimentos, ou seja, espaço no qual as mulheres não têm vez. Essas afirmam que exerciam atividades de pouca importância, como panfletar, limpar os locais de reunião, fazer café, datilografar, etc. Assim, formam grupos de consciência ou reflexão, espaço que possuam fala, pois seus grupos não possuem hierarquia e líderes.

Os grupos de consciência ou reflexão têm como objetivo divulgar as ideias feministas. São grupos formados apenas por mulheres que se reúnem nas casas umas das outras ou locais públicos para discutir as pautas feministas. Tem uma organização que visa a ampliação dos seus grupos e, conseqüentemente, criar uma rede. Quando ultrapassa o número de 24 membros se divide, formando novos grupos. Porém, inicialmente não se denominam como feministas, pois há um forte preconceito. Assim formula Pedro (2013, p. 252) quando propõe a seguinte reflexão:

[...] as feministas eram constantemente criticadas por organizações e militantes de esquerda. Os partidos políticos que estavam na clandestinidade, por exemplo, estranharam a emergência do novo feminismo. Achavam “um absurdo” que os grupos feministas pudessem atuar como um movimento autônomo. Diziam que estes eram uma espécie de “chá das cinco” de mulheres ricas e ociosas, “uma terapia sem guru, nem terapeuta”, um desperdício de tempo que poderia ser bem mais empregado se fosse destinado à luta “maior” e “geral”. As facções políticas de oposição ao regime militar consideravam os grupos de consciência e as reivindicações específicas das mulheres como “desvio pequeno-burguês”. Acusavam as feministas de divisionismo, pois, ao invés de somar esforços, estariam promovendo a discórdia nas famílias e no campo da esquerda. Além de tentar desqualificar as reivindicações feministas, partidos políticos e determinados grupos de esquerda tentaram cooptar e aparelhar não só o movimento feminista, mas também todas as ramificações autônomas do movimento de mulheres. [...].

Essa tentativa de aparelhamento, através do envio de militantes aos grupos de mulheres, muito mais resulta numa dupla militância, ou seja, a militante de esquerda adere a causa feminista, resultando no estreitamento entre os movimentos. Porém, não há uma eliminação, na década de 1970, da carga pejorativa de ser feminista, pois este movimento é visto pela direita como um

movimento imoral, pela esquerda como “pequeno burguesa” e pelo público em geral como antifeminino.

Só a partir do processo de abertura política, em fins da década de 1970, que a maioria dos movimentos de mulheres passa a se proclamar como feminista. Assim, propiciando as reivindicações em relação à ideia de que o Estado deve promover o bem-estar social independente de gênero e o aprofundamento da reflexão em relação às discussões de gênero, principalmente desnaturalizando a concepção sacralizada do “ser mulher”.

O interessante é que as discussões e reivindicações dos grupos feministas não ficam restritas ao âmbito privado das reuniões e suas integrantes, alargam seus ideais para outros espaços, como em publicação de Periódicos (Brasil Mulher – 1975/1980; Nós Mulheres – 1976; Mulherio – 1981 e Chana com Chana – 1981); no Teatro (Homem não entra – 1975 – de Rose Marie Muraro e Heloneida Studart); na Televisão (TV Mulher – Globo – 1980/1986 – e Malu Mulher – Globo – 1979/1980); publicações feministas em Revistas (Claudia, Realidade e Veja) e em Jornais (Folha de S. Paulo).

A década de 1980 traz outro panorama para o feminismo. Deve ser lembrado que esta é uma década emblemática para o Brasil, momento de “reconstrução das instâncias da democracia liberal: reorganização partidária, eleição para os diversos níveis, reelaboração da Constituição do País, eleições presidenciais etc.”. (SOARES, p. 42).

Ocorre a junção de experiências distintas: a experiência das exiladas (anistia em 1979) que se deparam com um feminismo atuante na Europa, com um padrão de vida doméstica bem diferente do Brasil, e a experiência das feministas que ficam no Brasil combatendo uma situação de injustiça social, a Ditadura Militar. Nessa década, o movimento feminista está mais organizado, momento que passa a cobrar mais do Estado. Porém, continuando independente.

Segundo Souza-Lobo (1991)²⁰:

²⁰ No artigo não há numeração de páginas. Ver: SOUZA-LOBO, Elizabeth. **O gênero da representação**: movimento de mulheres e representação política no Brasil (1980-1990). 1991. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_17/rbcs17_01.htm>. Acesso em: 18 Abr. 2015.

[...] As questões feministas se transformaram em questões sociais que interpelam um público mais amplo do que as próprias feministas: creches, aborto, direito à contracepção ligado ao tema da saúde, violência contra as mulheres. As trajetórias e as práticas feministas cruzam as dos movimentos populares nos congressos, nos bairros, nos sindicatos. A transversalidade dos movimentos de mulheres remete a redes, pessoas e temas que tomam a forma de um sujeito coletivo: as mulheres nos movimentos (Melucci, 1980). As reivindicações, muitas vezes definidas como 'específicas', se articulam com problemáticas emergentes, como a cidadania e a igualdade.

O feminismo vai se alargando pelo Brasil, com destaque para os grandes centros urbanos, e ganhando outras dimensões. Muitos grupos se transformam em ONGs (Organizações não-governamentais) e buscam caminhos institucionalizados, como cobrando por políticas públicas que beneficiem o universo feminino e via atuação partidária. Nessa trajetória, a mulher e suas questões vão ganhando espaço no meio acadêmico, ocorrendo um *boom* no mercado editorial sobre o tema. Há a articulação com outros segmentos do movimento, como o segmento lésbico e de mulheres negras.

Essa aproximação com o Estado não foi tranquila no interior do movimento, pois muitas feministas temiam perder a autonomia do movimento feminista. Mas também era inegável o poder que o Estado possuía. Assim, seria um aliado importante na luta feminista, como aponta Costa (2015, p. 7):

Porém, o movimento feminista não podia deixar de reconhecer a capacidade do Estado moderno para influenciar a sociedade como um todo, não só de forma coercitiva com medidas punitivas, mas através das leis, de políticas sociais e econômicas, de ações de bem-estar, de mecanismos reguladores da cultura e comunicação públicas, portanto como um aliado fundamental na transformação da condição feminina (MOLYNEUX, 2003, p. 68). Também não podia deixar de reconhecer os limites da política feminista no sentido da mudança de mentalidades sem acesso a mecanismos mais amplos de comunicação e tendo de enfrentar a resistência constante de um aparelho patriarcal como o Estado. Caberia, ao feminismo, enquanto movimento social organizado, articulado com outros setores da sociedade brasileira, pressionar, fiscalizar e buscar influenciar esse aparelho, através dos seus diversos organismos, para a definição de metas sociais adequadas aos interesses femininos e o desenvolvimento de políticas sociais que garantissem a equidade de gênero.

Feministas se articularam com o *Conselho Nacional dos Direitos da Mulher* (CNDM), órgão do Estado responsável por elaborar e propor políticas para as mulheres. O lema “Constituinte para valer tem que ter palavra de mulher” ganha ressonância nacional, resultando na *Carta das Mulheres à Assembleia constituinte* e um *lobby* feminino fortalecido, o *lobby* do batom. Em torno de 80% das demandas feministas são aprovadas através da bancada feminina, constituída por deputadas constituintes (COSTA, 2015).

No final dos anos 1980, o *Conselho Nacional dos Direitos da Mulher* (CNDM) é progressivamente destruído, através de atos do governo Sarney, gerando, no início da década de 1990, a fragilidade dos órgãos do governo destinados às mulheres. Porém, o feminismo se diversifica, ganhando espaço em fóruns políticos internacionais, com o ciclo de Conferências Mundiais das Nações Unidas (Conferência do Rio de Janeiro sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente – ECO-92; Conferência de Viena sobre Direitos Humanos, Conferência do Cairo sobre Desenvolvimento e População) e a Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher (1995) em *Beijing*, na China.

Temos o chamado feminismo popular, quando alia a articulação de movimentos de mulheres pobres, via associação de moradores, sindicatos e centrais sindicais, organizações de trabalhadoras rurais, com o feminismo.

Segundo Soares (p. 47)²¹:

Os anos 90 também se caracterizaram pela introdução de novas temáticas: as ações afirmativas, as cotas mínimas de mulheres nas direções dos sindicatos, partidos políticos e, mais recentemente, nas listas de candidaturas aos cargos legislativos, como medidas para superar a quase ausência das mulheres nesses ambientes. Recentemente, a luta pelo direito das mulheres ao aborto tem sido alvo de muitos debates e reportagens na grande imprensa. Esse é um velho tema das feministas, mas no Brasil só após a democratização tem envolvido em maior número as mulheres.

Os anos 2000 se impõem como momento de concretização da necessidade do movimento feminista se articular em prol de cobrar o compromisso do Estado em

²¹ No site coletado o texto não há ano de publicação. Ver: SOARES, Vera. **Muitas faces do feminismo no Brasil**. Disponível em: <http://www2.fpa.org.br/portal/uploads/feminismo_brasil.pdf>. Acesso em: 18 Abr. 2015.

relação a agenda feminista, via políticas públicas. Segundo Costa (2015, p. 11), como resultado do processo de *Beijing*, a Articulação de Mulheres Brasileiras realiza uma avaliação das ações do governo em relação as políticas públicas nos últimos cinco anos após Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher. O resultado aponta alguns aspectos: “o documento final aponta para a fragilidade dos mecanismos executivos criados (...), os limites das políticas públicas implantadas, e a necessidade de manter a mobilização e pressão do movimento”.

Nessa perspectiva, há a necessidade de se criar uma Plataforma Política Feminista, buscando o compromisso, em 2002, dos candidatos presidenciais em relação à agenda feminista. Esse ano foi de articulação do movimento feminista em âmbito estadual e nacional. Era necessário garantir que o próximo governo se comprometesse com as causas feministas.

Dando continuidade as políticas públicas para as mulheres, temos, em 2003, a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Porém, mais recentemente, no plano jurídico, temos duas leis, resultantes das lutas feministas, que tentam coibir a violência contra a mulher: a Lei 11.340, de 07 de setembro de 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, e a Lei 13.104, de 09 de março de 2015, a Lei do Femicídio.

A Lei Maria da Penha, nome que faz referência à mulher que lutou contra a impunidade brasileira em relação à violência cometida por seu ex-marido, cria Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher e estabelece medidas de proteção as mulheres em situação de violência familiar e doméstica. Essa lei é considerada um marco na luta de enfrentamento a violência contra a mulher, pois especifica e criminaliza a violência doméstica.

A Lei do Femicídio considera como homicídio qualificado os assassinatos cometidos contra a mulher pelo fato da sua condição de ser do sexo feminino. Infelizmente, os casos de morte perpetrados contra a mulher são alarmantes e na sua maioria são cometidos por parceiros ou ex-parceiros.

Os marcos de enfrentamento as práticas misóginas são presentes na luta feminista no Brasil. A Marcha das Vadias se apresenta como mais um marco de enfrentamento, desta vez trazendo o corpo feminino como emblema dessa luta política.

1.3 TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO NO BRASIL?

Goldfarb (2014, 49-50) aponta que a Marcha das Vadias é característico de uma possível terceira onda do feminismo:

A MdV²² é um exemplo de novo coletivo feminista, no qual a estratégia de ação imediata mostrou-se eficiente e deu início ao movimento. Observamos que os movimentos feministas antecessores foram fundamentais para a construção desse longo trajeto geracional, histórico, que possibilitou a emergência atual dos discursos das participantes da MdV, que têm como principal palavra de ordem a defesa da autonomia do próprio corpo pelas mulheres, que, como já foi dito, é uma das bandeiras clássicas da Segunda Onda do feminismo.

Porém, Goldfarb (2014) não apenas pontua semelhanças da Marcha das Vadias com a Segunda Onda do feminismo, a ideia da autonomia do corpo, mas observa que há novas formas de articulação e linguagens, como exemplo o uso da internet como meio de divulgação das reivindicações e eventos feministas em detrimento da panfletagem dos anos 1970-1980.

Veloso (2016, p. 36) prefere adotar a ideia de um feminismo contemporâneo, caracterizado pelo feminismo pós-segunda onda, e que ainda está se desenvolvendo. Vejamos:

Esse momento atual do movimento feminista brasileiro vem se desenvolvendo desde a década de 1990, assumindo continuidades, rupturas, superações e ampliações, em acordo com seu momento histórico, suas possibilidades, seu contexto político e social. O feminismo contemporâneo esbarra em questões ainda bastante primitivas e, ao mesmo tempo, amplia seus contornos para dar conta das novas pautas, novas atores/atrizes, novas demandas que se colocam de forma mais atual. Testemunha de duas importantes gerações do feminismo, de importantes transformações culturais e sociais, as feministas contemporâneas não representam a sucessão e suplantação de suas antecessoras; antes, falam de agregação, sonoridade, teias e feminismos plurais.

²² Marcha das Vadias.

Uma das informantes, Ação pontua que a Marcha das Vadias é um canal de visibilidade do feminismo contemporâneo e suas causas, como a liberdade do corpo feminino, já frisado por Goldfarb (2014). Vejamos o que a jovem feminista da Marcha das Vadias aponta:

Eu acho que todo movimento de rua tem sua importância porque ele mostra que aquilo existe, que existem pessoas lutando por uma causa e também, por exemplo, como a gente faz aqui no Centro da cidade. Tem muita gente que não sabe o que é o feminismo, que não conhece. Então, ele acaba dando a oportunidade de chegar a essas pessoas que não vivenciam esse ciclo de universidade, coletivos, movimentos sociais. Então, eu acho que a importância tá nisso: **Dá visibilidade a temática** e de mostrar que ela está ali existindo/resistindo e quais as suas pautas. (Grifos meus). (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Na fala de Ação a ideia de visibilidade ao feminismo está em destaque já que acredita que este não deve ser restrito a certos grupos, mas também denuncia que deveria haver uma maior articulação dos segmentos feministas em prol de uma política mais efetiva, ou seja, construir do ponto de vista político algo mais concreto.

(...) Eu acho que não só a marcha, mas do movimento social, dos movimentos sociais, coletivos, grupos sociais, enfim... falta um pouco mais de articulação entre esses grupos para que possam ser feitas coisas realmente estratégicas. (...) Ir organizar a marcha e ir 50 pessoas pra rua, que isso não tem tanto efeito, nem visualmente, nem politicamente. Acho que falta articulação entre os grupos e discussões mais estratégicas. E algo que sinto falta nas marchas é um objetivo assim: "Vamos fazer essa marcha para construir um documento para entregar na Câmara dos Vereadores". Uma coisa assim que eu sinto falta de algo mais concreto assim, a construção de algo mais concreto na finalização da Marcha, como resultado da marcha. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Mas em nome de que feminismo as integrantes do Bruta Flor militam?

Levando em consideração a pluralidade do feminismo, as entrevistadas apontam a interseccionalidade como referência. Vejamos essa informação com Coragem:

A gente sempre tá procurando a interseccionalidade, sempre falar de raça, de classe, de identidade de gênero, uma coisa tipo a gente não

tem uma orientação, tipo “meu feminismo é tal”, mas todas as meninas que participam e sempre participam do grupo têm uma visão muito interseccional do feminismo, sabe? A gente tem a visão de que se não fosse pra todas não servia. Entendeu? (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Há outra questão interessante que Questionamento aponta: o preconceito contra o feminismo é revitalizado constantemente. Assim, as transformações do feminismo não são bem vistas, colocando em oposição feministas de antigamente e feministas contemporâneas.

(...) Em redes sociais, marchas a níveis nacionais, eu vejo homens e mulheres questionando “porque essas feministas não têm moral”, “essas feministas não são...”, que é a melhor parte, “essas feministas não são como as de antigamente, que lutavam por um lugar no mercado de trabalho, por melhor salário. Elas querem é vandalizar, elas querem...”, meio que, eles não usam esse termo, mas como se prostituir. E levando isso pra um lado totalmente negativo. (...). (Entrevista com Questionamento, em 08/02/2018).

Tiburi (2013, p. 22) analisa as ideias de Judith Butler sobre o feminismo na atualidade, apontando o gênero como um problema político. Dessa forma, Butler critica o feminismo sem deixar de ser uma feminista.

O ponto central da crítica de Butler reside no fato de que o feminismo que ainda trabalha com o “binarismo” de gênero – com a ideia de que “homem” e “mulher”, “masculino” e “feminino” são a verdade da sexualidade – incorre na reprodução daquilo mesmo que quer criticar. (...) O feminismo de Butler é a defesa de um desmonte de todo tipo de identidade de gênero que oprime as singularidades humanas que não se encaixam, que não são “adequadas” ou “corretas” no cenário da bipolaridade no qual acostumamo-nos a entender as relações entre as pessoas concretas. É justamente a adequação que estará na mira de Butler, enquanto todo o esforço da filosofia tradicional, que pesa sobre a questão do sexo e do gênero, se deu na direção de uma supressão das singularidades.

A crítica de Butler contesta a ideia de essência feminina ou masculina, pois na sua concepção o sexo não é determinante e/ou fundante do gênero, mas são construções históricas produzidas por discursos interessados. Assim, “(...) a diferença entre gênero e sexo não seria mais o caminho para a luta feminista. Mas o

respeito aos corpos cuja liberdade depende, em última instância, de serem livres do discurso que os constitui” (TIBURI, 2013, p. 23).

A Marcha das Vadias busca essa ideia de corpos livres de estereótipos construídos por discursos que produzem e naturalizam o feminino e o masculino. Na perspectiva de Butler esses corpos são generificados a partir da repetição de normas regulatórias. Assim, a Marcha das Vadias contesta normas de conformação de gênero. Essa contestação se dá a partir do momento que reivindicam a quebra de lugares fixos do que é ser homem e do que é ser mulher e, conseqüentemente, o que mulher pode ou não pode. Em síntese, buscam o empoderamento feminino.

No próximo capítulo, intento discutir a concepção do corpo feminino no Brasil, da Colônia a modernidade, tendo como referência os discursos religiosos, científicos, estéticos, com vistas a refletir como a realização da Marcha das Vadias possui uma relação próxima, de verdadeira simbiose, com a construção do corpo e suas diferentes variações interpretativas.

2 REPRESENTAÇÕES SOBRE O CORPO FEMININO NO BRASIL

“Eu acho que é isso: é desconstruir essa naturalização do corpo como um tabu, do corpo como pecado, do corpo como uma ferramenta meramente reprodutiva, sobretudo o corpo da mulher, né?”

(DESCONSTRUÇÃO, entrevista realizada em 09/02/2018)

Pesquisar sobre a Marcha das Vadias para analisar como esta problematiza o corpo feminino é necessário entendermos como esses corpos foram produzidos ou generificados ao longo da nossa história.

Nas próximas páginas, apresento corpos abjetos, ou seja, como o corpo feminino foi produzido a partir da exclusão. Corpos, na sua maioria, vistos como estranhos, anormais e produzidos por e para o domínio masculino.

Butler (2001, p. 155-156) define abjeto como:

(...) aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida. Nesse sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio.

Vejamos que o corpo feminino se remete, comumente, a uma série de representações que possui uma historicidade envolta a dominação, negação e medo. Corpo preparado para maternidade, corpo sagrado, corpo escultural, corpo desejado, corpo coberto, corpo vulgarizado, corpo exposto, corpo feio, corpo

castrado, etc. Essas são algumas representações dos corpos femininos circulantes na história do Brasil.

Porém, é necessário atentar para a construção da identidade feminina, que possui vários discursos que ora se entrecruzam, ora se distanciam. O fato de as mulheres serem vistas, ao longo da história, como *seres de cabelos longos e ideias curtas*²³, *um ser incompleto e mutilado*²⁴, *um ser de mente e alma confusas, incompreensível e inconstante*²⁵, etc., não significa que assim sejam por uma suposta “natureza” ou por “essência”.

Essas colocações não são dados da “natureza” e nem devem ser vistas como algo posto do nada. Ao longo da nossa história, os discursos moldam um corpo a ser vigiado e disciplinado, pois o feminino, nessa trajetória, simboliza o medo e a perturbação.

Portanto, as identidades femininas são construídas no lastro das práticas culturais e sociais, de práticas discursivas e não discursivas, no envolver de relações de poder/saber. Estas relações criam processos de naturalização da disciplina do corpo feminino com base em normas e regulamentações.

2.1 CORPO PANDORA, CORPO EVA: “UMA NATUREZA ESSENCIALMENTE IMPERFEITA”

Início a análise a partir do mito e, principalmente, da religião tendo em vista que esses aspectos possuem importância substancial no que diz respeito a construção/compreensão do que é ser mulher, pois apelam para uma essência. Tais representações sobre a mulher ainda circulam fortemente na atualidade. O Cristianismo no mundo ocidental tem uma força de persuasão muito grande. Portanto, não há como discutir a ideia de corpo feminino sem buscar entender uma das maiores forças subjetivadoras desse corpo marcado, a religião.

Para o discurso mitológico, a perturbação vinda de uma figura feminina é personificada por Pandora e, para o discurso religioso, essa figura é personificada

²³ Frase do filósofo alemão Arthur Schopenhauer.

²⁴ Ideia do século XVIII, que afirmava que a mulher é um homem invertido. Porém, inferior anatomicamente e moralmente. (DEL PRIORE, 2009).

²⁵ Ideia que circula nas subjetividades e discursos, principalmente, masculinos.

por Eva. Ambas simbolizam a desobediência, a curiosidade, a sedução e a fraqueza por terem caído em tentação.

Fundamentado no mito da criação do mal no mundo grego, Pandora se inscreve como uma identidade reveladora da negatividade, pois foi criada por Zeus²⁶ como um castigo a Prometeu²⁷ e aos homens.

Depois que Prometeu desafiou Zeus, dando-lhe os ossos cobertos de gordura do sacrifício de animais, o ser humano foi privado do fogo, que simboliza a sabedoria. Porém, Prometeu mais uma vez engana Zeus e rouba o fogo sagrado para o homem. Como forma de castigo, Zeus cria a mulher, símbolo do mal. Segundo Hesíodo, no século VIII a.C. (*apud* LAURIOLA, 2005)²⁸:

Ele [Zeus] fez este lindo mal para equilibrar o bem,
 Então ele a levou aos outros deuses e aos homens
 ... eles ficaram boquiabertos,
 deuses imortais e homens mortais, quando eles viram
 A arte de seduzir, irresistível aos homens.
 Da sua raça vem a raça das mulheres fêmeas,
 Esta raça mortífica e população de mulheres,
 Uma grande infestação entre os homens mortais,
 Que vivia com riqueza e sem pobreza.
 Acontece o mesmo com as abelhas nas suas colméias
 Alimentando os zangões, conspiradores maus.
 As abelhas trabalham todo dia até o pôr do sol,
 Ocupadas o dia inteiro fazendo pávidos favos,
 Enquanto os zangões ficam dentro [da colméia] nos favos vazios,
 Enchendo o estômago com o trabalho dos outros.
 Foi assim como Zeus, o alto senhor do trovão,
 Fez as mulheres como uma maldição para os homens mortais,
 Conspiradoras do mal. E ele juntou outro mal
 Para contrabalançar o bem. Qualquer um que escape ao casamento
 E à maldade das mulheres, chega à velhice

²⁶ Divindade suprema do Olimpo, era conhecida como o deus dos deuses e dos homens.

²⁷ Titã que simbolizava a humanidade e a sua vontade por conhecimento. A palavra *Prometeu* significa em grego “previdente” ou “prudência”, mas também possui um sentido de enganador, embusteiro.

²⁸ Texto retirado da internet sem numeração de páginas. Ver: LAURIOLA, Rosanna. Pandora, o mal em forma de beleza: o nascimento do mal no mundo grego antigo. Tradução: Eva P. Bueno. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 52, set. 2005. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/052/52elauriola.htm>. Acesso em: 13 jul. 2016.

Sem um filho que o mantenha. Ele não precisa de nada
 Enquanto viver, mas quando ele morre, parentes distantes
 Dividem seus bens. Por outro lado, quem se casa
 Como é mandado, e tem uma boa esposa, compatível,
 Tem uma vida equilibrada entre o mal e o bem,
 Uma luta constante. Mas se ele se casa com uma mulher abusiva
 Ele vive com dores no seu coração o tempo todo,
 Dores no espírito e na mente, o mal incurável.

Porém, o advento do mal no mundo grego não se dá apenas com a criação de Pandora, mas também com a sua atitude de abrir a caixa ou jarra que carregava todos os males do mundo. Pandora, num ato de curiosidade, abre a caixa e deixa sair todas as desgraças que vieram abater o homem: a doença, o trabalho, o sofrimento, o egoísmo, etc. Ao perceber que cometera um erro, Pandora fecha a caixa, mas o que resta é a esperança.

O discurso mitológico inscreve no corpo da “que possui todos os dons” a contradição. Ao mesmo tempo em que é portadora do mal inevitável, ela conserva na sua caixa a esperança. Nessa concepção a mulher é um mal necessário. Até hoje circula nas nossas subjetividades, principalmente masculina, a alma feminina como o desconhecido, pois, segundo essa ideia, carrega em si o inesperado e o contraditório.

Na tradição judaico-cristã, temos a imagem de Eva, que já denota um sentido de inferioridade no momento da sua criação, pois foi criada da costela de Adão. Assim, não representa a imagem divina como Adão, mas sim a semelhança divina. Eva surge no mundo para ser a companheira de Adão, porém se revela, na perspectiva cristã, como o mal pela sua desobediência, curiosidade e ao se entregar às tentações.

A simbologia do ato de comer o fruto proibido não se apresenta apenas como mera curiosidade, mas como uma vontade de saber. Ao comer o fruto proibido, o mundo do bem e do mal se abriria e a mulher e o homem se tornariam deuses e conhecedores de tudo. Ao se ter o saber, conquistar-se-ia o poder. Na Bíblia, Gênesis (3: 1-7) é possível ler:

A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse a mulher: 'É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim?'

A mulher respondeu-lhe: 'Podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: 'Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais'.

'Oh, não! – tornou a serpente – vós não morrereis!'

'Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal'.

A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente.

Então os seus olhos abriram-se; e, vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram cinturas para si.

Entre dois paralelos, a imagem de Eva foi construída: o de que a mulher foi fraca, desobediente e propensa ao erro, por sucumbir à tentação personificada pela serpente; e o de que Eva foi ardilosa, sedutora e persuasiva ao convencer Adão a comer o fruto proibido e, conseqüentemente, introduzi-lo no pecado. Nessas duas perspectivas, Eva é culpada pela perda do paraíso.

Nesse sentido, o discurso religioso afirma que a alma feminina possui caminhos desconhecidos e perigosos, sendo de natureza essencialmente imperfeita, por derivar de Adão e por ser pecaminosa. O mau uso que Eva faz do seu livre arbítrio ou liberdade de escolha é o caminho para o seu aprisionamento, ou seja, surge a noção de que os corpos e almas femininos devem ser encaminhados e disciplinados.

Desta forma, a mulher deveria se aproximar da imagem de Maria, mãe de Jesus Cristo, ideal de mulher, a que dedica e abdica da vida em nome do seu filho. Em contraponto, deveria se afastar da imagem de Eva, a mulher sedutora e pecaminosa, que se entregou às tentações, causando todo o mal a humanidade.

A partir dos séculos XI e XII, o mundo ocidental se depara com um novo culto, o culto a Maria, a *Nova Eva*. Nesse período em que há a sua popularização a partir de sermões, poemas e, principalmente, narrativas de milagres. Esse tipo de narrativa é de cunho essencialmente moralizante, ou seja, cada narrativa apresenta a quebra da "normalidade" e, posteriormente, caminhos a serem seguidos. Nessa

literatura, Maria é representada como uma bela donzela e como a portadora das bênçãos divinas e dos milagres. (MACEDO, 2002).

Maria, enquanto o oposto de Eva, surge como o símbolo da obediência e da redenção da humanidade. Apesar de imagem singularizada, Maria representa tudo o que uma mulher deveria seguir: amor, obediência incondicional, fé, abdicção, pureza e castidade. Entre a santa e a satânica, a vida da mulher deve ser uma guerra constante contra o mal e o pecado, ou seja, deve se afastar da imagem da despudorada e maléfica Eva.

Na Idade Média, as identidades femininas “anormais” são as que fogem do ideal de mulher, ou seja, as bruxas, as feiticeiras, as concubinas, as guerreiras, as mundanas, etc. Essas são a representação do mal, as que estão mais próximas à imagem de Eva, ou seja, as que causam o medo e a perturbação; sendo assim, as que devem ser domadas e controladas.

Segundo o discurso religioso, que pretende apresentar uma realidade maniqueísta, essas mulheres carregam em si uma essência traiçoeira, mesquinha e maléfica. Elas são as portadoras do caos. Esse discurso pretende resgatar a normalidade destas, indicando caminhos como a virgindade antes do casamento, o casamento e a maternidade.

2.2 CORPO CIÊNCIA: RAZÃO E “VERDADES” BIOLÓGICAS

Para Engel (2002, p. 332), falando já do século XIX e do discurso científico, mas que também se encaixa na realidade discursada e construída pelo discurso religioso:

A mulher transformava-se num ser moral e socialmente perigoso, devendo ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento do seu papel social de esposa e mãe; o que garantiria a vitória do bem sobre o mal, de Maria sobre Eva.

Na Idade Média, a mulher é vista como o mal sob o ponto de vista da religião. Sendo assim, mesmo o discurso religioso tendo construído a identidade feminina

pautada na negatividade e na inferioridade, o discurso científico é mais pesado, aprisionante e determinante, pois, na Idade Moderna, a mulher passa a ser vista como inferior e passível de submissão sob o ponto de vista da ciência, já que nessa perspectiva, a mulher não possui, entre várias outras características desqualificantes, uma racionalidade igualável a do homem.

Para o discurso científico, o “outro” é a representação do exterior do “eu”, ou seja, aquele que está fora da identidade “normal”, que não pertence ao ideal de sujeito.

Nessa perspectiva, a mulher está mais próxima da natureza, dos instintos e dos desejos, enquanto o homem da cultura, da razão e da ciência. Além da diferença ser marcada culturalmente, ela também é marcada pelo corpo, ou seja, a partir de “verdades” biológicas.

Porém, as diferenças não são um dado da natureza, ou seja, algo natural e que possui uma essência, mas sim uma construção discursiva e histórica, pois se localiza num momento específico no tempo. Como o essencialismo²⁹ fundamenta-se na história e na biologia, as identidades podem ser criadas baseadas num determinado passado – identidades nacionais, étnicas e religiosas – e também na biologia – identidades de gênero e de raça.

Na perspectiva biológica, o corpo estabelece fronteiras e diz quem somos. Assim, o feminino é definido pela sua fisiologia, mais especificamente pelo seu aparelho reprodutor, e, conseqüentemente, seu papel social e cultural caminha em direção dessa perspectiva.

Na Idade Moderna, nos séculos XVI, XVII e XVIII, o conhecimento sobre o corpo feminino se restringe a um conhecimento resumido e impregnado de preconceitos religiosos, como a concepção de que o corpo feminino é palco perpétuo de luta entre Deus e o Diabo.

²⁹ Pensamento que busca compreender o fundamento da realidade de uma substância primeira, a essência. Segundo o essencialismo, a essência, seja individual ou coletiva, não se altera ao longo do tempo, permanece imutável e estática.

2.3 CORPO BRASIL: O OLHAR MISÓGINO

No Brasil, a interpretação sobre o corpo feminino, em boa medida, é herança da Europa, pois o modelo de colonização português impunha a perspectiva de transformar o Brasil em continuidade de Portugal. Digo em boa medida já que devemos levar em consideração a ideia de que o Brasil foi formado por vários elementos, brancos, negros e índios. Assim, não pode ser considerado uma representação fiel de Portugal.

Porém, vale salientar que saber e prática médica no Brasil Colônia são heranças de Portugal, que vivia de uma religiosidade exacerbada e, conseqüentemente, perseguia, via Inquisição, quaisquer iniciativas científicas e culturais. Portugal, em relação a França, Inglaterra e Holanda, era atrasada do ponto de vista intelectual. Assim, o Brasil simbolizava a continuidade desse atraso. (DEL PRIORE, 2002).

Quando observamos os saberes e práticas médicas do Brasil Colônia nos deparamos com os chamados médicos que restringem seus conhecimentos, em relação ao corpo da mulher, ao seu aparelho reprodutivo. Assim, a madre (útero)³⁰ é a chave de distinção entre mulheres e homens.

Segundo Del Priore (2002, p. 83):

A medicina traduzia então as suas poucas descobertas sobre a natureza feminina em juízos fortemente misóginos e desconfiados em relação às funções do corpo da mulher. Na tentativa de isolar os fins aos quais a natureza feminina deveria obedecer, os médicos reforçavam tão-somente a ideia de que o estatuto biológico da mulher (parir e procriar) estaria ligado a um outro, moral e metafísico: ser mãe, frágil e submissa, ter bons sentimentos etc. Convém notar que a valorização da *madre* como órgão reprodutor levava a uma valorização da sexualidade feminina, mas não no sentido da sua realização e sim no de sua disciplina. Pensava-se que, ao contrariar sua função reprodutiva, a *madre* lançava a mulher numa cadeia de enfermidades, que iam da melancolia e da loucura até a ninfomania.

³⁰ A madre é entendida como a geradora de todo o bem feminino, a maternidade, e todos os males, como a perversão moral e social e os distúrbios mentais. Em síntese, a madre é o órgão sexual e reprodutor feminino. Porém, define ou carrega em si as marcas de “normalidade” ou “anormalidade” das mulheres.

A mãe define a mulher como depositária da vida³¹, mas também da morte. Assim, sua função é dependente do sêmen, ou seja, do homem. O olhar misógino constrói a imagem de um corpo de mulher, que todo mês passa por purificação, a menstruação, mas que também pode ser um veneno. Da menstruação temos magias, sortilégios e envenenamento³².

No século XIX, o século das ciências, a medicalização (demonização) do corpo feminino tem como respaldo um discurso que se apresenta como legítimo e verídico, pois tem como base a ciência. Assim, paulatinamente o discurso religioso dá espaço ao discurso científico.

Segundo Engel (2002, p, 332):

No século XIX ocidental, a velha crença de que a mulher era um ser ambíguo e contraditório, misterioso e imprevisível, sintetizando por natureza o bem e o mal, a virtude e a degradação, o princípio e o fim, ganharia uma nova dimensão, um sentido renovado e, portanto, específico. Amplamente disseminada, a imagem da mulher como ser naturalmente ambíguo adquiria, através dos pincéis manuseados por poetas, romancistas, médicos, higienistas, psiquiatras e, mais tarde, psicanalistas, os contornos de verdade cientificamente comprovada a partir dos avanços da medicina e dos saberes afins.

Essa ambiguidade é reflexo da compreensão da mulher como portadora de atributos positivos e negativos. Vigiar e regular significam assegurar a natureza³³ positiva da mulher. As que se colocam nos desregramentos (recusa a maternidade, sexualidade livre, adultério, infanticídio, aborto, falta de amor pelos filhos, etc) se lançam a pecha de serem consideradas antinaturais. Nesse sentido, há a ideia que na natureza feminina há uma luta constante entre o bem e mal.

Nesse momento, a mãe continua sendo a chave de definição para o ser mulher e porta para enfermidades, como loucura e histeria. A ideia de loucura está intimamente ligada a figura da mulher e dos seus desregramentos físicos e morais.

³¹ Visão aristotélica.

³² Até hoje circula nas nossas subjetividades a ideia do poder da menstruação em práticas mágicas, como exemplo a simpatia de pingar menstruação no café do amado para prendê-lo, ou, até mesmo, segundo João Curvo Semelo, deixar um homem louco ou matá-lo.

³³ Pensamento que tem a concepção de que exista uma natureza comum a todos e a cada um dos seres, ou seja, acredita na existência de uma essência.

A criação da cadeira de Clínica Psiquiátrica, em 1879, nos cursos de Medicina nas faculdades, juntamente com as perspectivas inauguradas por Cesare Lombroso³⁴, no final do século XIX e início do XX, termina legitimando um saber que é, sobretudo, autorizado.

O saber médico não apenas patologiza as nomeadas e classificadas como loucas, mas também define um distúrbio mental praticamente exclusivo para as mulheres: a histeria, que possui uma íntima relação com a madre. Para médicos e legistas, o corpo feminino, com os seus fenômenos naturais como a menstruação, a gravidez, o parto e o pós-parto, está fisiologicamente predisposto a doenças mentais. Para Engel (2002, p. 343):

A visibilidade e os significados da concepção segundo a qual a histeria seria em sua própria essência uma doença feminina encontram-se profundamente vinculados à tradição que – presente na medicina hipocrática, passando pelos médicos medievais – identificava o ‘mal histérico’ à ‘sufocação da madre’.

Nesse período, a madre é a chave de todos os males. Foram lançadas várias teses negando o prazer sexual feminino. A mulher que sente prazer sexual é tida como ninfomaníaca, porém não pode repudiar o ato em detrimento da maternidade, que pode salvá-la da doença mental. Outras teses são lançadas, porém mais escassas, reconhecendo o prazer sexual da mulher e a necessidade de realizá-lo, já que a sua falta ou ineficiência pode causar a prática da masturbação e, conseqüentemente, a histeria.

A histeria coloca a mulher no rol das “anomalias” psíquicas e sociais, podendo se lançar ao mundo da criminalidade, como bem aponta Engel (2002) na sua análise dos três casos de mulheres diagnosticadas como portadoras de distúrbios mentais. O comum é alienistas e criminalistas montarem um quadro de investigação, fazendo um apanhado de aspectos biológicos e morais. Essa perspectiva explicita bem como

³⁴ “Cesare Lombroso, médico de formação, dedicou-se aos estudos sobre criminalidade, elaborando uma teoria sobre a questão de grande influência [...]. Atribuía a criminalidade a razões biológicas, decorrentes de anomalias que influíam na formação da personalidade dos delinquentes. Dizia que determinados indivíduos eram portadores de características degenerativas, próprias de um estágio primitivo de evolução do ser humano, as quais indicavam sua tendência criminoso. Podiam, portanto, os criminosos serem identificados através de estigmas ou características anatômicas”. (SOIHET, 1989, p. 82).

é vista a sexualidade feminina, nos três laudos médicos são evidenciados distúrbios das regras menstruais, que, segundo médicos, indicam alienação mental.

Esse é um mapeamento comum nos corpos de mulheres que fogem a “normalidade”. Assim, os laudos são impregnados de aspectos subjetivos, no que diz respeito a moral e sexualidade feminina, e de aspectos objetivos, no que diz respeito as características fisiológicas.

Desta forma, a medicalização do corpo feminino em vias práticas significa castração da sua sexualidade. Visto como um perigo, as práticas de dominação vão do enclausuramento à negação do prazer sexual da mulher, passando pela adequação a virgindade e tantas outras medidas sanativas desse “mal necessário”.

A ideia de virgindade persiste, significa honestidade feminina e garante ao homem a junção com uma mulher que não se deixa levar pelos prazeres da carne. O medo do adultério feminino é uma constante.

Segundo Lombroso e Ferrero³⁵ os casos de desviantes, prostitutas e criminosas, comprovam que há grupos com manifestações de degenerescência marcada por características biológicas. Assim, a criminalidade está marcada na natureza de certas pessoas. (SOIHET, 1989).

Soihet (1989, p. 82) apresenta as três modalidades de criminosas elencadas por Lombroso e Ferrero. Vejamos:

[...] as criminosas natas que se constituíam no tipo mais perverso, face o seu grande número de caracteres degenerativos, apresentando soma considerável de características masculinas; as criminosas por ocasião, dotadas de características femininas, embora apresentando de forma latente, em gradações diversas, a tendência para o delito e as criminosas por paixões que atuam a partir de seu caráter arrebatado, ou seja, a partir da forte intensidade de suas paixões.

Na tentativa de “domação” dos corpos desviantes, como os corpos femininos, são construídos no Brasil hospitais para alienados, que é uma estratégia de separação entre o privado e o público. Assim, a mulher que foge aos preceitos de

³⁵ LOMBRISO, Cesare; FERRERO, GUGLIELMO. La femme criminale et la prostituée. (traducion de l'italien), 1896. Obra citada por Soihet (1989).

docilidade, fragilidade e emoção é tida como “anormal” e “antinatural” e precisa ser excluída da sociedade.

Os alienistas acreditam que a maternidade é capaz de curar distúrbios psíquicos relacionados à sexualidade, assim como intervenções cirúrgicas ginecológicas, como a cauterização da uretra e extirpação do clitóris, reforçando a ideia que há uma grande associação entre a loucura e o útero. Nessa concepção, o útero define a mulher e determina seu comportamento emocional e moral. O discurso médico apreende a identidade feminina a um corpo estranho, perigoso e labiríntico, sendo, portanto, passível de se explorar, domar e disciplinar.

Assim, uma marca de diferenciação, definida pelo discurso que se pauta nas diferenças biológicas, entre homens e mulheres é a maternidade, posto só a mulher ser capaz de gerar uma criança no ventre.

Essa marca de diferenciação diz quem somos e qual o nosso lugar na sociedade e na nossa cultura. Nessa perspectiva, a maternidade possui a função de resgatar uma “verdadeira” essência feminina ligada aos ideais de normalidade de em conformação com a sua função de mulher. A maternidade é o momento auge de afirmação da identidade feminina.

De acordo com Del Priore (2005, p. 208-209):

[...] Partia-se do princípio de que, graças á natureza feminina, o instinto materno anularia o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente, anormal. ‘Aquilo que os homens sentiam’, no entender do dr. William Acton, defensor da anestesia sexual feminina, só raras vezes atingiria as mulheres, transformando-as em ninfomaníacas. Já na opinião do renomado Esquirol, que tanto influenciou nossos doutores: ‘Toda mulher é feita para sentir, e sentir é quase histeria’. O destino de tais aberrações? O hospício. Direto!

As imagens representativas de adequação a uma identidade “normal” não chamam tanto a atenção quanto as imagens de mães “desregradas”, pois as mães “normais” apenas estão cumprindo com o seu papel social e cultural padronizado. As mães “desregradas” sempre incomodam, pois vão de encontro as imagens cristalizadas de que a mãe simboliza o amor, a doação, a entrega, o sacrifício e a dor do parto à criação, etc.

Outra questão é: a maternidade não deve ser concretizada a qualquer momento na vida de uma mulher. Deve seguir outro princípio de adequação à identidade feminina, o casamento. A mulher para concretizar a maternidade precisa ser casada.

Matos (2003, p. 109) aponta que no século XIX o cientificismo abrange as esferas da vida e traz a ideia de regulação e controle do ponto de vista não apenas social, mas também imprimindo marcas em corpos que devem ser disciplinados, incorporados por mudanças de hábitos e atitudes. Vejamos:

[...] O cientificismo imperante nesse período permitiu aos médicos expandir o controle sobre a vida de homens e mulheres, normatizando os corpos e os procedimentos, disciplinando a sociedade, ordenando a sexualidade e os prazeres. Nesse sentido, o discurso médico apresentava a sociedade como um organismo caótico que necessitava ser regrado, estabelecendo uma oposição entre uma desordem real e uma ordem ideal, sendo a interferência do médico considerada indispensável.

Essa ideia de ordenação e regulação vem acompanhada do discurso higienista³⁶, em que o seu alvo não são apenas os espaços públicos, mas os privados e, sobretudo, os indivíduos. Segundo Soihet (1989) a sociedade passa a ser vista como o lugar da regulamentação médica, pois é o lugar da desordem social. É obrigação médica tratar das enfermidades, mas também da saúde da população como um todo. Os espaços devem ser limpos, arejados, com luminosidade, vias abertas, etc. Já os corpos devem ser asseados, as roupas limpas, assim como o ambiente familiar. Assim, os corpos e os espaços sem as condições adequadas de higiene estão predispostos ao adoecimento da sua população.

Nesse processo higienizador, a mulher é agente responsável pelo bem-estar e futuro da nação, via família. Desse modo, exercer a maternidade e preparar as gerações futuras para uma vida melhor é primordial. Agindo desta forma a mulher exerce sua função biológica principal: ser mãe.

³⁶ Doutrina que surgiu na Europa no final do século XIX. Tinha como base a definição de padrões sociais e comportamentais em prol da saúde coletiva e individual. Médicos e sanitaristas enxergavam a sociedade como um organismo vivo. Desta forma, aptos a patologias. Portanto, era necessário medicalizar os espaços e a população.

Essas “verdades” científicas constroem a concepção de uma feminilidade atrelada a fragilidade, submissão e necessidade de regulação. As identidades se inscrevem nas significações simbólicas a partir das subjetividades, como também nas práticas sociais e culturais. Os pensadores nomeados de modernos se delimitam no saber científico para justificar as diferenças e legitimar as desigualdades e exclusões entres os sexos. Para o discurso masculino, a mulher não é apenas diferente, mas também desigual. São diferentes física e psicologicamente e desiguais social e culturalmente.

Afirma Louro (2004, p.20-21, grifos da autora):

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem ‘científica’, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e *justificar* – a desigualdade social.

O alvorecer do século XX é marcado por essa perspectiva de domaçaõ do corpo feminino e caminhos pré-estabelecidos. Mas o seu desencadear apresenta vários outros aspectos, como a própria ideia de modernizaçaõ dos costumes. Porém, junto com essa ideia de modernizaçaõ aparecem outras estratégias de domaçaõ e adequaçaõ.

Civilizar a sociedade brasileira, segundo Buriti (2004), é resguardar a família como base da incipiente República. Assim, discursos médicos, religiosos, jurídicos, entre outros, se voltam, assim como no final do século XIX, para o feminino e tenta salvaguardar a constituição de uma sociedade honrada, harmônica e segura.

Desta forma, a sociedade brasileira vai se articulando entre o moderno – através da aquisição de equipamentos modernos e a urbanizaçaõ de algumas cidades, com praças, coretos, passeios públicos, etc. – e o conservador – através do olhar que vigia e pune a todos e a todas.

Carla Bassanezi Pinsky (2013) divide as representações da mulher no século XX em dois modelos de adequaçaõ a sociedade: os modelos rígidos e os modelos flexíveis. O primeiro modelo se localiza do início do século XX ao começo da década

de 1960. O segundo modelo vai da metade dos anos 1960 a atualidade, momento de questionamento e quebra dos ideais anteriores e surgimento de novas sensibilidades.

Nos modelos rígidos temos a ideia de uma “natureza feminina”, como bem apresenta Pinsky (2013a, p. 470-471):

Na primeira metade do século XX, não parecia haver dúvidas de que as mulheres eram, por “natureza”, destinadas ao casamento e à maternidade. Considerado parte integrante da essência feminina, esse destino surgia como praticamente incontestável. A família era tida como central na vida das mulheres e referência principal de sua identidade: uma moça solteira era, sobretudo, “a filha”, uma senhora casada, “a esposa”. A dedicação ao lar, decorrência óbvia e inescapável, fazia do papel de “dona de casa” parte integrante das atribuições naturais da mulher.

Há o ideal de mulher baseado no tripé mãe, esposa e dona de casa, apresentado no primeiro capítulo. Assim, esse período se materializa na junção dos discursos médico e religioso: “natureza” duplamente reforçada. Virgindade, casamento, maternidade e submissão ao masculino fazem parte da ordem social e cultural vigente.

As práticas “antinaturais”, gravidez antes do casamento, aborto, masculinização, infanticídio, adultério, prostituição, não amar os filhos, ser desleixada com o corpo e a casa, entre outras, são largamente combatidas por um rol de falas disciplinadoras.

O corpo sadio é o adequado as recomendações de uma vida virtuosa, honrada e disciplinada. Tem início a moda do corpo magro e a inserção da mulher no mundo dos esportes. A ideia de magreza vai ganhando espaço ao longo das décadas, pois no início do século XX magreza é certidão de doença e pobreza. Segundo Sant’Anna (2013, p. 106):

[...] uma vasta e proeminente barriga, rebelde ao espartilho, podia ser malvista. Pior ainda eram os corpos magricelas. Os regimes aconselhados pela imprensa destinavam-se, sobretudo, a ganhar volume corporal. Magreza acentuada era sinônimo de doença e pobreza, assemelhava-se ao raquitismo e à neurastenia. Mulher muito magra corria o risco de ficar solteira para sempre. Por isso ela era aconselhada a comer grande quantidade de alimentos

suculentos. Feiura, palavra usada com naturalidade pela imprensa, associava-se facilmente a silhueta chamada popularmente de “vara pau”, “espantalho”, “palito esturricado” e “bacalhau”.

Essa perspectiva de visão da magreza vai mudando quando na Europa se instaura a moda da mulher praticando exercícios físicos, trazendo a admiração por corpos mais esbeltos. O Brasil consome vorazmente a moda Europeia, mas também teme à masculinização das mulheres.

Nos modelos flexíveis há a transformação das imagens de mulher que acompanha as transformações no Brasil e no mundo, com os movimentos de contracultura, como movimento *hippie*, movimento *gay*, movimento negro, feminismo, etc. Pinsky (2013b, p. 514) aponta que a partir da segunda metade da década de 1960 as transformações do universo feminino encontram terreno adequado para florescer. Vejamos esse terreno:

[...] a distância entre homens e mulheres estão bem menores que antes. Como eles, elas estudam, trabalham, viajam, leem jornais, veem TV, têm acesso a informações sobre o país e o mundo, dirigem automóveis. As cidades, mais densamente povoadas por conta da migração vinda do campo, aproximavam pessoas e estilos de vida e favoreciam mudanças aceleradas de comportamento. O maior acesso feminino aos empregos remunerados e qualificados, impulsionado a partir de então, proporcionaria às mulheres maior independência econômica, segurança e um status mais elevado na sociedade e na família. Tal processo seria acompanhado pelo desenvolvimento de uma consciência crítica das desigualdades sociais com base no sexo e pela vontade de voar mais alto. Não é à toa que, em 1962, as esposas brasileiras obtiveram, no Estatuto Civil da Mulher Casada, o reconhecimento do papel de “colaboradora” do marido na sociedade conjugal.

Junto com as mudanças sociais, temos em relação ao corpo, uma grande revolução, a ideia de escolha por sexo sem consequências indesejáveis, como a gravidez. Como bem aponta Pedro (2013, p. 244):

Desde o início da década de 1960, estava disponível no mercado um método mais seguro de contracepção, a “pílula”. A existência desse método anticoncepcional ajudou a consolidar na mentalidade das pessoas a separação entre procriação e sexualidade, com o aval das ciências médicas. Com a existência da pílula, o prazer das mulheres nas relações sexuais tornou-se uma questão ainda mais importante.

O medicamento que libertava as mulheres da gravidez indesejada levou-as a se preocupar cada vez mais com que seu desejo fosse levado em consideração na relação sexual. Difundiu-se a ideia de que o prazer não devia, como no passado, ser apenas prerrogativa dos homens. [...]

Junto com a ideia de poder de escolha sobre o corpo, as mulheres ganham o poder de planejar a família: quantos e quando ter filhos. A pílula traz a possibilidade de liberação do corpo feminino, que antes era só visto como portador de atributos reprodutivos. A sexualidade feminina passa a ser discutida do ponto de vista do prazer e não mais restrito a maternidade.

As mudanças vão se efetivando com namoros mais explícitos, minissaias, debates sobre a prática do sexo, quebras diárias dos costumes até então vigentes. O corpo feminino passa a ser apresentado pelos meios de comunicação como corpos sexualizados.

Nos grupos feministas, a sexualidade feminina deixa de ser tabu. O prazer é visto como um direito. Vejamos com Pinsky (2013b, p. 520) como o movimento feminista reivindica a “liberação sexual” da mulher:

[...] Fazer da mulher alguém “dona de seu próprio corpo”, com “*direito ao prazer*”, ao orgasmo, e a ter filhos “se e quando” quisesse era bandeira de luta. O relacionamento lésbico, em alguns espaços minoritários, também ganhava legitimidade na busca da liberdade de escolha erótica. O acesso à contracepção e o direito de interromper voluntariamente a gravidez eram reivindicações decorrentes do feminismo que propunha a dissolução da hierarquia entre masculino e feminino e a transformação do caráter dos relacionamentos entre homens e mulheres num sentido mais igualitário. Eram projetos verdadeiramente revolucionários que, se não obtiveram naquele momento o sucesso desejado, ajudaram a abalar os tradicionais modelos de mulher.

Junto com essa onda de liberação, os meios de comunicação tinham papel importante de propagação desse modelo de mulher moderna, liberada. Porém, também havia um limite, pois a censura existia para reger as questões morais. E muito foi contestado esse novo modelo de mulher.

Nesse período, as emissoras de televisão convivem com a censura, pois o Regime Militar passa a se preocupar com o material que é veiculado na televisão, utilizando o argumento de que isso é uma preocupação com a cultura do país. A

Censura Federal dita o que é permitido ou não na televisão brasileira, porém não utiliza critérios escritos e definidos.

Nos anos de 1975 e de 1976, respectivamente, novelas como *Roque Santeiro* – TV Globo, Dias Gomes – e *Despedida de Casado* – TV Globo, Walter George Durst – foram censuradas. A primeira foi censurada por, segundo o Jornal do Brasil (1975), a Divisão de Censura afirmar conter "ofensa à moral, à ordem pública e aos bons costumes, bem como achincalhe à Igreja". E a segunda, em nome da moral e dos bons costumes, pois falava de separação, amor livre e atrito entre gerações.

No final desta década, temos um choque para o público com a exibição semanal em 1979/1980 do seriado *Malu Mulher*. Ia ao ar pela primeira vez na televisão brasileira uma série que contava a dor e o prazer de uma mulher de aproximadamente 30 anos, que era socióloga, recém-separada, lutava pela sobrevivência, apaixonava-se por outros homens e sustentava e vivenciava os dramas de uma filha adolescente – Narjara Turetta.

Seus temas eram sempre instigantes e geravam muitas polêmicas. Temas como divórcio, aborto, prazer feminino – foi exibido o primeiro orgasmo feminino na televisão brasileira –, traição, métodos contraceptivos, foram ao ar pela primeira vez. Inclusive muitas mulheres achavam que esse seriado era prejudicial à família brasileira, pois mostrava a dissolução dos bons costumes.

O episódio *Ainda não é hora*, exibido no dia 14 de junho de 1979, às 22:00 horas, que mostrava uma adolescente grávida – Lucélia Santos – que opta pelo aborto numa clínica clandestina, gerou uma verdadeira manifestação contra a decisão da adolescente e da ajuda de Malu. Para o consenso geral, a série deveria mostrar a aceitação de um filho não planejado e um discurso moralizante contra o aborto.

Episódios como esse geraram a discussão sobre o papel das telenovelas e dos seriados, apontando que a televisão tem uma função social além do entretenimento. Nesse direcionamento, deve apresentar modelos de conduta corretos em detrimento de condutas "anormais".

Ao longo das décadas seguintes temos tantas outras mudanças: a relação entre o casal passa a ser alvo de diálogo, o divórcio vira lei em 1977, a maternidade não é mais uma obrigação, há uma cobrança excessiva sobre os atributos estéticos

femininos, inserção de leis de proteção a mulher, entre outras. Porém, as desigualdades não foram eliminadas. Ainda há muito o que lutar.

Mesmo a mulher já tendo a algum tempo alcançado o mercado de trabalho, ainda há empregos que são marcados pela distinção sexual, ou seja, há empregos que são apenas para homens e outros apenas para mulheres. Não existe mais um discurso que fale sobre uma suposta incapacidade feminina em assumir altos cargos, mas um discurso que afirma que há problemas em contratar uma mulher, “a mulher tem cólica”, “a mulher engravida”, “o filho adoecer”, etc. Sendo assim, o seu acesso ainda é difícil e os salários em empresas privadas são mais baixos.

Do ponto de vista estético, há a produção dos padrões de beleza, inclusive inacessíveis. Essa produção recai de forma mais impositiva ao corpo feminino, produzindo compulsões nervosas. Del Priore (2000, p. 81) nos traz uma informação bastante interessante para pensarmos, “o Brasil é um país mestiço”, com uma variável corporal incompatível com modelos tipo importação, como a Barbie.

(...) Nossos corpos, como mostrei aqui, são o resultado de uma longa história biológica na qual se misturam índios, negros, brancos de várias procedências e amarelos. O resultado foram ancas, cabelos crespos, a maneira ondulante de andar e o Gilberto Freire chamou de “morenidade”. (...) Num país onde são tantas as variáveis corporais, onde graças e desgraças são distribuídas de acordo com as diversas heranças biológicas e sociais (...).

Na atualidade, ainda temos os modelos flexíveis de representação feminina? Se pensarmos sob as perspectivas de Goldenberg, possivelmente, a resposta será negativa, pois o corpo virou uma prisão. Orbach (*apud* GOLDENBERG, 2007, p. 59) aponta a obsessão feminina pelo corpo perfeito como um retrocesso no processo de emancipação feminina. Vejamos:

É o corpo feminino perfeito, magro e esguio. A apologia do corpo perfeito é uma das mais cruéis fontes de frustração feminina dos nossos tempos. A obsessão pela magreza virou uma epidemia. Considero a busca pelo corpo perfeito um retrocesso no processo de emancipação feminina. Houve apenas um breve momento de progresso das mulheres nos anos 1970. Depois disso, elas começaram a recuar, escravizadas por um modelo inalcançável de beleza. Há uma ironia nesse fato: justamente em um tempo em que

as mulheres dizem querer ganhar espaço, elas procuram ficar cada vez menores e mais esqueléticas.

Esses corpos estão aprisionados a padrões de beleza, diferente do corpo dos anos 1970, mulheres emancipadas com corpos livres, seja do ponto de vista sexual como também livres de padrões estéticos.

Del Priore (2000) aponta que há uma cobrança compulsiva para que a mulher se enquadre ao modelo de perfeição, marcado pelo que a mídia propaga: a mulher deve ser bela, jovem e saudável. Vivemos na tirania da perfeição física, as que não se adaptam vivem numa eterna insatisfação e cobranças. Observemos a análise de Del Priore (2000, p. 80):

(...) Anônimas, as que não são belas, simplesmente recusam seus corpos, tanto mais quanto vivemos hoje a supremacia da aparência. A fotografia, o filme, a televisão e o espelho da academia dão à mulher moderna o conhecimento objetivo da sua própria imagem. Mas, também, a forma subjetiva que ela deve ter aos olhos de seus semelhantes. Numa sociedade de consumo, a estética aparece como motor do bom desenvolvimento da existência. O hábito não faz o monge, mas quase... A feiura é vivida como um drama. Daí a multiplicidade de fábricas de “beleza” cujo pior fruto é a clínica de cirurgia plástica milagrosa. Os pagamentos a perder de vista, com “pequenos juros de mercado”, parecem garantir, graças as próteses, a constituição de um novo corpo: formal, mecânico, teatral. Corpo que é a efigie do desejo moderno, desejo derrisório de uma perpétua troca de peças que envelhecem: de nádegas a coxas e panturrilhas.

Desta forma, a ditadura da beleza na atualidade e a busca desenfreada pela juventude e perfeição explicam as dietas, as horas nas academias, as plásticas, os milhares de tratamentos estéticos, o desenvolvimento da tecnologia no mundo dos cosméticos, das plásticas, etc. Goldenberg (2007, p. 58) analisa que as mulheres estão cada vez mais distantes da mulher Leila Diniz, corpo livre e empoderado, e que esse modelo de corpo libertário assumiria o envelhecimento e suas consequências, rejeitando a padronização dos corpos, mulheres magras, sem flacidez, sem estrias, sem rugas e sem cabelos brancos.

Tenho dificuldade para enxergar uma nova Leila Diniz. Ao contrário, encontro mulheres aprisionadas por um modelo de perfeição e que

deixam de viver plenamente suas vidas, inclusive sua sexualidade, pela extrema preocupação com o corpo.

Seriam as jovens da Marcha das Vadias meio Leila Diniz? Essa questão será refletida no último capítulo.

Pensar o corpo como construção social e cultural a imprimir significado a Marcha das Vadias é o intento que se busca nesse texto. Corpo esse tão manipulado estrategicamente e de maneira dominante pelos discursos religiosos, biológicos, jurídicos e machistas, como acabou de ser demonstrado.

Esse mesmo corpo, tão abusivamente significado e subjetivado é agora uma espécie de porta-voz de mulheres que ao se auto-denominarem de “vadias”, reivindicam e exigem respeito aos seus corpos, para serem, doravante, propriedade sua, para o que bem lhes aprouver, um corpo, sobretudo, para ser politicamente emancipado.

No próximo capítulo, retomo a relação corpo e movimento social com vistas a historicizar a Marcha das Vadias, com ênfase para o movimento em Campina Grande, no Estado da Paraíba

3 A MARCHA DAS VADIAS E SEUS SIGNIFICADOS POLÍTICOS

“Usar o seu corpo como tela pra protestar pelo seu próprio corpo, por ter direito ao seu próprio corpo, eu acho isso fantástico. (...) Então, acho que você mostrar o seu corpo, fazer seu corpo de folha em branco pra ser lido e pra ser visto de outra forma que não seja sexualizada é incrível isso”.

(CORAGEM, entrevista realizada em 07/02/2018)

A Marcha das Vadias ou *Slutwalks*, nome original, tem início em Toronto, Canadá, em abril de 2011, como reação a declaração de um policial, Michael Sanguinetti, numa palestra sobre Segurança Pública devido ao grande número de estupros que estavam ocorrendo na Universidade de Toronto, na qual adverte o sexo feminino no sentido de que “as mulheres deveriam evitar se vestir como vagabundas para não serem vítimas de estupro.” Contra a declaração machista, que inverte os papéis entre vítimas e culpados, jovens universitárias (os) saem às ruas para protestar (JUNQUEIRA; GONÇALVES, 2011). A partir desta manifestação, o movimento se espalha pelo mundo e no Brasil.

A marcha canadense é o passo inicial para um movimento amplo, é inspiração do ponto de vista estético e ideológico, mas cada marcha define localmente a sua agenda política. A pauta comum se refere à luta pela liberdade ao corpo feminino e contra a violência sofrida pelas mulheres, “mas também tem se caracterizado por sua luta contra a cultura do estupro, pela descriminalização do aborto e contra a homofobia” (GOLDFARB, 2014, p. 26).

Figura 2: Marcha das Vadias em Toronto, 3 de abril de 2011, postado no dia 12 de Julho de 2011.



Fonte: <http://toleranciaecontentamento.blogspot.com.br/2011/07/marcha-das-vadias-fina-ironia-das.html>

Apesar de as participantes da Marcha das Vadias reforçarem suas posições políticas, contestando a naturalização dos corpos femininos e masculinos e a cultura violenta e machista, vista como parte de uma sociedade que valoriza o masculino desde a infância, o movimento não consegue uma destacada visibilidade midiática, particularmente uma visibilidade na mídia mais popular, a televisão³⁷. Quando veiculado pela mídia televisiva, a Marcha das Vadias é apresentada de maneira descontextualizada e ignorando os reais motivos de tal movimento, ajudando, muitas vezes, a reificar, estereotipar e estigmatizar ainda mais o movimento. A Marcha só possui maior divulgação e visibilidade no ambiente da internet, por meio de *blogs* e participação em redes sociais, como o *Facebook*.

A informante Ação acrescenta que a nossa mídia é desinformada e simplista, ou seja, busca elementos de maior familiaridade, como a violência contra a mulher:

³⁷ O espaço que a Marcha das Vadias tem maior visibilidade é a internet, via redes sociais, ligada a ideia de militância, ou seja, quem tematiza/divulga o movimento são as suas integrantes. Assim, restringindo o seu ciclo de divulgação a quem possivelmente já conhece o movimento (Ação, entrevista realizada em 03/08/2017).). Outro fator importante para se destacar é que a população brasileira tem maior acesso a televisão em detrimento a internet.

A mídia, principalmente local, é bem desinformada. Então, assim, o ano que a gente teve mais mídia foi justamente o primeiro por conta de ser novidade e também de tratar sobre violência, que é a coisa mais familiar, que eles mais tratam no dia a dia, né? “Mulher morreu, foi estuprada...”. Então era mais fácil para eles lidar com isso e não entrar muito nas questões. Mas sempre, todos os anos, a gente tem alguma mídia. Sempre perguntam por que do nome... Essas coisas mais básicas e quais são os objetivos e tudo. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

O poder da mídia é inegável. Assim, Gomes (2004, p. 264) nos aponta o quanto a imagem pública passa pelo domínio midiático, que possui um discurso nada desinteressado:

A imagem pública nos chega como nos chega o mundo: mediado pelo sistema institucional e expressivo da comunicação, instrumento predominante onde e por onde se realiza a visibilidade social. Novos instrumentos de produção, gerenciamento e circulação da imagem, praticamente fora do controle direto dos indivíduos e dos grupos de convivência, transformam qualitativamente o próprio objeto “imagem pública”. A comunicação de massa, que é também sujeito de interesses sociais e, às vezes, políticos, organiza e cifra os materiais que nela circulam segundo lógicas e princípios muito específicos. Ademais, seus princípios, lógicas e interesses interferem necessariamente como selecionadores, estruturadores e disseminadores de imagens públicas. Não há, em princípio, neutralidade mas interferência – e esta não pode deixar de modificar estruturalmente o modo de existir deste objeto que é a imagem pública. Essa imagem pública mediada e midiática não pode ser idêntica à imagem pública circulante numa experiência comunitária.

Assim, a imagem da Marcha das Vadias e das suas participantes é construída a partir de uma veiculação problemática, no sentido que apresenta a marcha e as(os) participantes de forma distorcida, descontextualizada e estereotipada, pois vale muito mais apresentar corpos nus e atos mais agressivos do que os objetivos do movimento.

Desta forma, no Brasil a imagem produzida para o movimento da Marcha das Vadias está ligada a negatividade. Junqueira e Gonçalves (2011) no Artigo “*A Marcha das Vadias: por que as mulheres gritam?*” se propõem a analisar como o movimento foi noticiado no país a partir dos jornais O Estado de São Paulo e A Folha de São Paulo no ano de 2011, questionando se há retração do significado do evento nos jornais. Estes apontam que, apesar do envolvimento de um grande

número de pessoas, a cobertura da mídia para o evento é inexpressivo ou, em alguns casos, em tom de humor.

As imagens produzidas para o movimento e as suas participantes partem do pressuposto de que há um modelo ideal a ser seguido tanto pelos Movimentos Sociais como para os seus integrantes. Gomes (2004, p. 274) nos apresenta a seguir o pressuposto de um ideal:

No caso da política de imagem, talvez com razões menos nobres (mas nem por isso menos cruciais), também se lida com o ideal. E muito. A imagem pública do ideal é tão-somente o conjunto de propriedades que um público considera dever existir em uma pessoa ou instituição para que esta seja capaz de cumprir adequadamente determinada função real. Em suma, em política de imagem não apenas é importante saber quais são as propriedades que o público reconhece como caracterizando determinada pessoa ou instituição, mas é igualmente decisivo saber quais são as características que se consideram adequadas ou ideais, a prescindir do fato de alguém as possuir.

Neste sentido, a Marcha das Vadias, para o público em geral, não corresponde a um modelo ideal de Movimento Social e nem de integrantes. Primeiro pelo próprio nome, que carrega um estigma, fazendo com que o seu significado não se fixe, sobressaindo a ideia de que seja um movimento de prostitutas ou mulheres de sexualidade livre. Segundo pela sua atuação, vista como agressiva e, do ponto de vista estético, desnecessário. Por fim, por levantar temas tabus, como liberdade feminina do ponto de vista sexual, comportamental, procriativo (direito ao aborto), entre outros

Desta forma, a Marcha das Vadias tem como objetivo subverter a ordem, os padrões e as normas impostas por um mundo pensado por e para homens. Há subversão maior que mulheres que se autoproclamam “vadias”? No último capítulo será discutido o significado de vadia.

A primeira marcha no Brasil ocorre em São Paulo em Julho de 2011. Depois se espalha pelo Brasil, em cidades como Rio de Janeiro, Curitiba, Brasília, Recife, Belo Horizonte, João Pessoa, etc. Nas variantes do movimento no Brasil não há líderes, partidos ou organização centralizada. As marchas são organizadas por grupos autônomos, na sua maioria de jovens universitárias que buscam atualizar o movimento feminista.

Esse perfil se estende aqui em Campina Grande, como vimos anteriormente. Porém, há uma tentativa de alargar as esferas de conhecimento sobre o feminismo e das participantes da marcha, extrapolando os portões das universidades. Ação nos apresenta esse desejo do Bruta Flor:

(...) que é outra coisa que a gente tenta também, tanto nas nossas ações quanto na marcha, a gente queria mais chegar na periferia, chegar em outros lugares, porque nos nossos objetivos de não ser acadêmico, de sair da academia. Mas não sei se por a gente tá nesse ambiente a gente não consegue muito expandir as fronteiras para além disso. Todos os anos a gente planeja “Não, vamos nas SABs”, que eu já fiz trabalho em SAB, em clube de mães. Mas o máximo que a gente conseguiu foi, do ano passado pra cá, a gente tem feito no começo do ano a visita nas escolas. Então, a gente tem ido em escolas públicas³⁸. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Outro aspecto importante é que as organizadoras³⁹ da primeira Marcha das Vadias em Campina Grande se preocupam com a questão da autonomia do movimento, não aceitando a participação de partidos políticos ou candidatos, além de destacarem a marcha como um movimento independente:

Justiça: (...) Aconteceu de um candidato a vice prefeito aparecer na marcha. Tirou foto fazendo V de vitória. O vereador que ele tem um perfil ultra conservador e no dia da marcha foi bater tambor.

Garra: Teve outros que apareceu (...).

Justiça: Eu tinha medo porque Campina é uma cidade que em época de eleição fica efervescente. (...) como sei a dinâmica da coisa eu fiquei com medo sim de aparecer candidatos oportunistas que se escorrassem na pauta, se se chegasse ... É muito comum. Eles vão em grupos mais vulneráveis, em grupos que têm demandas e chegam e dizem “Não, olha, eu vou apoiar vocês”. E aproveitam daquele momento que tem aquela aglomeração pra ter uma certa visibilidade, tirar proveito político-eleitoreiro e depois...

Garra: (...) como a gente era muito independente e já tinha decidido não se juntar a nenhum partido e não ia aceitar financiamento de nenhum partido, de nada, preferia tirar do nosso bolso do que receber apoio. (Entrevista com Garra e Justiça, em 11/12/2015).

³⁸ Ação se refere ao projeto desenvolvido pelo Bruta Flor em comemoração ao Dia da Mulher, 8 de março.

³⁹ Justiça informa que na primeira composição do grupo de organizadoras da Marcha das Vadias em Campina Grande ainda não tinha criado o Bruta Flor Coletivo Feminista.

Mas também sabemos que o movimento é livre e aberto a todas (os) interessadas (os). Não há proibição ou restrição quanto a forma de participação na marcha.

É interessante observarmos esse aspecto da Marcha das Vadias se constituir um movimento autônomo em Campina Grande. Essa autonomia foi largamente criticada no momento do I Fórum de Direitos Humanos e Feminismo, pois gerou descontentamento por parte de outros grupos feministas em Campina Grande. Vejamos o que acrescentam:

Justiça: (...) Nós criamos o *Blog*, nós criamos a página quando teve o I Fórum. Ai', daqui a pouco surgiu um comentário, um bocado de comentário, anônimo no *Blog*. Ai', diziam "Como é que inventam, chamam, convocam? Quem são essas pessoas para convocar uma Marcha das Vadias? Como é que vão articular uma marcha? Não! Como é que vocês querem fazer uma marcha sem articulação com o movimento feminista em Campina Grande e sem articular com partidos e organizações?"

Garra: E é uma coisa por falta de abertura da gente, na realidade.

Justiça: É por que a gente num sabia nem quem procurar.

Garra: Por que não conhecia. (...) Por que existe outras pessoas que trabalham com o feminismo.

(...)

Justiça: Eu já ouvi, não vou dá nome, mas já ouvi grupos dizendo "Quem coordena a agenda feminista de Campina Grande somos nós". (...) Teve um grupo que foi pra uma reunião que eu notei que foi meio que pra se impor (...). (Entrevista com Garra e Justiça, em 11/12/2015).

As informantes são muito taxativas no sentido de apontar que a Marcha das Vadias em Campina Grande se deu a partir de jovens universitárias que estavam se descobrindo feministas, ao mesmo tempo que estavam descobrindo o que é o feminismo. Assim desejavam ampliar o leque de descobertas e discutir sobre o feminismo. No entanto, Garra nos deixa a par sobre o desconhecimento sobre o movimento feminista:

A gente achava, ou pelo menos eu achava, que o movimento feminista era o movimento feminista. Pronto! Que só existia um movimento feminista e que todo mundo se unia em prol de uma mesma causa. E não é assim que funciona, né? Tem dissidência, as pessoas brigam entre si, é uma rede que se forma, que existem

pontos de ligação e pontos de ruptura, interseção. Existem muitas coisas assim. Então, não é movimento só. Então, aqui em Campina Grande tem alguns grupos. Só que alguns são mais articulados, alguns tem mais visibilidade, outros não. (Entrevista com Garra, em 11/12/2015).

A partir da fala acima fica claro que as lutas por poder também se deram na esfera de grupos feministas. Um grupo feminista querendo se impor diante das “meninas da marcha”. Assim, as tensões se dão nas mais diversas esferas.

Segundo Goldfarb (2014) dois casos de violência contra a mulher, a barbárie de Queimadas e o assassinato de Briggida Lourenço⁴⁰, são utilizados como bandeira do movimento na Paraíba, que tem sua primeira Marcha das Vadias em João Pessoa, no dia 9 de junho de 2012.

3.1 I MARCHA DAS VADIAS EM CAMPINA GRANDE: #SOMOSTODAS(OS)MULHERESDEQUEIMADAS

Em Campina Grande a marcha ocorre em 4 de agosto de 2012, com a preocupação de um grupo de universitárias com o número em ascensão de casos de violência contra a mulher, como o evento ocorrido em Queimadas, a “Barbárie de Queimadas”. Vejamos os relatos de Garra e Justiça:

Garra: A gente (Garra e Coragem) sentou e estava conversando sobre o caso das meninas de Queimadas (...). A gente estava indignada com esses casos de violência de Campina Grande, porque tava muito recorrente e eram casos que tavam não só na mídia local, mas também na mídia nacional, né?

Justiça: Na verdade Queimadas teve repercussão internacional. (Entrevista com Garra e Justiça, em 11/12/2015).

O caso de Queimadas tem grande repercussão devido à brutalidade do ocorrido. Cinco mulheres foram estupradas por dez homens, na qual duas delas, Isabella Pajuçara e Michelle Domingos, foram assassinadas por reconhecerem

⁴⁰ Segundo o Ministério Público, Gilberto Stuckert Neto matou por asfixia a professora universitária Briggida Lourenço, 28 anos. O assassinato teria sido motivado pela não aceitação de Gilberto do fim do relacionamento. O crime foi no dia 19 de junho de 2012 no apartamento da vítima.

Eduardo dos Santos Pereira, mentor do crime, que arquitetou o estupro coletivo como presente de aniversário para o seu irmão, Luciano.

A versão relatada pelos envolvidos é que acontece um assalto, em que homens mascarados invadem a festa para estuprar as mulheres e levam duas reféns. Porém, o delegado começa a desconfiar de Eduardo devido a sua atitude suspeita. Na investigação a polícia encontra na casa do suspeito armas, munição, cordas, fitas adesivas e máscaras.

Ao se desvendar o caso, descobrem que foi um crime premeditado há mais de uma semana. A testemunha chave é a irmã de Isabella, que presencia o momento que a irmã reconhece Eduardo. Este foi sentenciado a 106 anos e 4 meses de prisão. Os demais envolvidos adultos foram sentenciados com penas que variam de 26 a 44 anos por estupro, cárcere privado e formação de quadrilha. Os três adolescentes passaram a cumprir medidas sócio-educativas.

Casos como esse, de violência contra a mulher, servem de inspiração para a constituição da Marcha das Vadias em Campina Grande, além da bem sucedida primeira marcha no ano anterior em Toronto, visto como um movimento em efervescência. Nossa depoente Garra relata a origem da Marcha das Vadias em Campina Grande:

(...) Bom, tava eu e Coragem, a gente conversou e disse “vamos fazer, promover uma marcha (...)”. Aí foi o que eu disse a Coragem que achava que fazer só a marcha pela marcha ia dá visibilidade, mas que a marcha por si tinha uma conotação... Às vezes as pessoas encaravam como uma coisa ruim. “Marcha das Vadias!”. Ah, porque tem uma vadia no meio ninguém pode participar? Por que tem que ser? Por que não a Marcha das Mulheres. Essas coisas, né? Então a gente resolveu fazer um fórum junto, “Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos”, que foi quando surgiu o nosso grupo⁴¹ de fato. (Entrevista com Garra, em 11/12/2015).

O movimento em Campina Grande ganha contorno local, mas também segue o modelo geral de divulgação, ou seja, é feito por meio da internet. A primeira marcha é divulgada no *Blog*⁴² e na página do *Facebook*⁴³ do Fórum sobre

⁴¹ Grupo de organização da Marcha das Vadias em Campina Grande, que posteriormente se transforma em Bruta Flor Coletivo Feminista.

⁴² <http://forumfeminismocg.blogspot.com.br/>.

⁴³ <https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/?fref=ts>.

Feminismo e Direitos Humanos e na página de Eventos do *Facebook* “Marcha das Vadias – Campina Grande”⁴⁴.

Na atualidade, a divulgação de movimentos sociais possui um aliado muito forte, a Internet. Vimos movimentos, como “Passe Livre”⁴⁵ e “Fora Cunha”⁴⁶, e campanhas, como “#PrimeiroAssédio”⁴⁷ e “#meuamigosecreto”⁴⁸ sendo amplamente divulgados e/ou fomentados pelas redes sociais. Faria (2015) aponta o poder das redes sociais:

Nunca duvide do poder das redes sociais para provocar reflexão e empoderamento. A internet é feita de pessoas e é a partir delas que as mudanças acontecem. Nesse caso, para o bem e para mostrar que existe, sim, e muito, e que é preciso não ignorar as vítimas, mas responsabilizar quem colabora com a manutenção de sua existência – nem que seja como uma “brincadeira” no Twitter⁴⁹.

Ação nos informa como ocorre a divulgação da Marcha das Vadias em Campina Grande: “Nas redes sociais. (...) A gente cria evento, que é uma forma de juntar todo mundo ali num lugar só. Cria eventos e vai compartilhando em grupos que participa”. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Justiça e Garra, por sua vez, pontuam o quanto as redes sociais são importantes para dá visibilidade a movimentos sociais, como a Marcha das Vadias e o projeto As Gordas, e que sem o midiatismo não teriam o alcance de propagação de ideias.

⁴⁴ <https://www.facebook.com/events/468724669807381/>.

⁴⁵ Campanha de Junho de 2013 contra o aumento de passagens dos transportes coletivos e a favor que esses sejam acessíveis e gratuitos, mas que ganhou uma grande repercussão e adesão de segmentos e movimentos sociais diferentes. Assim, a campanha aglomerou diferentes reivindicações de cunhos políticos e sociais.

⁴⁶ Movimento político contra Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados, e o seu Projeto de Lei 5.069, que dificulta o aborto previsto por lei em caso de estupro. A maioria dos manifestantes era mulheres, que além dessa pauta denunciavam o machismo, o racismo, a intolerância e o assédio sexual.

⁴⁷ Campanha denunciativa contra o assédio sofrido por meninas ou adolescentes. Essa campanha foi iniciada por Juliana de Faria, também criadora da campanha “Chega de Fiu Fiu” e do site Think Olga, depois da polêmica gerada pelo assédio na internet sofrido por uma candidata de 12 anos do programa de televisão Master Chef Junior, Valentina. A campanha ganhou a adesão de mulheres de todas as idades e tomou conta das redes sociais em Outubro de 2015.

⁴⁸ Campanha que tomou conta das redes sociais a partir do dia 23 de Novembro de 2015, denunciando situações de machismo no dia a dia das mulheres. As postagens falam daquele amigo que aparentemente é bacana, mas na verdade é muito preconceituoso e machista.

⁴⁹ Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/primeiroassedio/>>. Acesso em: 20 Mar. 2016.

Garra: São ferramentas essenciais.

Justiça: Hoje em dia são indispensáveis.

Garra: Pronto, a gente faz parte de outro grupo (...). É um projeto paralelo, que é chamado As Gordas. E a gente ganhou muita visibilidade também, inclusive vai participar da 3ª Conferência Nacional da Juventude em Brasília, por conta da internet, não é outra ferramenta. Assim, querendo ou não, apesar de ser um meio dominado também por grandes empresas, lá você tem e consegue fazer coisas que você não conseguiria antes. A página do *Facebook* da gente foi a principal forma de divulgação da Marcha das Vadias e pro Fórum, como é a nossa página pras Gordas também, que é o nosso *Blog* e a nossa página do *Facebook*. E assim, a gente tem um alcance muito grande com isso, a gente ver as estatísticas.

Justiça: É massa, a gente as vezes fica olhando. Tem acessos internacionais no *Blog* da gente. E se fosse meios convencionais, o problema é que a gente não teria possibilidade de trocas de experiências.

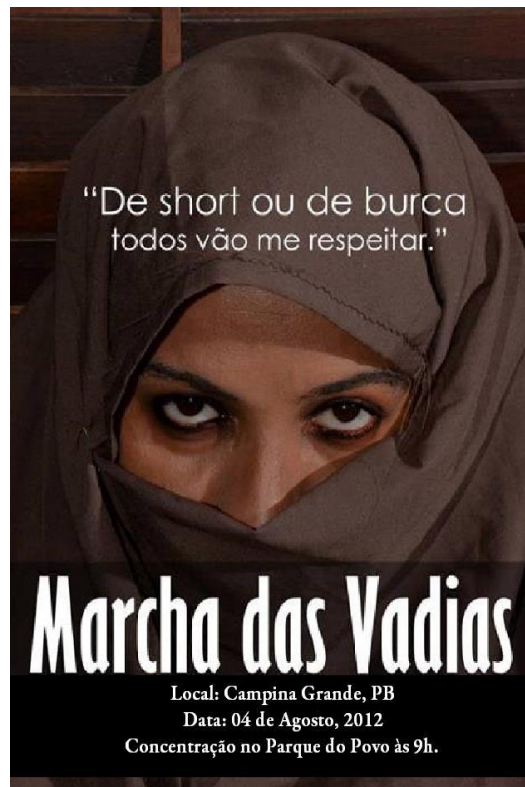
Garra: Esse, o que o pessoal chama de midiativismo, que é esse ativismo. O uso da internet como fonte de mídia também, é tipo muito, muito, muito importante. Não tem como fugir disso hoje em dia. (Entrevista com Garra e Justiça, em 11/12/2015).

Figura 3: Divulgação da Primeira Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 03 de Agosto de 2012.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=265988933513720&set=a.254856737960273.53319.100003078478753&type=3&theater>

Figura 4: Divulgação da Primeira Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 24 de julho de 2012.



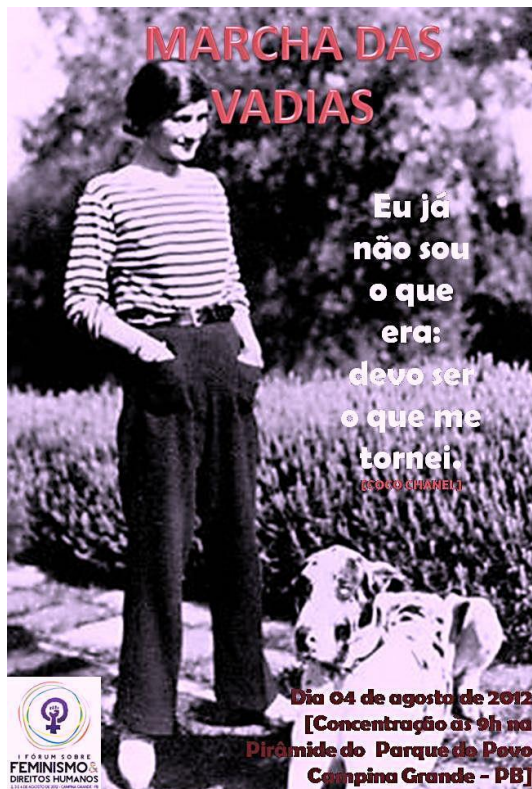
Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=265988953513718&set=a.254856737960273.53319.100003078478753&type=3&theater>

Figura 5: Divulgação da Primeira Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 22 de julho de 2012.



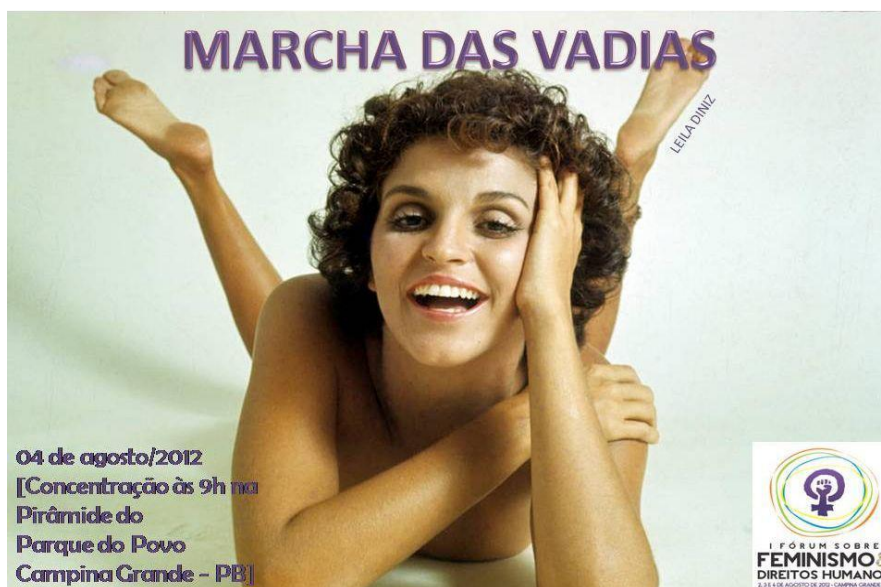
Fonte: <https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/a.300529423376439.65744.297201947042520/311386218957426/?type=3&theater>

Figura 6: Divulgação da Primeira Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 21 de julho de 2012.



Fonte: <https://www.facebook.com/IForumFeminismoDH/photos/a.300529423376439.65744.297201947042520/311055712323810/?type=3&theater>

Figura 7: Divulgação da Primeira Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 21 de julho de 2012.



Fonte: <https://www.facebook.com/IForumFeminismoDH/photos/a.300529423376439.65744.297201947042520/311055492323832/?type=3&theater>

As imagens de divulgação da marcha são bastante representativas: um braço masculino estendido sobre a parte inferior de um corpo feminino, culminado com as mãos no sexo; uma mulher de burca, símbolo da opressão masculina no mundo islâmico; Dercy Gonçalves, símbolo de desbunde e vítima de preconceito na sua carreira; Coco Chanel, estilista que quebrou padrões na moda introduzindo roupas consideradas masculinas na vestimenta feminina; e Leila Diniz, atriz que escandalizou a sociedade brasileira ao exibir sua gravidez de biquíni e declarar “transo de manhã, de tarde e de noite”.

Vejamos em Goldenberg (2007, p. 59) o que Leila Diniz representou nas décadas de 60 e 70 do século XX no Brasil:

Quando em 1971, Leila Diniz exibiu sua barriga grávida de biquíni, na praia de Ipanema, escandalizou e lançou moda. Foi capa de revistas e manchete de jornais por ter sido a primeira mulher a não esconder sua barriga em roupas soltas e escuras, consideradas adequadas a uma grávida. Não só engravidou sem ser casada como exibiu uma imagem concorrente à grávida tradicional que escondia sua barriga. A barriga grávida materializou, objetivou, corporificou seus comportamentos sexuais transgressores. Ícone das décadas de 1960 e 1970, Leila Diniz permanece, até hoje, como símbolo da mulher carioca que encarna, melhor do que ninguém, o espírito da cidade: corpo seminu, sedução, prazer, liberdade, sexualidade, alegria, espontaneidade.

Uma mulher que quebrou paradigmas sociais e culturais estampada na imagem de divulgação de um movimento feminista é bastante sugestivo para a ideia de liberdade do corpo feminino.

É interessante o fato de utilizarem muitas imagens para divulgação da marcha. Três delas com mulheres que representam quebra de paradigmas para suas respectivas épocas, como comportamento, casamento, vestimenta, corpo, sexualidade.

Segundo as informantes, a forma principal de promover a Marcha de Campina Grande é o Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos, evento organizado pelas “meninas da marcha” que ocorre nos dias 02,03 e 04 de Agosto de 2012. O fórum é o momento de debate não só para o público acadêmico, mas aberto ao público em geral e gratuito, já que o objetivo maior das organizadoras do evento é divulgar o

feminismo para um público que não estivesse restrito a academia. Na página do Fórum no *Facebook* encontramos o seguinte objetivo:

O evento tem como objetivo abordar o papel da mulher na sociedade: a violência e a discriminação sofridas, bem como nossas lutas diárias por respeito e igualdade. Além disso o fórum visa fornecer um panorama geral sobre o feminismo no Brasil e no mundo, desmitificando muito do que é falado acerca do movimento.

Figura 8: Divulgação do I Fórum sobre Direitos Humanos e Feminismo, postado no dia 12 de Julho de 2012.

**I FÓRUM SOBRE
FEMINISMO
DIREITOS HUMANOS**

**2, 3 E 4
AGOSTO/2012**

**NO MINITEATRO
PAULO PONTES**

**CAMPINA
GRANDE - PB**

PALESTRAS
♀

MINICURSOS
♀

MESAS REDONDAS
♀

**ENCERRAMENTO:
MARCHA
DAS VADIAS**

f IForumFeminismoeDH

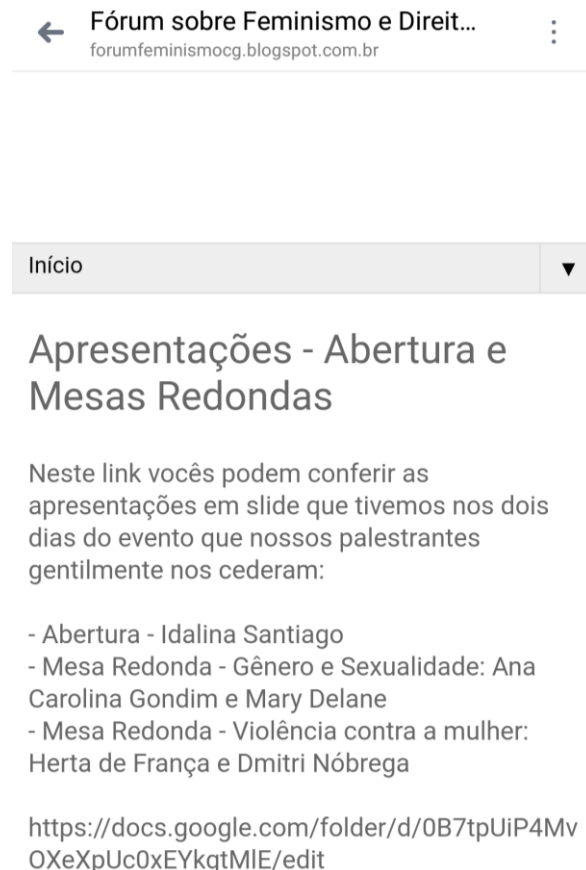
M forumfeminismocg@gmail.com

**INSCRIÇÕES, PROGRAMAÇÃO E MAIS:
forumfeminismocg.blogspot.com.br**

Arte: Renata Oliveira (renata.oliveira@gmail.com) - Imagens: Internet

Fonte: <https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/a.300529423376439.65744.297201947042520/307700899325958/?type=3&theater>

Figura 9: Programação do I Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos



Fonte: <http://forumfeminismocg.blogspot.com.br/2012/08/apresentacoes-abertura-e-mesas-redondas.html>

O evento é maior do que o esperado, na primeira semana já tem cerca de 160 inscrições, alcançando seu objetivo: dar visibilidade ao feminismo e a situação de violência sofrida pelas mulheres. Conta com duas participações importantes: Isânia Monteiro, irmã de Michelle Pajuçara, e Michele, irmã de Gabryelle Alves.

Gabryelle Alves foi assassinada no dia 11 de janeiro de 2012 por asfixia e depois há a simulação de um suicídio. A vítima é pendurada por uma corda no pescoço no teto do seu banheiro. O marido da vítima, o lutador de jiu-jitsu Thiago Pereira Fernandes, é acusado do crime. Esse também é um caso de grande repercussão.

Denunciando esse tipo de violência e outros, a Carta Manifesto⁵⁰ da Marcha das Vadias é divulgada na página do *Facebook* do Fórum sobre Feminismo e

⁵⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/posts/301501239945924>.

Direitos Humanos. Esse documento foi postado no dia 28 de junho de 2012. Vejamos:

O nosso evento será encerrado com a primeira MARCHA DAS VADIAS de Campina Grande.

Segue abaixo a CARTA MANIFESTO:

O caráter patriarcal e machista que caracteriza a estrutura social do Nordeste brasileiro não é nenhuma novidade. Ele é resultado de um processo histórico que fixou o domínio e a opressão do homem sobre a mulher, uma relação já tão estigmatizada que se fez objeto de representação na literatura e no cinema, por exemplo, exportando uma visão de Nordeste que só contribuiu para a manutenção dessa realidade.

A telenovela 'Gabriela' que está no ar pela Rede Globo de Televisão tem mostrado a relação de submissão aos homens a que as mulheres eram sujeitas. Ambientada [a telenovela] no interior do estado da Bahia no início do século XX, essas mulheres eram, em muitos casos, forçadas a se deitar com seus próprios maridos por obrigação, vendo negados os seus direitos ao prazer e à expressão de pensamento – sem o domínio de seus corpos, eram meros objetos sexuais dos homens. Por esta época, a “moral e os bons costumes” eram hipocritamente idolatrados tanto pelos homens, que buscavam nas “casas de prazer” a realização de suas fantasias, enquanto se apresentavam como pessoas de respeito para a sociedade, quanto por algumas mulheres que, por força da educação que receberam, acreditavam naquela lógica. Apesar dos avanços que conseguimos, nossa sociedade ainda é reflexo daquela antiga estrutura. Comprovamos isso quando vemos a exibição do corpo feminino em propagandas de cerveja ou quando rimos de piadas machistas proferidas por tantos “humoristas” Brasil afora... Essas são também formas de violência e nós temos que estar atent@s a elas!

Em recente pesquisa divulgada aqui no Brasil sobre a violência contra a mulher, a Paraíba aparece como o 4º estado com o maior índice de homicídios de mulheres, estando a capital João Pessoa na 12ª posição dentre as demais capitais da federação. O índice de violência contra as mulheres no Estado em 2012 é 50% maior em relação ao ano passado. Até abril deste ano, já foram assassinadas 41 mulheres na Paraíba sendo 26 por crimes machistas e sexistas e 15 por suposto envolvimento com drogas (Fonte: Centro da Mulher 8 de Março). Esses números são bem maiores, pois a maioria dos casos não chega a ser noticiado na imprensa.

Um dos mais chocantes ocorreu há pouco tempo na cidade de Queimadas, a 19km de Campina Grande: cinco mulheres foram estupradas, sendo duas brutalmente assassinadas. O estupro coletivo foi um “presente” de aniversário, um crime cruel que revela o quanto ainda precisa ser feito no enfrentamento à violência contra a mulher, ao machismo e ao patriarcado.

Longe da nossa realidade local, em 2011, na cidade de Toronto, no Canadá, um policial teve a infelicidade de dizer, na verdade de 'aconselhar' numa palestra sobre segurança proferida numa

universidade, que as mulheres deixassem de ser vestir como 'vadias' para evitar os constantes casos de estupro que vinham ocorrendo na instituição. Esse foi o estopim para a indignação das estudantes, que se mobilizaram e promoveram a primeira Marcha das Vadias, levando às ruas cerca de três mil pessoas, que se manifestaram publicamente contra a alegação de que as mulheres são violentadas por causa da forma como se vestem. Em pouco tempo, a marcha das vadias se espalhou pelo mundo. No Brasil, pelo segundo ano consecutivo, diversas marchas têm acontecido em todas as regiões. Em Campina Grande esta será a primeira vez.

E como disseram as manifestantes da marcha de Brasília em sua carta: 'hoje marchamos para dizer que não aceitaremos palavras e ações utilizadas para nos agredir. Se, na nossa sociedade machista, algumas são consideradas vadias, TODAS NÓS SOMOS VADIAS. E somos todas santas, e somos todas fortes, e somos todas livres! Somos livres de rótulos, de estereótipos e de qualquer tentativa de opressão masculina à nossa vida, à nossa sexualidade e aos nossos corpos. Estar no comando de nossa vida sexual não significa que estamos nos abrindo para uma expectativa de violência, e por isso somos solidárias a todas as mulheres estupradas em qualquer circunstância, porque tiveram seus corpos invadidos, porque foram agredidas e humilhadas, tiveram sua dignidade destruída e muitas vezes foram culpadas por isso. O direito a uma vida livre de violência é um dos direitos mais básicos de toda mulher, e é pela garantia desse direito fundamental que marchamos hoje e marcharemos até que todas sejamos livres.'

Junte-se a nós! Marche a favor dessa causa!

A Carta Manifesto denuncia um problema cultural tão evidenciado no Nordeste: o patriarcalismo e o machismo. Tal caráter é perpetuado pelas telenovelas e pelas nossas práticas sociais e culturais. Um ponto de destaque é a denúncia de que o corpo feminino, de várias formas, é violentado constantemente.

Sendo reflexo dessa antiga estrutura, os índices de homicídio de mulheres na Paraíba continuam alarmantes e em crescimento. Segundo os índices apresentados por Waiselfisz (2015) a Paraíba, de 2003 a 2013, tem um aumento de 229,2% de homicídios de mulheres. Desta forma, a Carta Manifesto pontua a violência contra a mulher na Paraíba e convida a todas e todos para a primeira Marcha das Vadias em Campina Grande.

A marcha é pensada como o momento ápice do Fórum, ou seja, o último ato. Assim, a primeira Marcha das Vadias em Campina Grande ocorre no dia 4 de agosto de 2012. Tem como tema principal a violência contra a mulher. A concentração é às

9:00h da manhã na Pirâmide e tem como público cerca de 400 pessoas⁵¹. As e os participantes marcharam rumo a Praça da Bandeira com corpos e cartazes pintados.

Figura 10: Primeira Marcha das Vadias em Campina Grande.



Fonte: <http://forumfeminismocg.blogspot.com.br/p/galeria.html>

Figura11: Primeira Marcha das Vadias em Campina Grande



Fonte: <http://forumfeminismocg.blogspot.com.br/p/galeria.html>

⁵¹ Dado fornecido por Justiça no dia 06 de Dezembro de 2016, dia marcado para a Terceira Marcha das Vadias em Campina Grande.

Figura12: Primeira Marcha das Vadias em Campina Grande



Fonte: <http://forumfeminismocg.blogspot.com.br/p/galeria.html>

Figura 13: #somos todas (os) mulheres de Queimadas



Fonte: <http://forumfeminismocg.blogspot.com.br/p/galeria.html>

Na imagem anterior vemos o movimento “#somostodas(os)mulheresdeQueimadas” que apresenta a indignação diante do ocorrido e clama por justiça. Essa campanha que toma conta das redes sociais evidencia dois problemas nacionais: o estupro e o assassinato de mulheres.

3.2 II MARCHA DAS VADIAS EM CAMPINA GRANDE: O FEMINISMOS E AS SUAS MÚLTIPLAS IDENTIDADES DE LUTA

A segunda Marcha das Vadias em Campina Grande ocorre no dia 10 de agosto de 2013, com cerca de 200 pessoas⁵². Tem como tema “O Feminismos e suas Múltiplas Identidades de Luta”. Nesse ano também ocorre o II Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos.


Essa Marcha veio com a proposta de expandir a discussão sobre os feminismos e ampliar a participação de representantes de vários segmentos femininos, já que na I Marcha das Vadias de Campina Grande houve uma crítica muito grande em relação a marcha ser organizada por um segmento pequeno de mulheres, que não representava mulheres de outros espaços além do universitário e urbano. Vejamos as informações oferecidas por Justiça:

(...) é uma crítica bem presente em relação a Marcha das Vadias, que geralmente é um movimento que é mais puxado por gente da universidade, mulheres urbanas, classe média e aí ficam de fora as mulheres trans, ficam de fora as periféricas, ficam de fora as mulheres do campo. E todas também estão lá enfrentando suas lutas e que não estariam contempladas naquilo ali. E aí, novamente, a intenção não foi de tapar essa lacuna, mas fazer com que a gente aprendesse mais com isso. Por isso que no II Fórum essa questão. (...) E aí a gente trouxe Derlúcia do Bamidelê, trouxe uma representante da associação das trabalhadoras domésticas, trouxe Lola, Lola daquele *Blog* “Escreva Lola, escreva”. (...) Acho que a gente colocou alguém para representar as lésbicas, Thuane para representar as trans. (...) Que eu me recordo foi Jussara para representar as lésbicas. (...). (Entrevista com Justiça, em 28/02/2018).

⁵² Dado fornecido por Justiça no dia 06 de Dezembro de 2016, dia marcado para a Terceira Marcha das Vadias em Campina Grande.

No ano anterior a marcha e o fórum são bancados por patrocínios improvisados e pelas organizadoras. No ano de 2013, há a necessidade de arrecadar dinheiro para a realização dos eventos. Uma das ações é o “I Samba das Vadias”, realizado no dia 25 de maio de 2013.

Figura 14: Programação do II Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos⁵³.

 Programação	
<p>Quarta-feira (07/08)</p> <p>* Local:</p> <p>18h - Credenciamento</p> <p>19h - Palestra de abertura: Lola Aronovich (UFC)</p> <p>21h - Coquetel</p> <p>Quinta-feira (08/08)</p> <p>* Local:</p> <p>Abertura das Exposições Fotográficas e de Poemas</p> <p>09h-11h - Oficina de Teatro do Oprimido</p> <p>14h-15h30 - Mesa "Feminismo, trabalho e luta por direitos"</p> <p>Maria Helena (Presidente da Associação das Empregadas Domésticas de CG – PB) Milene Ferreira (Associação das Profissionais do Sexo de CG) Mirian Farias (Representante do MST) Mediadora: Júlia de Arruda (UEPB)</p> <p>16h-17h30 - Mesa "Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade" Representante do grupo Bamidelê (JP)</p> <p>Thuane Haylla (UEPB) Jussara Costa (UEPB) Mediadora: Marcella Alencar (UFBA)</p> <p>19h - Exibição de Curtas</p>	<p>Sexta-feira (09/08)</p> <p>* Local:</p> <p>09h-11h - Oficina para Marcha das Vadias</p> <p>14h - Mesa "Representação da mulher na mídia e na literatura"</p> <p>Maira Nunes (UFCG) Antônio de Pádua (UEPB) Mediadora: Micaela Sá (UEPB)</p> <p>16h - Roda de Conversas</p> <p>18h - Encerramento</p> <p>Apresentações Artísticas: Cia. Maktub Amargue Banda Derrotista</p> <p>Resultado e premiação do Concurso de Fotografias</p> <p>Sábado (10/08)</p> <p>*Local: Pirâmide do Parque do Povo</p> <p>9h - Concentração para a Marcha das Vadias</p> <p><i>* Durante todo o evento haverá banca de zines e venda de bottons e livros.</i></p> <p>Acesse:</p> <p>http://forumfeminismocg.blogspot.com https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH</p>

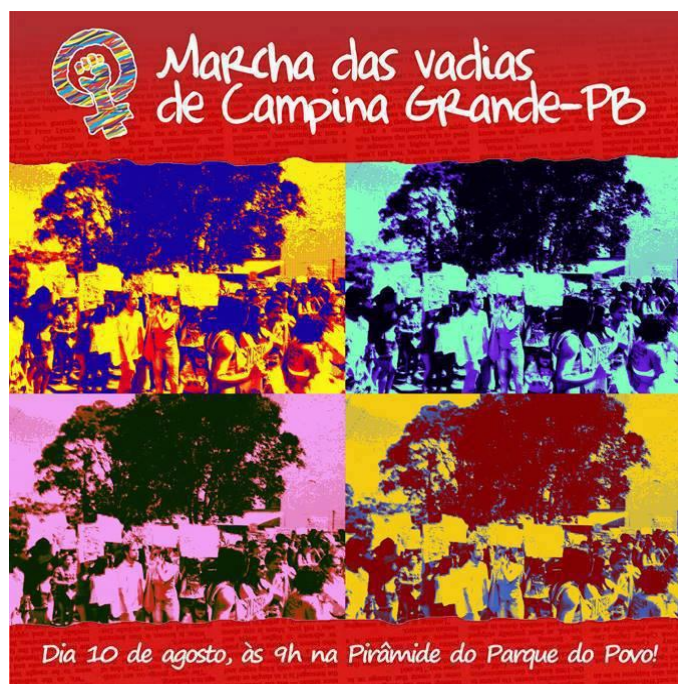
⁵³ Documento cedido por Justiça via *WhatsApp*.

Figura 15: Divulgação do II Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos, postado no dia 14 de julho de 2013. Arte de Marcella Alencar.



Fonte: <https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/a.298078403621541.65145.297201947042520/469392819823431/?type=3&theater>

Figura 16: Divulgação da Segunda Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 09 de Agosto de 2013.



Fonte: <https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/a.300529423376439.65744.297201947042520/485523451543701/?type=3&theater>

Figura 17: Divulgação da Segunda Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 11 de Julho de 2013.



Fonte: <https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/a.300529423376439.65744.297201947042520/467801933315853/?type=3&theater>

Figura 18: Divulgação da Segunda Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 19 de Julho de 2013.



Fonte: <https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/a.300529423376439.65744.297201947042520/471857302910316/?type=3&theater>

Figura 19: Segunda Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 12 de Agosto de 2013. Foto de Gilliard Oliveira.



Fonte: <https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/a.298078403621541.65145.297201947042520/486866398076073/?type=3&theater>

Figura 20: Segunda Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 12 de Agosto de 2013. Foto de Gilliard Oliveira.



Fonte: https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/ms.c.eJw9zccJAEEMBMGMjpE0cvkntrf2WdDQrASyU6xd2R~_3ydTy8mWB97QpjiOWxZ4LlcE4Tmzrta8evN693b7x~;9n~_XLPXkgEbPiBH.bps.a.486669904762389.1073741831.297201947042520/487007971395249/?type=3&theater

Figura 21: Segunda Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 11 de Agosto de 2013. Foto de Willams Luciam



Fonte: https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/ms.c.eJw9zscNRDEIBNCOVUTQf2OLCf9i6WnwgISZA4q4EZv~_ZAwBqQ501mdLP8dY1jy5X87efbL~;CRKFItjPvQ999xFy22zM0nnVrhXef8vLlcZy7n6L7ZfEdw8RtkNlyu~_CM1Z~;Tawd89kMzI7znKnrOvjlmvG2lfv5ext~_PIYxx~_K6Egc.bps.a.486669904762389.1073741831.297201947042520/486672134762166/?type=3&theater


Figura 22: Segunda Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 11 de Agosto de 2013. Foto de Wiliams Luciam.



Fonte: https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/ms.c.eJw9zscNRDEIBNCOVuTQf2OLCf9i6WnwgISZA4q4EZv~_ZAwBqQ501mdLP8dY1jy5X87efbL~;CRKFItjPvQ999xFy22zM0nnVrhXef8vLlcZy7n6L7ZfEdw8RtkNlyu~_CM1Z~;Tawd89kMzi7znKnrOvjImmvG2Ifv5ext~_PIYxx~_K6Egc.bps.a.486669904762389.1073741831.297201947042520/4866687381427308/?type=3&theater

Na segunda Marcha, a questão de Queimadas continua tendo destaque no movimento. Participantes clamam por júri popular. Porém, com destaque para questões mais subjetivas. Nessa versão, tiveram a contribuição do Coletivo CONTIGOHO (Combate às opressões a Negritude, Trabalhadorxs, Identidades de Gênero a á Ordem Heteronormativa), formado, em sua maioria, por universitários e universitárias da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Figura 23: Carta Manifesto da Segunda Marcha das Vadias em Campina Grande, postado em 4 de Agosto de 2013.



Marcha das Vadias de Campina Grande-PB

A Marcha das Vadias é um movimento que surgiu a partir de um protesto realizado em 3 de abril de 2011 no Canadá quando, após uma série de casos de abuso sexual na Universidade de Toronto, o policial Sanguinetti afirmou que “as mulheres deveriam evitar se vestirem como vadias, para não serem vítimas”.

Desde então o movimento é realizado em diversas partes do mundo, em protesto contra a cultura de que se devem treinar as mulheres para não serem violentadas, ao invés de educar os homens para não serem violentos.

Em 2012, Campina Grande realizou sua primeira Marcha das Vadias, com a mesma pauta das Marchas que ocorriam no mundo e no Brasil, e mostrando à população que em uma sociedade machista toda mulher é considerada vadia.

Somos vadias se dizemos sim, se dizemos não, se não aceitamos apanhar de nossxs companheirxs, se não aceitamos o sexo sem vontade, o desrespeito e que tomem nosso dinheiro. Quando não aceitamos que nos toquem sem nossa permissão e reclamamos de ouvir cantadas grosseiras e aos gritos na rua. Se não queremos ter filhos ou quando temos muitos. Se “ousamos” ocupar cargos de poder, se trabalhamos, ou quando optamos por sermos donas de casa e nos acusam de viver às custas de maridos. Quando escolhemos viver como gente, sendo livres para escolher nossxs parceirxs, a roupa que usamos, nossas ocupações, nossa vida... Somos SEMPRE chamadas de vadias.

E se é assim que nos veem, somos todas vadias com muito orgulho!

Nesse ano, a Marcha das Vadias de Campina Grande será novamente um espaço para que todxs ponham sua voz nas ruas contra o machismo, a violência, o preconceito, o racismo e a opressão.

Será também uma manifestação política de exigência ao Governo do Estado da Paraíba para que adote todas as medidas necessárias para que a Delegacia Especializada da Mulher (DEM) de Campina Grande não funcione somente durante o dia e das segundas às sextas-feiras, mas também à noite, nos finais de semana e feriados, isto é, nos dias e horários em que acontece o maior número de agressões às mulheres e em que estão mais desprotegidas.

Por isso convidamos os vadios e vadias de Campina Grande para que nos acompanhem nessa luta que é de todxs!

Dia 10 de agosto, às 9h na Pirâmide do Parque do Povo!

Fonte: <https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/oa.596846350359923/482884775140902/?type=3&theater>

Depois do segundo fórum, o grupo de organização cria o Bruta Flor Coletivo Feminista a partir da necessidade de constituir uma identidade para o grupo, pois antes este é identificado a partir das participantes, “as meninas da marcha” ou as “meninas do fórum”, designação não criada pelas organizadoras. É um momento em que estão sendo convidadas para eventos e parcerias e necessitavam criar uma marca que identificasse o coletivo. O nome Bruta Flor vem da música de Caetano

Veloso, O Quereres, uma sugestão de Coragem. A página no *Facebook* do Bruta Flor⁵⁴ é criada no dia 26 de Março de 2014.

Justiça afirma que houve muita discussão para definir o que são e aponta “Eu acho que o povo nos viu como um coletivo primeiro que nós”. Vejamos a sua justificativa para essa discussão:

Agora eu acho que isso foi porque no nosso caso aconteceu o inverso do que houve com a maioria das pessoas no ativismo. Por que ninguém nos puxou para dentro, a gente simplesmente entrou. E teve muita sorte também porque nenhuma de nós estava envolvida em nenhum movimento social, nem tinha organizado um evento do porte do Fórum ou puxado um ato na rua. E a gente fez isso as cegas e deu certo. Só depois é que me dei conta disso, porque tem movimentos que estão aí faz anos, tem um posicionamento coerente, não que eu ache que não somos, um trabalho bem legal, mas quando chega na hora de ir para a rua não consegue mobilizar. Tem evento que mesmo com uma programação boa, com inscrições gratuitas e tudo, não consegue dar gente. Conseguimos, mas eu considero que além de trabalho teve muita sorte. (...) E também acho que a repercussão que a Marcha das Vadias teve naquele momento ajudou bastante. (Entrevista com Justiça, em 11/12/2015).

A partir desse momento todas as ações do grupo passam a fazer parte do Bruta Flor Coletivo Feminista.

É interessante que a informação da depoente corrobora com a perspectiva apontada por Helene (2013, 71):

(...) vale ressaltar como a realização das marchas alavancou a criação de coletivos feministas, que se estabeleceram para além dos protestos, passaram a se encontrar e realizar outros eventos. Muitas integrantes desses coletivos não estavam engajadas em nenhum tipo de luta feminista anteriormente, ou mesmo em nenhuma atividade de contestação social

É justamente o que acontece com as organizadoras da Marcha das Vadias de Campina Grande: organizam a marcha e, concomitantemente, se engajam na causa feminista.

⁵⁴ Ver <https://www.facebook.com/coletivobrutafior/?fref=ts>.

A escolha do nome do coletivo passa por conflitos, no sentido de que não houve aprovação unânime, mas tendo aceitação da maioria das “meninas do Fórum”. As que não aceitam o nome argumentam que flor remete a fragilidade. Assim, não querendo identificar o movimento feminista a características estereotipadas. Vejamos o relato de Ação:

No grupo tudo é decidido por votação e maioria. A gente elencou alguns nomes e esse foi o que a maioria gostou, apesar de ter gente que ainda não gosta por ter flor no nome (risinhos), porque pode ser que... aquela questão de flor, delicada, mulher, num sei o que, de reforçar os estereótipos que foram ditos que as mulheres têm, os estereótipos de gênero, tanto os masculinos quanto os femininos. Tem gente que acha que a flor reforça a questão da feminilidade, que toda mulher é frágil. É outra discussão também de que quando a gente diz não quer reforçar esse discurso não quer dizer que nenhuma mulher possa ser meiga, doce. A questão tá na generalização de que toda mulher é. Então aquela que não é ela vai ser marginalizada, porque ela não pode ser. (...). (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Os estereótipos de gênero que nossa informante aponta estão relacionados a ideia de força e, conseqüentemente, brutalidade como inerentes a identidade masculina. E flor como elemento delicado que é relacionado a feminilidade, trazendo a conotação de fragilidade como elemento da identidade feminina.

Vejamos a letra da música de Caetano Veloso, O Quereres:

Onde queres revólver, sou coqueiro
 E onde queres dinheiro, sou paixão
 Onde queres descanso, sou desejo
 E onde sou só desejo, queres não
 E onde não queres nada, nada falta
 E onde voas bem alto, eu sou o chão
 E onde pisas o chão, minha alma salta
 E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família, sou maluco
 E onde queres romântico, burguês
 Onde queres Leblon, sou Pernambuco
 E onde queres eunuco, ganhão
 Onde queres o sim e o não, talvez
 E onde vês, eu não vislumbro razão
 Onde o queres o lobo, eu sou o irmão
 E onde queres cowboy, eu sou chinês

Ah! Bruta flor do querer
 Ah! Bruta flor, bruta flor

Onde queres o ato, eu sou o espírito
 E onde queres ternura, eu sou tesão
 Onde queres o livre, decassílabo
 E onde buscas o anjo, sou mulher
 Onde queres prazer, sou o que dói
 E onde queres tortura, mansidão
 Onde queres um lar, revolução
 E onde queres bandido, sou herói

Eu queria querer-te amar o amor
 Construir-nos dulcíssima prisão
 Encontrar a mais justa adequação
 Tudo métrica e rima e nunca dor
 Mas a vida é real e é de viés
 E vê só que cilada o amor me armou
 Eu te quero (e não queres) como sou
 Não te quero (e não queres) como és

Ah! Bruta flor do querer
 Ah! Bruta flor, bruta flor

Onde queres comício, flipper-vídeo
 E onde queres romance, rock'n roll
 Onde queres a lua, eu sou o sol
 E onde a pura natureza, o inseticídio
 Onde queres mistério, eu sou a luz
 E onde queres um canto, o mundo inteiro
 Onde queres quaresma, fevereiro
 E onde queres coqueiro, eu sou obus

O queres estares sempre a fim
 Do que em mim é de mim tão desigual
 Faz-me querer-te bem, querer-te mal
 Bem a ti, mal ao queres assim
 Infinitivamente pessoal
 E eu querendo querer-te sem ter fim
 E, querendo-te, aprender o total
 Do querer que há, e do que não há em mim.

A música de Caetano é toda composta de antíteses, figura de linguagem que consiste na exposição de ideias opostas, assim como a brutalidade e a flor. Porém, quando as integrantes do coletivo escolhem esse nome não é no sentido de legitimar as oposições entre ser homem e ser mulher. Mas no sentido que a mulher tem escolhas, pode ser bruta e/ou pode ser delicada.

Houve outras sugestões de nome para o grupo, como Coletivo Fórum em referência ao Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos, mas as integrantes não aprovaram a ideia. A outra sugestão foi Vaca Profana, também em referência a música de Caetano Veloso. Coragem informa que esse nome foi rejeitado pela maioria das integrantes. Vejamos:

Teve a sugestão de Vaca Profana, mas foi rejeitado porque a gente achou que ia ser um nome meio agressivo. Não exatamente agressivo, mas que a gente supôs que ia ter mais rejeição das pessoas que não estavam dentro do movimento, que não tinham muito conhecimento sobre feminismo e tudo mais. Aí a gente descartou. (Informação dada por Coragem em 16/05/2018).

Vaca Profana é uma música de teor mais transgressor, no sentido de exaltar a figura feminina como uma mulher sagrada de divinas tetas, mas ao mesmo tempo profana, e afrontar os caretas derramando leite mau em suas caras, além de se colocar acima da manada (rebanho). A música possui muitos elementos empoderados da figura feminina.

Pensar na possível rejeição do nome Vaca Profana traz a perspectiva de negociação com o público em geral, uma negociação a priori, já que apenas as componentes do coletivo participam da votação. Essa negociação se dá no plano das estratégias de apresentação e aceitação do coletivo.

3.3 III OU TENTATIVA DE UMA III MARCHA DAS VADIAS EM CAMPINA GRANDE?

O ano de 2014 se inicia com a proposta de se ter a “III Marcha das Vadias” em Campina Grande.

No mês de maio temos o “II Samba das Vadias”, mas não tem Fórum. Assim, ocorre uma ruptura em relação ao ano anterior, que considera a marcha como o ápice do Fórum.

Nas entrevistas, o Fórum é apresentado com muito carinho pelas meninas do Bruta Flor, principalmente as mais antigas no Coletivo, Justiça, Garra, Ação, Liberdade e Coragem. Vamos observar a importância do Fórum descrita por

Liberdade após eu perguntar se o Bruta Flor não tem a intenção de reativar esse evento que significou um marco na Marcha das Vadias em Campina Grande:

Temos, temos. Só que não temos conseguido nos organizar para realizar o Fórum, mas o Fórum também é uma coisa que a gente quer muito bem, que a gente faz com carinho, tem vontade de trazer uma coisa nova pra se pensar, pra chamar e dizer “Oh, bora conversar sobre isso?”. Só que tem questão de grana, questão de realizar um evento pra chamar pessoas de fora pra falar, pra ter uma base mais fortezinha, que chama mais pessoas. Enfim, tem toda essa questão estrutural, de grana, de correr atrás, de organizar e as vezes tá todo mundo na correria e não tem tempo pra sentar e fazer a coisa acontecer. (Entrevista com Liberdade, em 18/08/2017).

Essa é a primeira marcha que participo na cidade de Campina Grande, inclusive participo de atividades de formação, a exemplo da Oficina de Cartazes e das Rodas de Conversa, no Parque da Criança. Nessas rodas além de debates sobre temas relacionados ao feminismo, ocorre lanches coletivos, com toalhas, cangas e lençóis pelo chão.

Ao total há duas Rodas de Conversa. A primeira no dia 22 de novembro de 2014, discutindo o que é o feminismo e o que é ser feminista; a segunda no dia 29 do mesmo mês e ano, com o seguinte tema: “Feminismo para todas – a quem o nosso feminismo alcança?”

Figura 24: Roda de Conversa para a Terceira Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 23 de Novembro de 2014.



Fonte: <https://www.facebook.com/marchavadiascg/photos/pb.1507308789521424.2207520000.1458261792./1510394922546144/?type=3&theater>

Figura 25: Divulgação da Terceira Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 02 de Dezembro de 2014.



Fonte: <https://www.facebook.com/marchavadiascg/photos/pb.1507308789521424.2207520000.1458261792./1514250548827248/?type=3&theater>

A terceira ou a tentativa de uma terceira Marcha das Vadias em Campina Grande ocorre no dia 6 de dezembro de 2014. Existe uma polêmica em relação a esse evento. No dia da marcha se concentra um público pequeno, cerca de 70 pessoas (contagem própria). A marcha foi suspensa, mas as pessoas caminham com faixa, corpos pintados e partes expostas, com palavras de ordem, rumo a Praça da Bandeira. Ao final alguns ficam se perguntando se houve marcha ou não.

Justiça e Garra consideram que não houve marcha no ano de 2014, pois não foi realizada como nos anos anteriores, devido uma série de fatores, como: na época a Universidade Estadual da Paraíba estava em greve, a cidade estava vazia, pois era véspera de feriado, e os movimentos sociais estavam saturados, pois no ano anterior tinha ocorrido o movimento do Passe Livre. Assim se justificaram Justiça e Garra:

Justiça: Eu não considero porque assim no fim das contas é... Num é nem só por questão de dar público. Sabe?

Garra: É questão da organização, da ideologia, de tornar o movimento uma coisa que ocupe outros ambientes e que ocupe a cabeça das pessoas no momento.

Justiça: E não gerou mobilização, nem nada!

Garra: Na verdade, a maioria das meninas que começaram a fazer a marcha não estava aqui. (Entrevista com Garra e Justiça, em 11/12/2015).

Porém, o ato em si ocorreu. Eu, particularmente, saí de lá com a impressão de que houve marcha, pois o trajeto programado foi seguido, com gritos de guerra, batucada, corpos expostos e apresentação na Praça da Bandeira. Ao se observar as fotos, tenho a impressão que de fato está ocorreu. Vejamos as fotos do evento:

Figura 26: Terceira Marcha das Vadias, postado no dia 06 de Dezembro de 2014.
Foto de Rostand Melo. Foto postada em preto e branco.



Fonte: <https://www.facebook.com/marchavadiascg/photos/pb.1507308789521424.2207520000.1458261776./1515781528674150/?type=3&theater>

Figura 27: Terceira Marcha das Vadias, postado no dia 06 de Dezembro de 2014.
Foto de Rostand Melo. Foto postada em preto e branco.



Fonte: <https://www.facebook.com/marchavadiascg/photos/pb.1507308789521424.-2207520000.1458261776./1515782238674079/?type=3&theater>

Figura 28: Terceira Marcha das Vadias, postado no dia 06 de Dezembro de 2014.
Foto de Rostand Melo.



Fonte: <https://www.facebook.com/marchavadiascg/photos/pb.1507308789521424.-2207520000.1458261776./1515779338674369/?type=3&theater>

Figura 29: Terceira Marcha das Vadias, postado no dia 06 de Dezembro de 2014.
Foto de Rostand Melo. Foto postada em preto e branco.



Fonte: <https://www.facebook.com/marchavadiascg/photos/pb.1507308789521424.-2207520000.1458261776./1515778945341075/?type=3&theater>

Figura 30: Terceira Marcha das Vadias, postado no dia 06 de Dezembro de 2014.



Fonte: <https://www.facebook.com/marchavadiascg/photos/pb.1507308789521424.-2207520000.1458261776./1516344108617892/?type=3&theater>

No ano de 2015 não acontece Marcha das Vadias em Campina Grande. Há ação do Bruta Flor no 8 de Março, apoiam duas ações do Ariel Coletivo e participam da mesa redonda “PL5069: aborto e cultura do estupro na Paraíba”, que ocorre no dia de 02 de Dezembro.

3.4 MARCHA DAS VADIAS 2016: NOSSO CORPO, NOSSA CIDADE

A Marcha das Vadias 2016⁵⁵, cujo tema foi “Nosso corpo, nossa cidade” ocorre no dia 30 de julho, com concentração as nove horas da manhã na Praça Clementino Procópio, com parcerias do Ariel Coletivo Literário, Coletiva Gaia, o Batuque Baque Virado da Borborema e participação do cantor Sócrates Gonçalves.

A marcha desse ano foi pensada como parte do módulo 3 do (Des)fazendo Gênero III – Paraíba⁵⁶. O tema central desse módulo é “Cidade para quem e para quem? A produção das diferenças e a ocupação da cidade”. A marcha foi a concretização da proposta desse módulo, ou seja, ocorreu a ocupação da cidade por meio de um movimento de resistência⁵⁷.

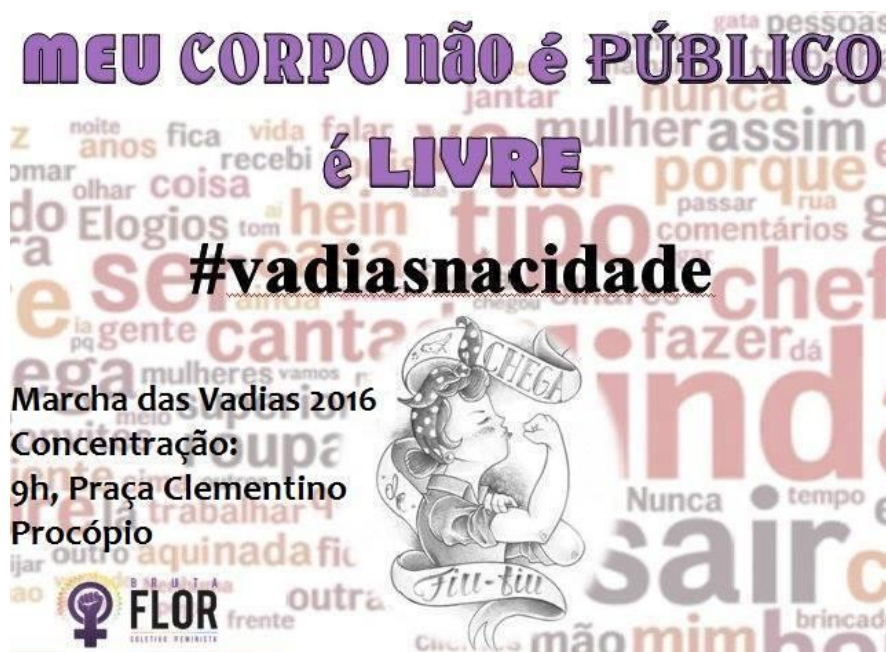
Esse ano foi caracterizado pela abertura das reuniões para organização da marcha. A perspectiva era de dinamizar a organização e levar pessoas novas para o movimento. Segundo a informante Ação, as reuniões do Bruta Flor são semanais e compostas apenas pelas integrantes do coletivo por uma questão de organização.

⁵⁵ Observem que a marcha não é intitulada de 3ª ou 4ª Marcha das Vadias. Isso é reflexo da indefinição se houve ou não a marcha em 2014. Perguntei a Justiça se essa era a 3ª ou 4ª Marcha das Vadias. Ela disse que agora só é Marcha das Vadias.

⁵⁶ O (Des)fazendo gênero é um evento internacional que ocorre de 2 em 2 anos e está ligado a Teoria Queer. A sua terceira edição ocorreu em Campina Grande-PB entre os dias 10 e 13 de Outubro de 2017.

⁵⁷ O ápice da Marcha deu cerca de 100 pessoas. (Contagem própria).

Figura 31: divulgação da Marcha das Vadias 2016, postada no dia 21 de Julho de 2016.



Fonte: <https://www.facebook.com/coletivobrutafior/photos/a.295609227260330.1073741828.285211634966756/636151329872783/?type=3&theater>

Figura 32: divulgação da Marcha das Vadias 2016, postada no dia 21 de Julho de 2016.



Fonte: <https://www.facebook.com/coletivobrutafior/photos/a.295609227260330.1073741828.285211634966756/636191236535459/?type=3&theater>

Figura 33: divulgação da Marcha das Vadias 2016, postada no dia 24 de julho de 2016.

ÔNIBUS LOTADO NÃO É DESCULPA PARA ASSEDIAR, RESPEITE AS MULHERES!

**#VADIASNACIDADE
MARCHA DAS VADIAS 2016
Campina Grande (PB)**

Fonte:

<https://www.facebook.com/coletivobrutaflor/photos/a.295609227260330.1073741828.285211634966756/637564606398122/?type=3&theater>

Inicialmente a Marcha 2016 teria um percurso mais longo, indo da Praça Clementino Procópio até o CUCA (Centro Universitário de Cultura e Artes), as margens do Açude Velho. Porém, fez outro percurso: saiu da Praça Clementino Procópio, passou pelo Calçadão da Cardoso Vieira, contornou a Praça da Bandeira, em reforma, e regressou ao ponto de partida.

Ao longo da marcha, que passou por pontos principais do centro da cidade, foram gritadas palavras de ordens, acompanhadas pela batucada, Batuque Virado, que iniciou a marcha com a saudação “Fora Temer”. A questão política foi bastante levantada no discurso das participantes e nos gritos de “Fora Temer”, ponto que Coragem considerou negativo. Vejamos:

E aí, uma coisa que eu não gostei muito foi que começaram a falar “Fora Temer” e em defesa de Dilma. E aí, meio que desviou o foco, sabe? Porque assim, eu particularmente não, não defendo esse governo de Dilma, por mais que Temer seja um desastre, mas eu acho que, entrando nessa pauta rapidinho, eu acho que foi um governo que se lixou pras mulheres, sabe? E pras minorias e pros grupos vulneráveis, e que de esquerda não tinha nada. E aí, eu acho meio que um contrassenso a gente defendendo um governo que

virou as costas pra gente (...). (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Esse aspecto tem a ver com o momento político brasileiro, o afastamento de Dilma Rousseff da Presidência da República para andamento do seu processo de *Impeachment* que se efetivou no dia 31 de agosto de 2016. No momento da marcha 2016 quem estava respondendo pelo cargo de Presidente da República era Michel Temer, considerado pelos grupos defensores da ideia de Golpe como uma figura ilegítima para tal cargo.

Esse contexto histórico também pode ser visualizado na postagem a seguir, do (Des)fazendo Gênero após a Marcha das Vadias 2016, apresentando por que as mulheres e os homens da marcha gritam. Seus corpos são apresentados como lugar de “denúncias sobre os elos entre a corrupção no Brasil e misoginia, racismo e LGBTfobia”, apontando que as(os) integrantes da marcha não aceitam a regulamentação dos espaços como lugar de poder, pois a cidade é lugar de vida e transgressão.

Figura 34: Postagem do (Des)fazendo Gênero do dia 8 de agosto de 2016.

Desfazendo Gênero III - Paraíba

Rosemary Página inicial 4

Curtiu Seguindo Compartilhar

Cadastre-se Enviar men

E TEVE A MARCHA DAS VADIAS

26 fotos · Updated há 7 meses

Vimos no primeiro dia de encontro (28) que a construção do espectro da vadia se dá concomitante à regulamentação do espaço de acordo com os imperativos da sexualidade como dispositivo histórico de poder, associando feminilidade à domesticidade. Nesse contexto, a figura da “vadia”, aliada à criminalização da prostituição, tornou a cidade ainda mais inóspita para as mulheres, reforçando as dinâmicas de racismo na vida de negras e pobres, as únicas “liberadas” para transitar, a serviço dxs mais abastadx, pelas ruas da cidade. A historiadora Michelle Perrot (2014) observou que as mulheres podiam figurar nas manifestações, mas no lugar delas, funcional ou ritual, de porta-estandarte, porta-bandeiras, sustentação ou ornamento, jamais por si mesmas. Toda manifestação de mulheres, grevistas ou feministas, era/é percebida como inconveniente ou subversiva. Se a rua cotidiana é hospitaleira às mulheres, a rua política as repele em nome de uma concepção viril da publicidade.. No dia 30 de julho, a 3ª edição da Marcha das Vadias de Campina Grande reuniu pessoas de diferentes configurações de cor, raça e gênero, cujos corpos formaram um painel de denúncias sobre os elos entre a corrupção no Brasil e a misoginia, racismo e LGBTIfobia, para denunciar as conexões existentes entre a “usurpação” do Estado e da cidade e a precarização da vida das mulheres, em sua distintas configurações. E foi lindo! PERROT, Michelle O Gênero da Cidade. História e Perspectivas, Uberlândia (50): 23-44, jan./jun. 2014

Bate-papo - (77)

Desfazendo Gênero III - Paraíba
@3desfazendogenero

Página inicial
Sobre
Fotos
Curtidas
Eventos

Fonte: https://www.facebook.com/pg/3desfazendogenero/photos/?tab=album&album_id=1122256331154643

Além da marcha, nesse ano ocorrem ações do Bruta Flor, como a visita as escolas públicas no dia 8 de março, o “III Samba das Vadias” e a festa “Vadias Calientes”.

Vejamos fotos da marcha. Observemos como se repetem elementos anteriores: participação LGBT, empoderamento feminino, direito ao corpo, além de elementos que não aparecem nas fotos, como classe, raça e pautas gerais.

Figura 35: Marcha das Vadias 2016, postado no dia 8 de agosto de 2016.



Fonte: Acervo particular.

Figura 36: Marcha das Vadias 2016, postado no dia 8 de agosto de 2016.



Fonte: <https://www.facebook.com/3desfazendogenero/photos/a.1122256331154643.1073741852.1052222751491335/1122256701154606/?type=3&theater>

Figura 37: Marcha das Vadias 2016, postado no dia 8 de agosto de 2016.



Fonte: <https://www.facebook.com/3desfazendogenero/photos/a.1122256331154643.1073741852.1052222751491335/1122256627821280/?type=3&theater>

Figura 38: Marcha das Vadias 2016, postado no dia 8 de agosto de 2016.



Fonte: <https://www.facebook.com/3desfazendogenero/photos/a.1122256331154643.1073741852.1052222751491335/1122256524487957/?type=3&theater>

Figura 39: Marcha das Vadias 2016, postado no dia 8 de agosto de 2016.



Fonte: <https://www.facebook.com/3desfazendogenero/photos/a.1122256331154643.1073741852.1052222751491335/1122257847821158/?type=3&theater>

Figura 40: Marcha das Vadias 2016.



Fonte: Acervo particular.

A frase da imagem anterior é trecho da música “Minha buceta é o Poder” de Valesca Popozuda. Essa frase pichada no muro do antigo Cinema Capitólio faz parte da intervenção na cidade feita por uma das integrantes durante a marcha e versa sobre a ideia de empoderamento feminino.

Nessa marcha e na marcha de 2014 coletei canções representativas da luta da Marcha das Vadias em Campina Grande, que foram cantadas largamente durante todo o ato político. Vejamos algumas e sobre o que versam:

LIBERDADE SEXUAL

Eu beijo homem, beijo mulher
Tenho direito de beijar quem eu quiser!

ABORTO

Legaliza
O corpo é nosso
É nossa escolha
É pela vida das mulheres.

ACLAMAÇÃO FEMINISTA CONTRA O MACHISMO

Eu sou mulher, sou feminista

Vim pra acabar com o seu conceito machista!

Eu sou homem

Não sou machista

Pela igualdade

Eu sou pró-feminista!

REVOLUÇÃO ATRAVÉS DA LUTA DAS MINORIAS

As gays, as bi, as travas, as sapatão

Tão tudo reunida

Pra fazer Revolução!

LUTA CONTRA A OPRESSÃO

Eu sou pintosa

Sou sapatão

Sou travesti

E luto contra a opressão!

No ano 2017 não ocorre a Marcha das Vadias em Campina Grande. Durante o ano ocorrem ações do Bruta Flor, como visitas as escolas públicas no “Dia Internacional da Mulher”, 8 de Março, o “Samba das Vadias”, o “Cine Feminista”, a participação no (Des)fazendo Gênero III – Paraíba, etc. Garra (Informação dada em 11/03/2017) afirmou que em decorrência de uma demanda muito grande, devido a realização do (Des)fazendo Gênero III, foi difícil a articulação para a organização da marcha nesse ano.

Neste sentido, há uma certa interrogação se a Marcha das Vadias está desmobilizada ou chegando ao seu fim, já que progressivamente o evento vem sofrendo um esvaziamento. Na primeira edição da Marcha, segundo Ação, o número

de participantes foi em torno de 500⁵⁸ pessoas, número bem diferente da edição de 2016, última Marcha em Campina Grande, que em seu ápice chegou em cerca de 100 pessoas (contagem própria).

Ação aponta o surgimento de outros movimentos como o elemento central para diminuição do interesse do público pela Marcha e, conseqüentemente, o seu enfraquecimento. Vejamos seu depoimento:

Ano passado, depois da marcha do ano passado, a gente repensou bastante sobre a continuidade, a importância ainda da marcha e a gente entendeu que naqueles anos ali de 2011, 2012 eram anos em que as pessoas não tinham muito o costume de ir pra rua. Então, ir as ruas era algo mais inusitado, então muita gente ia. Era mais forte também em outros lugares, tanto em outros estados como fora do Brasil. E era praticamente o que se tinha, né? E aí depois de 2012, 2013 foram surgindo outros movimentos, tanto de rua quanto focados no feminismo, que eu acho que foram desviando um pouco o foco da marcha e ela foi enfraquecendo, perdendo a força que ela tinha nos primeiros anos. Surgiram vários outros coletivos, várias outras ações, que as pessoas tinham oportunidade mais de falar sobre isso, a própria internet, né? Muitas páginas, muitos grupos. E aí, a marcha deixou ser aquele único espaço que as pessoas tinham para discutir, falar, mostrar coisas sobre o feminismo. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Portanto, na sua análise a construção de outros espaços de visibilidade feminista, do ponto de vista local, pode ter sido um dos elementos que enfraqueceu a Marcha das Vadias em Campina Grande. Assim, as pessoas passaram a ter oportunidade de sair a rua e reivindicar por questões não apenas feministas. Em relação ao feminismo, além de outros movimentos de rua, a nossa informante aponta a internet como elemento de grande divulgação das ideias feministas e, sobretudo, espaço de protesto, reivindicação e ação. Mas será que essa é a única justificativa?

Liberdade, por sua vez, aponta que a Marcha das Vadias está menos focada em um sentido político, na perspectiva de conscientização, e que, portanto, foi perdendo o seu sentido. Assim, indicando a causa do enfraquecimento do movimento. Vejamos sua fala:

⁵⁸ Esse número é divergente entre as informantes. Enquanto Ação aponta cerca de 500 participantes, Justiça aponta cerca de 400 e Coragem cerca de 300 participantes.

Então, eu entendo que a Marcha das Vadias foi um movimento que deu certo naquela época, na época que aconteceu toda a história lá no Canadá, com o que moveu mesmo a Marcha das Vadias, com esse episódio também que aconteceu aqui de Queimadas. Mas eu acho que ela foi perdendo um pouco do sentido ao longo do tempo, onde as pessoas se organizavam muito mais para protestar por qualquer coisa do que uma conscientização mesmo de que tava ali lutando por questões de direito, igualdade, tá entendendo? Eu entendo que no início a Marcha das Vadias foi uma coisa muito importante para abrir os olhos da sociedade, pra chamar atenção e dizer “Oh, a gente existe e o nosso corpo é nosso e ninguém tem direito sobre a gente não”. E eu acho que chamou realmente muito atenção lá nos Estados Unidos e aqui no Brasil, claro. Mas eu acho que foi perdendo um pouco de sentido, entende? Eu acho que a gente deve se organizar de outras formas, talvez. (...) Então, eu acho que ficou uma coisa menos politizada, uma coisa menos organizada, na verdade. (...) Quando havia a organização do Fórum e logo em seguida tinha logo a Marcha das Vadias aí era uma coisa organizada porque, por exemplo, você passava três dias de Fórum, discutindo sobre aquilo, fazendo essa... tendo essa conscientização mesmo, entendendo o que estava acontecendo mesmo. E aí, ir pra rua com um motivo real, tipo assim “Ah não, massa, eu sei por que eu tô aqui”. Só que depois de um tempo, acho que faz uns dois anos, 3 anos que o Bruta não organiza o Fórum, ninguém organiza também nada assim que mova o pessoal aí pra se encontrar e debater sobre alguma questão. É, eu acho que foi morrendo assim o propósito, foi meio que morgando. (Entrevista com Liberdade, em 18/08/2017).

Liberdade se refere a marcha como algo do passado, “a Marcha das Vadias **foi** um movimento que deu certo naquela época”, “a Marcha das Vadias **foi** uma coisa muito importante para abrir os olhos da sociedade”, evidenciando um possível fim da Marcha das Vadias em Campina Grande ou, pelo menos, um enfraquecimento progressivo. O Fórum é colocado como um evento que possibilita uma conscientização via conhecimento e debate.

Outra questão que Liberdade levanta é a ideia de que há pessoas que comparecem a marcha apenas com o intuito de festejar, se reunir. A fala da nossa informante evidencia que este não é o propósito, que talvez tenha se perdido com a falta de politização do movimento via Fórum. Vejamos seu relato sobre a questão da liberação ou não da venda de bebida durante a Marcha das Vadias em Campina Grande em 2016:

A gente do Bruta (...) tinha concordado em não vender bebida, ou melhor, em vender só quando fosse lá pro CUCA, que era cultural e tal. E aí, a gente sacou algumas meninas, até do Bruta, bebendo na

Marcha. E aí, o grupo ficou meio nessa “Caramba, e daí qual é o propósito?”. Tipo a gente não acha legal você tá bebendo, meio que festejando, comemorando numa situação em que você tá ali pra dizer “Não, não é isso, não é massa o que vocês estão fazendo com a gente, não é massa o que a sociedade faz com a gente, a gente quer reivindicar isso e isso e isso”. (...) Aí, a gente começou a dizer “Não, não vamos mais, não é tão interessante a gente organizar a Marcha se for pra ser nesse sentido”, sabe? Que tá meio que festejando, só se reuniu pra tá junto, pra tá bebendo, sei lá, pra dá um rolé na rua. Não faz sentido! (Entrevista com Liberdade, em 18/08/2017).

Indignação também aponta a despolitização da marcha e também se mostra contrária ao consumo de bebida alcoólica durante a movimentação. Sua fala apresenta preocupação em relação ao que as pessoas vão pensar sobre o ato político de ir a rua protestar e ao mesmo tempo festejar. Acompanhemos seu argumento:

Eu acho que a marcha se fragilizou. Surgiu como um grande, um grande *boom*, mas eu acho que ela se perdeu. Eu acho que a marcha, ao meu ver, não é ir pra rua simplesmente. Precisa ter uma... um manifesto plausível e palpável, a gente precisa saber por que tá indo pra rua. E muitas vezes vira oba oba. (...) Aí, eu lembrei agora que me incomodou muito foi na marcha a galera tá lá vendendo cerveja. Pronto, isso é um ponto que me incomoda porque eu não acho que manifestação é lugar de tá bebendo. Eu posso ser um pouco conservadora, posso ser não, eu sou conservadora até pra manifestar contra o conservadorismo. Mas eu acho que a gente tá na rua não é pra tá bebendo, é pra tá mostrando que a gente tá lutando por direitos. E eu acho que isso enfraquece, porque as pessoas acabam vendo como oba, oba. E se a gente tá mostrando pras pessoas a insatisfação de repente... Não sei, me incomoda (...). (Entrevista com Indignação, em 05/04/2018).

Já Desconstrução aponta três aspectos importantes para se entender a desmobilização da Marcha das Vadias: a descrença no feminismo, o cenário político atual do Brasil e, por fim, a descrença nas estratégias do movimento feminista:

A diminuição de pessoas nas últimas marchas também reflete um pouco da descrença, da desmobilização do movimento feminista. Isso me marcou muito porque tinha muita gente na primeira e comparando com as demais a gente foi vendo uma diminuição. (...) Eu acho que o cenário, a conjuntura do Brasil é determinante nesse momento, o avanço da onda conservadora, enfim. E eu acho também uma certa descrença das estratégias do movimento, (...) das

feministas, que eram as pessoas que geralmente frequentavam as marchas. (Entrevista com Desconstrução, em 09/02/2018).

Justiça (Entrevista em 28/02/2018) acredita no enfraquecimento dos movimentos sociais e, conseqüentemente, da Marcha das Vadias. Aponta esse enfraquecimento como reflexo do fracasso de atos organizados pela esquerda brasileira.

Indignação, por sua vez, acredita que há um declínio da Marcha das Vadias em Campina Grande, diferente da Marcha das Vadias de outras cidades. Qual o seu argumento para tal fenômeno? Acompanhemos:

Eu acho que tá mais em Campina mesmo, né? Assim, eu não participei em outros lugares, mas a gente consegue perceber pelas mídias que há uma concentração. Não sei se Campina por ser uma cidade mais conservadora, num sei. Eu num tenho propriedade para falar sobre isso, mas eu percebo que aqui a gente tá muito curral, muito aceitando muitas coisas. Não há uma grande indignação. Então, o caso de Marielle, por exemplo, a gente não ver grandes coisas aqui em campina, né? (...). (Entrevista com Indignação, em 05/04/2018).

A ideia de Campina Grande ser conservadora é apontada pelas informantes em muitas circunstâncias, como no preconceito contra a marcha e, principalmente, na ideia de nudez, alegando que a cidade é muito provinciana para comportar tamanha transgressão. Nessa perspectiva, é considerado, por parte das entrevistadas, como um fator que inibe a participação política nas questões relacionadas as pautas mais polêmicas.

Coragem afirma que a marcha deixou de ser novidade, deixou de ser escândalo. Diferente da entrevistada anterior, acredita que a marcha perdeu força em todo Brasil. Vejamos seu argumento:

Acho que as marchas elas foram, não só aqui em Campina Grande, mas no Brasil todo, elas foram perdendo o foco, perdendo um pouco da força, porque deixou de ser novidade, deixou de ser escândalo, deixou de ... Né? de ser novidade mesmo e vinha vindo cada vez menos pessoas, por mais que a gente fizesse divulgação (...). (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Muito interessante quando a nossa informante utiliza o termo escândalo. O que é um escândalo? Segundo o Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (2018) é:

Nome masculino

1. ato considerado contrário a moral e ou aos bons costumes e que é objeto da censura e da indignação da opinião pública
2. mau procedimento; mau exemplo
3. indignação pelo mau procedimento de alguém
4. manifestação ostensiva de desagrado ou indignação; escarcéu.

Coragem utiliza o termo escândalo para se referir a marcha não no sentido que seja um ato ou movimento de mau exemplo ou negativo, mas no sentido de ser um movimento que quebra paradigmas sociais e culturais e, sobretudo, choca, trazendo até a indignação pública⁵⁹. A sua análise aponta para a ideia de que deixa de ser escândalo quando deixa de ser novidade e passa a fazer parte do cenário urbano.

Há questões muito importantes que foram apontadas por nossas informantes para se analisar: o declínio geral dos movimentos sociais no Brasil e a proliferação dos discursos de ódio.

É recorrente na fala das entrevistadas o quanto as duas primeiras marchas em Campina Grande foram bem sucedidas, 2012 e 2013. A partir de 2014 há um retrocesso muito grande em relação ao número de público, ou seja, de pessoas que vão a rua. Como vimos anteriormente, as explicações são variadas, vão desde a questão da despolitização especificamente da marcha até a ideia de que esta deixa de ser escândalo. Mas também encontramos relatos de retração dos próprios movimentos sociais no Brasil, incluindo a Marcha das Vadias em Campina Grande.

A partir dessas constatações surge a questão: Por que os movimentos sociais sofrem retração nos anos seguintes as duas primeiras marchas?

O ano de 2013 é emblemático para discutir essa questão, ano em que eclode em todo o Brasil manifestações nas ruas, iniciadas com o MPL (Movimento Passe

⁵⁹ Podemos citar a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro em 27 de julho de 2013, momento da vinda do Papa Francisco para a Jornada Mundial da Juventude, considerada pela mídia como escândalo. Durante essa marcha foi questionado dogmas religiosos com seios expostos, quebra de imagens sagradas para os católicos e simulação de masturbação com crucifixo. Coragem acredita que essa marcha chocou as pessoas, principalmente cristãos, mas que é uma tática válida de enfrentamento.

Livre), mas que vai ganhando outros contornos com várias bandeiras de luta, contra a Copa do Mundo no Brasil, movimentos sociais por direitos, “Fora Dilma”, contra repressão policial, contra o conservadorismo crescente no Brasil, por problemas estruturais em bairros, entre outros. Mas principalmente em oposição ao governo brasileiro.

O cientista político e filósofo Wanderley Guilherme dos Santos (*apud* Das redes às ruas, Revista Caros Amigos, jul. 2013) analisa esses movimentos de rua como preocupantes, pois traz a desestabilização política do país e é claramente uma manobra da oposição em busca de melhorar o cenário político para os seus candidatos. Também critica o aparente caráter espontâneo do movimento.

É inegável que o fio condutor dessas manifestações são as redes sociais e a multiplicidade de interesses por trás das postagens. As manifestações do século XXI se iniciam com as mobilizações via redes sociais e depois ganham as ruas, não tendo necessariamente um partido político ou uma organização social como liderança. Nos protestos de 2013 temos um perfil apartidário e até mesmo uma rejeição muito grande.

Léon (2017) aponta que após os movimentos de rua de 2013 se acirraram no Brasil discursos de ódio. Esses discursos, propagado principalmente na internet via redes sociais, se configuram como uma prática fascista que simboliza a negação do “outro”, ou seja, aquele “diferente”.

A lógica fascista se resguarda da ideia que o passado era harmônico e homogêneo entre os indivíduos em detrimento os dias de hoje, que é povoado de indivíduos que fogem a lógica de harmonia e homogeneidade. Vejamos a perspectiva de Léon (2017, p. 165-166) sobre o “outro” e a ideia fascista:

(...) o fascismo nega, assim, a ideia de um indivíduo autônomo, que possa exercer sua diferença, que destoe, um ponto fora da reta, um desvio estatístico, uma mancha furta-cor. Também este tempo idílico traz consigo a ideia de um mundo sem estranhos, de um paraíso perdido, no qual características da nossa civilização ocidental sempre existiram. A ideia da natureza humana que formata a mulher naturalmente mãe, o homem naturalmente guerreiro, a criança naturalmente pura. A lógica fascista se funda a partir dos ideais modernos de liberdade, porém odeia as práticas libertárias. A liberdade, antes, é um modelo de liberdade e não uma prática, na visão fascista. (...)

Como exemplo dessa idealização do passado temos a fala de Questionamento (Entrevista em 08/02/2018), “essas feministas não são como as de antigamente, que lutavam por um lugar no mercado de trabalho, por melhor salário. Elas querem é vandalizar, elas querem...”, que apresenta essa lógica entendida pelos que proferem discursos de ódio. Para essa ideia, o passado é positivo em detrimento ao presente que se deteriorou com feministas que são “um bando de mulheres loucas”, as que instauraram o caos no movimento feminista.

O fascismo propaga o ódio e tenta enquadrar o “outro”, como o objetivo de destituir sua diferença. Assim, a intolerância é a marca maior desse discurso. O “outro” como ser abjeto, para Butler, ou anormal, para Foucault, é visto como portador de todos os males da sociedade, é o que instaura as perversões e anomalias sociais, ou seja, homossexuais, esquerdistas, líderes de movimentos sociais, feministas, negros, entre outros.

Quem propaga os discursos de ódio se coloca como o “normal” da relação, o que pretensamente reestabelece a ordem. Mas que se vale do autoritarismo e de um lugar de superioridade. Nessa lógica, há a necessidade de criar um marco fundador desse Brasil marcado pelo reestabelecimento da ordem social e cultural. Vejamos com Léon (2017, 178):

(...) Há que se renovar o período que se esgota e há que se rememorar a data em que se restabeleceu a nova ordem sagrada. Como o tempo é vetorial, deve haver um marco que assinale a entrada do tempo novo, da ordem nova, a idade de ouro. Para tanto, inaugura-se um discurso fundador, cuja base é a imagem de um gigante que se levanta do seu sono, mas que traz a pacificação e não a guerra, Que refunda o país no seu verde-amarelo e o livra dos horrores do vermelho.

Nessa configuração, 2013 é o marco fundador do que Léon (2017, p. 177) afirma ser “as cruzadas do bem contra o mal”. São atacados não apenas os camisas vermelhas, mas todos aqueles que se levantam contra o modelo vigente de sociedade ou contra “o gigante”. Esse é um discurso misógino, homofóbico, violento e autoritário.

O que encontramos comumente são pessoas que reproduzem uma verdade construída por grupos com discursos interessados. Não se questiona, apenas

reproduz. Desta forma, são tão comuns postagens nas redes sociais que pretendem reestabelecer a ordem apontando os culpados, “os homossexuais estão destruindo a família brasileira”, “os petistas estão acabando com o Brasil”, “as feministas estão instaurando o caos nas relações de gênero”, dentre tantos outros exemplos.

Vejamos ainda com Léon (2017, p.188) essa luta contra o “outro”:

A luta contra a corrupção de 2013 se transformou em luta contra um outro, o inimigo da nação, o gafanhoto destruidor. Nada de conviver com o diferente, e sim aplinar o tecido enrugado, passá-lo a ferro e fogo para torna-lo liso e bonito. Não mais tratar da diversidade, de conviver com as diferenças. Agora é aplinar. Escola sem partido, professor para ensinar e não educar. Famílias heteronormatizadas por lei. Um modelo-discurso atingiu-nos a todos, pois o fascismo não escolhe partidos, pessoas e nem lugares. Como é rizomático, atinge liberais, conservadores, esquerda, direita (ou o que isto venha a significar), transpassa grupos etários, gênero, situação econômica. Assim, ao lado de idosos saudosistas do golpe militar, há um grupo de jovens pedindo pela volta dos milicos ao poder. O sucesso da forma-discurso fascista é tão somente não ter lugar e nem tempo, é não se alojar num grupo, mas em todos. Uma ideia viral, totalizante.

Assim, vemos a proliferação de discursos de ódio que produz a demonização de Lula e dos petistas como vetores da corrupção, além de demonizar qualquer grupo de diversidade, os “outros” ou seres abjetos.

Março de 2015 é emblemática no embate entre a “nova direita”, símbolo da intolerância e do conservadorismo, e a esquerda, ala política desgastada politicamente por uma ostensiva campanha midiática. Claramente a direita promove um grito de “Fora Dilma” e esses movimentos são marcados pela presença da classe média.

Elemento de grande preocupação é a despolitização que a direita promove, como bem aponta o filósofo e professor da USP, Pablo Ortellado (*apud* CARVALHO, 2015, p. 24):

A esquerda é mobilizada faz muito mais tempo, ela tem instituições e movimentos mais enraizados, promovendo a politização das pessoas há muito mais tempo. Esse negócio de mobilização da direita é recente, todas essas organizações que chamaram os atos têm meses de existência e as pessoas que estão comparecendo nos atos se informam basicamente pela Veja e a Globo, o que é preocupante.

Assim, em concordância com o modelo de discurso que promove o ódio, o discurso fascista, o que se encontrava no movimento da direita era o desconhecimento político e a propagação de ideias prontas.

O fenômeno que se observa é que há um avanço grande da nova direita, marcadamente elitista, trazendo à tona o conservadorismo. Mas que também não se restringe às elites, pois parte da classe baixa aderiu aos discursos de ódio nas redes sociais.

Carvalho (2015, p. 30) aponta o crescimento do novo conservadorismo e suas consequências. Vejamos:

Para Pablo Ortellado, o crescimento de um novo conservadorismo, que teria no ódio sua orientação política, estaria subvertendo valores. “A moral deixa de estar subordinada à política e passa a subordinar a política”, explica o filósofo, para quem o atual cenário produz duas consequências: “Primeiro, temas morais como aborto, casamento gay, drogas e maioridade penal, que eram temas menores, ganham enorme proeminência, eles pulam para frente e para o centro do debate. Depois, temas mais tradicionais como a política econômica e a social passam a ser inseridos no debate moral de forma punitiva (...)”.

O conservadorismo avança, dificultando os espaços de voz destoantes, como a Marcha das Vadias e outros movimentos, que levantam justamente temas morais. Esse cenário político de avanço do conservadorismo fortalece aquele que propaga dos discursos de ódio.

Desta forma, veremos nas páginas que seguem essa Tese muitos discursos de ódio, dado principalmente pelo preconceito geral sobre os movimentos sociais, os feminismos e as feministas e pela ideia que o propagador dos discursos de ódio carrega a missão de corrigir a sociedade.

Outro elemento interessante de análise é a fragilidade das conquistas feministas. Desta forma, as meninas do Bruta apontam com perplexidade a fragilidade dessas conquistas. Os avanços de políticas para mulheres são inegáveis, mas não podem ser encarradas como concessão do Estado. Reivindicação aponta a fragilidade das conquistas feministas para o mundo feminino e o quanto é complicado resistir, principalmente sem o apoio da sociedade:

(...) Quando começa essa onda de contra reforma no país, que é justamente a caça aos direitos já estabelecidos, a gente ver que os nossos direitos são os primeiros a serem caçados, são os primeiros a serem retirados, são os mais fáceis de serem mexidos. Então assim, a gente está sempre sob ataque, sempre, sempre, permanentemente. Por mais que a gente tenha um movimento que a gente consegue avançar um pouquinho e colocar as nossas pautas dentro de políticas de âmbito nacional e a gente ver isso como uma vitória. No ano seguinte, no mês seguinte, isso é retirado, isso se acaba. E assim, agora tem, sei lá, tem até samba enredo falando sobre Reforma trabalhista e Previdenciária, tem milhares, têm mobilizações gigantescas de trabalhadores contra os direitos trabalhistas. Mas, assim, não tem essa mesma quantidade de pessoas na rua pra defender direito reprodutivo sexual da mulher, por exemplo. Então assim, até entre os nossos pares, dentro dos movimentos da gente de classe, a gente tem uma disparidade imensa dentro do debate de gênero. Os homens e muitas mulheres também ainda lutam pela questão da mulher, por políticas e por direito pra mulheres. Então, é um desafio muito grande pra gente ainda. A sociedade ainda não tá preparada. (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Justiça também aponta a fragilidade do movimento feminista diante da onda conservadora de setores fortes da política brasileira, que pretendem cercear os direitos das mulheres e de outras minorias. Vejamos:

A gente tá percebendo que há uma articulação no Congresso da bancada BBB (boi, bíblia e bala), onde eles estão tentando a todo custo empurrar essas pautas mais conservadoras e que restringem o direito de minorias. Minorias não quantitativamente, a gente tem uma perspectiva de minoria qualitativa. E o que é interessante é ver que o movimento feminista não está observando isso para se manter, tá lutando, tá resistindo (...). (Entrevista com Justiça, em 11/12/2015).

Mesmo as redes feministas resistindo e lutando, como pontuado pela entrevistada anterior, essa ideia de fragilidade é apontada por Pedro (2013, p. 256):

Entre outros espaços de divulgação de ideias, ocupam, de forma expressiva, a internet e suas redes sociais, onde continuam a debater, protestar e reivindicar. As ativistas no Brasil sabem que as poucas conquistas obtidas para as mulheres nunca estão asseguradas e que muito há por fazer num país em que as mulheres continuam morrendo em abortos clandestinos e um contingente enorme é alvo de violência doméstica, por exemplo.

Junto com esse retrocesso político os discursos de ódio ganham espaços, como na política, e vai se proliferando e ganhando cada vez mais adeptos. Esse fenômeno é visualizado atualmente com a campanha de Jair Bolsonaro. Não há discussão política acerca das suas ideias como presidenciável, o que há é uma mitificação da sua figura e suas ideias radicais e conservadoras.

Seus adeptos se encaixam perfeitamente no modelo de fascismo apontado por Léon (2017): não se propõem a discutir política, apenas reproduzem o que o seu líder apoia e apontam grupos sociais como culpados da desestabilização social do Brasil.

Mas voltemos a questão anterior: a Marcha das Vadias está desmobilizada ou chegando ao seu fim?

Apesar da informante Coragem carregar na sua fala um tom nostálgico, “eu sempre vou lembrar da marcha como uma coisa muito... como experiências positivas”, pondera que a marcha não acabou, mas que se ressignificou dentro do movimento feminista.

Acho que não necessariamente, exatamente, morreu. Acho que ela se transformou, ela evoluiu para uma coisa que não... pra uma discussão mais profunda sobre o feminismo. A partir da marcha muita gente conheceu o feminismo, começou a pesquisar, começou a se inteirar da coisa. Eu acho que a marcha esfriou, mas ela continua viva nas pessoas que tão por aí fazendo outros tipos de ações, sabe? Seja conversando com as pessoas. Mas, num sei, acho que pode ressurgir a marcha aí qualquer outra ocasião que sempre vai ter caso de violência contra a mulher. Então, acho que é uma coisa que está adormecida só. Enquanto tiver as pessoas lá lutando, acho que... não só a marcha. Por mais que venha o movimento com outros nomes, mas vai ter sempre mulheres, principalmente, lutando pras mesmas coisas da Marcha e outras coisas, agregando outras lutas e outras pessoas e fazendo outras pessoas serem o movimento e tudo mais. (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

A informante aponta para perspectiva que o feminismo passa por transformações e vai se ressignificando no tempo e espaço, apresentando que este não é único, nem tampouco estático, fechado em si como uma teoria superada. Não é a toa que temos versões do feminismo tanto acadêmico, que visa problematizar as relações de gênero, como ativismo na rua ou cyberativismo, que têm como referência um feminismo mais engajado. Assim, Veloso (2016, p. 40) esclarece que

“a presença dos movimentos feministas no Brasil é marcada, por uma variação considerável de identidades políticas, diferentes graus de institucionalização e diversos modos de expressão”.

Até o momento, a decisão do Bruta Flor é que não terá Marcha em 2018. Segundo Ação, há a decisão de apoiar outros grupos que queiram organizar a marcha em Campina Grande por acreditarem que este é um movimento aberto, mesmo chegando a conclusão de que se o Bruta Flor não organizar outro grupo não organizará.

(...) Agora a gente tá assim: se alguém quiser fazer, procurar a gente, a gente apoia tal, mas a gente puxar, organizar tudo... Até porque a gente não conseguiu bem ano passado, faltou muita coisa. Aí, a gente tá mais nessa posição esse ano, de apoio mesmo. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Esse ano temos indicativo de realização do Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos. Questionamento (Informação dada em 10/04/2018) apontou que o Bruta Flor está em busca de captação de recursos.

O Samba das Vadias desse ano já tem data marcada, dia 15 de maio. Vejam que a marcha perdeu força em Campina Grande, mas o Samba das Vadias continua com força. É um evento de grande público. Perguntei a Coragem o porquê disso. Sua resposta foi direta: “Porque é festa, tem bebida, tem música, é uma coisa menos política, sabe? E eu acho Campina Grande também uma cidade muito conservadora”.

Mesmo com o enfraquecimento do movimento, dos anos de marcha em Campina Grande, vemos desfilar corpos porta-bandeiras de um feminismo que ganha fôlego para gritar e reivindicar o lugar do corpo como escolha feminina.

No próximo capítulo, tenho como objetivo discutir como o corpo é problematizado na Marcha das Vadias de Campina Grande e pensado por suas integrantes.

4 RESISTÊNCIA A FLOR DA PELE: SUBVERSÃO DO CORPO FEMININO

“Eu acho que essa nudez política ela é de extrema importância porque o corpo é político! O que você faz com o seu corpo é político!”

(CORAGEM, entrevista realizada em 07/02/2018)

Movimentos, como a Marcha das Vadias, põem em evidência que as mulheres pretendem muito mais. Movimentos que trazem no seu seio o corpo como palco, como arma política. Não bastam mais as bandeiras, os lemas, as palavras de ordem, pois é no corpo que estão inscritos os desejos e necessidades de um feminismo não pautado apenas numa posição política tão cara aos anos 60, 70 e 80 do século XX, a emancipação feminina, ou propagar a igualdade de gênero. Lutam contra a violência de gênero e pela afirmação de que são donas dos seus corpos. Ter e poder escolher: aborto, sexo, vestimentas, etc.

Em relação a uma de suas maiores preocupações, a violência contra a mulher, questionam a forma como a nossa cultura imprime uma educação voltada para o adestramento feminino. Assim, afirmam que não são as meninas que devem ser educadas para o recato, não aceitam a ideia que o estupro é culpa da estuprada. Pregam que são os meninos que devem ser educados para respeitar o corpo feminino, que deve ser visto como propriedade única e exclusivamente de quem o carrega.

A proposta da Marcha das Vadias é de subversão, ou seja, de quebrar paradigmas, seja de comportamento, estético e espaços a serem ocupados. A informante Reivindicação apresenta a mensagem da Marcha das Vadias como algo revolucionário. Assim, ela assevera:

(...) A Marcha é o ato que eu conheço, que eu percebo que traz mais forte mesmo esse debate (...) do papel da mulher, da imagem da mulher, o que é ser mulher na nossa sociedade. E a marcha ela tem essa proposta de quebrar esse paradigma do que significa ser o sujeito mulher nessa nossa sociedade patriarcal. Então, em todos os

âmbitos, no papel que a gente exerce, na nossa possibilidade de, por exemplo, de ocupar espaços públicos e não apenas privados, da gente se colocar, da gente sair daquele espaçozinho privado, de casa, de dentro, de tal, tal, tal, tá na rua, de a gente ter voz, de a gente quebrar um padrão de comportamento, que é esse exatamente que estou falando, de a gente quebrar um padrão estético, de a gente ter orgulho de ser quem é, orgulho de ser mulher, orgulho do nosso corpo, orgulho... Enfim, e ter é... ser dono de si, dizer “Olhe, isso aqui é meu” (...).(Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Esse empoderamento feminino alcança a esfera do corpo. A ideia de orgulho de ser mulher, do seu corpo e, sobretudo, valorização da sua autonomia se contrapõem ao que historicamente foi construído para as mulheres. A mulher foi educada para calar o seu corpo, negar sua materialidade enquanto sujeito que deseja e tem poder sobre si. Seu corpo foi construído para ser possuído e adestrado para as convenções sociais.

O termo empoderamento vem sendo utilizado constantemente nos movimentos sociais das minorias, pois é uma das palavras “da vez” e vem sendo utilizada por vários segmentos, como aponta Baquero (2012, p. 174):

O termo tem sido utilizado em diferentes áreas de conhecimento - educação, sociologia, ciência política, saúde pública, psicologia comunitária, serviço social, administração - constituindo-se em ferramenta de governos, organizações da sociedade civil e agências de desenvolvimento em agendas direcionadas para a melhoria da qualidade de vida e dignidade humana de setores pobres, boa governança, maior efetividade na prestação de serviços e responsabilização social (NARAYAN, 2002).

Essas várias utilizações apontam para os diferentes significados que o termo assume, dependendo de quem o reivindica. Porém, a autora citada anteriormente, afirma que há duas dimensões essenciais a serem consideradas: a educativa e a política.

Segundo Baquero (2012) o termo empoderamento tem origem na Reforma Protestante com Martinho no século XVI com a ideia de luta por justiça social. Porém, o termo ganha notoriedade a partir da década de 1960 com os movimentos de contracultura nos Estados Unidos, que utiliza o termo como sinônimo de emancipação social.

Sardenberg (2016, p. 2) também a ponta para as várias formas de apropriação do termo empoderamento, ressaltando que para o feminismo tem um sentido particular. Vejamos:

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latinoamericanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. Isso não quer dizer que não queiramos também acabar com a pobreza, com as guerras, etc. Mas para nós o objetivo maior do “empoderamento” é destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas”.

A ideia de empoderamento perpassa por duas esferas: a individual e a coletiva. Na primeira, se empoderar significa autorreflexão, se auto conferir. Na segunda, o sujeito se une a um propósito, como o feminismo, e luta em busca de direitos e ações afirmativas do empoderamento do grupo em questão.

O feminismo atua nas duas esferas. Quando Reivindicação fala da mulher ter orgulho de si e do seu corpo apela para a esfera das subjetividades e da possibilidade da mulher se auto gerenciar, afirmando seu lugar de dona de si, mas também reafirma o coletivo, já que está falando da ação de um grupo, uma coletividade que busca reconhecimento social, “Olhe, isso aqui é meu”.

Em síntese, o empoderamento questiona as relações de poder, apontando que nessa relação há o que possui o poder e o que é destituído deste. Na relação de gênero, esses lugares de poder estão firmemente demarcados com o binarismo homem e mulher.

Reivindicação continua explorando essa ideia de empoderamento feminino e de revolução feminina pelo corpo. Vejamos:

(...) Eu tava até num encontro, aí eu vi um negócio tão bonito, uma frase, que era assim “A primeira revolução que a mulher pode fazer é ela conseguir amar o seu corpo”. O primeiro ato revolucionário assim de uma mulher é ela conseguir amar a si, amar o seu corpo. E a marcha ela traz essa proposta da gente com a gente mesma. Ela é

uma convocação pras mulheres se olharem e se olharem e se aceitarem. E a partir dessa aceitação também elas se reivindicarem, elas reivindicarem o seu espaço no mundo assim. Da forma que elas abraçarem o que elas são, o que elas querem, elas entenderem que elas podem ser o que elas querem, elas abraçarem isso e elas reivindicarem esse lugar no mundo mesmo, na sociedade. (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Desta forma, Reivindicação traz a perspectiva de aceitação da materialidade feminina a partir das próprias mulheres. Amar e aceitar seu corpo contesta a lógica histórica do comportamento feminino, ou seja, subverte os padrões de conformidade do que é ser mulher e do que é ser homem. Os homens são educados para valorizar os seus corpos e as mulheres são educadas para negá-los.

Outra informante acrescenta, “aceitar o corpo como ele é, ao meu ver, é muito político. Eu acho que é uma maneira de reivindicar a maneira de você ser e de outras pessoas serem também como são”. (DESCONSTRUÇÃO, entrevista realizada em 09/02/2018).

Um pouco mais na frente será discutido essa ideia de corpo político.

4.1 “SE SER LIVRE É SER VADIA, SOMOS TODAS VADIAS!”

Podemos ver a ideia de subversão a partir do nome da marcha, Marcha das Vadias. Historicamente, o termo “vadia” carrega uma carga pejorativa muito grande. Está associado a vagabundagem, a mulher de sexualidade livre e, principalmente, a prostituição.

Coragem, no seu depoimento, bem apresenta a carga negativa que esse termo carrega, assim como conflitos gerados por esse termo:

Na primeira marcha teve muita falação em torno do nome, porque, de fato, pra quem não conhece é um nome que choca, porque vadia é associado sempre a uma coisa negativa, a uma mulher que, sei lá, não se dá o respeito, apesar dessa expressão ser horrorosa e machista, mas de uma mulher que, sei lá, fica com todo mundo, que dá pra qualquer um, remeter a prostituição, né? Então, é sempre associado a uma coisa negativa, um xingamento. (...). Teve muita discussão sobre isso na primeira marcha, como eu falei, de uma moça que ela brigou com a gente pelo *Facebook* por causa do termo “Gente, vamos fazer uma marcha. Vamos botar outro nome. Por que

das vadias? Eu num sou vadia, num sei que, num sei que lá”. (...). Teve muita gente respondendo, não só a gente da organização, mas pessoas que conheciam já e responderam a ela, explicaram. Mas ela não, não se convenceu. Aí muita gente começou a tirar onda “Ah não, vamos fazer uma marcha das virtuosas”, “uma marcha das mulheres recatadas” (...). (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Na divisão dicotômica de papéis e espaços há uma delimitação muito bem demarcado entre a vadia e a não vadia (“recatada”). A primeira está representada pelas suas funções de prostituta e espaços de permissão, ou seja, as zonas de prostituição. A não vadia deve cumprir um papel social e cultural ligadas ao lar. Mesmo a mulher trabalhando fora de casa, o lar historicamente foi construído como o lugar para se exercer as funções femininas, maternidade, casamento, tarefas domésticas, etc.

Seguindo essa lógica, é interessante observarmos que a rua não é espaço livre para vadias e não vadias. Desta forma, mulheres saindo em marcha subvertem a lógica dos espaços a serem ocupados por estas, independentes de serem ou não vadias.

O movimento feminista não prega um modelo a seguir pelas mulheres, ela tanto pode ser vadia como pode ser recatada. O cerne da questão é justamente que a mulher pode ser o quiser, independente das imposições sociais e culturais. Fechar a identidade feminina a um único modelo é problemático, no qual ambas perspectivas, o de vadia e o de recatada, fazem parte de um binarismo que reforça estereótipos.

Garra afirma que entre as componentes do Bruta Flor não há receio de utilizar esse nome, mas que também houve inicialmente a sugestão de nomear a Marcha das Vadias de Marcha das Mulheres, até mesmo durante as marchas, “Ah, não deveria ser Marcha das Vadias não, devia ser Marcha só das Mulheres”. Essa é uma reação corriqueira. Explicar para os passantes da marcha o seu nome é uma tarefa constante.

Vadia é um termo que carrega sentido negativo, mas na Marcha das Vadias esse termo foi ressignificado, como ressalta a informante Ação:

(...) como todo movimento, o feminismo tem várias vertentes. Algumas dizem que esse nome ... no caso, é utilizado na marcha

como uma tentativa de ressignificação do nome, que ele não seja mais algo pejorativo, nem que denigre a imagem das mulheres, que seja um termo de libertação. “Sim, sou vadia! Por que? Porque eu gosto de usar o meu corpo como eu quero? Então sim, eu sou vadia!”. Mas já outras vertentes do feminismo acham que não, que esse nome não é empoderador, no que é só um reforço da objetificação da mulher, é da forma pejorativa como a mulher é tratada. Então, mas eu acredito mais na primeira vertente, que usa esse termo como forma de reapropriá-lo, toma-lo para si e não que os outros me digam que eu sou vadia, mas eu digo “Sim, eu sou vadia porque eu sou livre, porque eu uso o meu corpo como eu quero, porque não estou presa aos padrões que foram pré-estabelecidos”. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Nesse sentido, ressignificar o termo “vadia” é um ato político, pois as “vadias em marcha” subvertem a ordem de espaço e, principalmente, de corpos generificados, criando um espaço de fissura entre os papéis tradicionais de ser homem e de ser mulher.

Chaves (2013) traz a luz da discussão uma questão interessante de se pensar, a ideia de ordem e disciplina vindo do termo marcha. Vejamos:

A palavra “Marcha” remete a disciplina, ordem, corpos que obedecem aos movimentos firmes e compassados de um desfile militar. A segunda “Vadia” remete à vulgaridade, desordem, imoralidade, promiscuidade. Dois opostos que se juntam resultando na aparição do corpo feminino travestido com elementos que historicamente o sensualiza e ao mesmo tempo, no aqui e agora da Marcha, o politiza.

A ideia de ressignificação adentra na esfera de subverter também o termo “marcha”, pois o que encontramos são mulheres que não seguem ordem, até mesmo pela origem e organização da Marcha das Vadias, não impõe regras. O que encontramos são mulheres que dançam, pulam, não usam fardas, gritam e enchem de cores o movimento.

Para JJ Domingos e Tânia Pereira (2017, p. 26) quando as ativistas da Marcha das Vadias se auto proclamam vadias “(...) mobiliza saberes de outro lugar, que irrompem em seu discurso e instauram uma polêmica”.

Está polêmica é tão intensa que ultrapassa a esfera do senso comum, transformando-se em polêmica no seio do movimento feminista. Desta forma, Desconstrução aponta que algumas feministas questionam esse termo. “Eu vi uma

discussão nessa terceira marcha, de 2016, umas radis⁶⁰ daqui de Campina falando tipo ‘velho, vocês estão reivindicando direito ao corpo se chamando de vadia?’”. (DESCONSTRUÇÃO, entrevista realizada em 09/02/2018).

Nesse sentido, Gomes e Sorj (2014, p. 440) apontam que há um conflito entre os grupos feministas e o uso do termo “vadia” para nomear a marcha causa desconforto para as alas mais marxistas e alas mais velhas por acreditar que perpetua o lugar de dominação masculina. Vejamos:

A *Marcha das vadias* está longe de ser consensual entre as feministas, apesar da visibilidade política alcançada desde sua aparição. As forças feministas locais em disputa valorizam linguagens e objetivos políticos distintos. Os coletivos feministas mais identificados com uma proposta marxista ou "radical", bem como feministas mais velhas, tendem a considerar a *marcha* "despolitizada", por não problematizar a divisão sexual do trabalho, tomada como base da economia capitalista e da exploração das mulheres. A ênfase da *marcha* na autonomia sobre o corpo e na liberdade sexual é vista por aquelas feministas como uma abordagem que, sem a crítica marxista, resulta na mercantilização do corpo das mulheres e na banalização da sexualidade. Por exemplo, a defesa da regulamentação da prostituição pela *marcha* do Rio de Janeiro e outros atores é vista por algumas organizações feministas, a exemplo da *Marcha mundial das mulheres*, como uma leitura equivocada e individualista da autonomia feminina. Para esta organização, não há autonomia possível nas carreiras das prostitutas, apenas exploração patriarcal e capitalista, que nenhuma regulamentação jurídica poderá anular. O uso político da nudez e do termo "vadia" é considerado por essas outras matrizes feministas contraprodutivo enquanto estratégia política, pois além de corroborar a opção "individualista" pelo corpo, será sempre lido de maneira sexista pelos observadores e acaba aprofundando a dominação que pretende combater. (grifos dos autores).

Portanto, até para as feministas apontadas pela informante o termo “vadia” é pejorativo. Se auto definir como vadia entra nos jogos de identificação. Assim, a moça inconformada, citada por Coragem, com o nome da marcha não se identifica com o mesmo, pois não se julga uma vadia. Porém, o seu problema é a falta de compreensão em entender a ressignificação do termo.

Mas o que é ser vadia para algumas das integrantes do Bruta Flor?

⁶⁰ Segundo Desconstrução feministas radis significa feministas radicais.

Para Ação ser vadia é ser livre de amarras sociais e culturais, é ter poder de escolha em relação aos usos do seu corpo, seja para as práticas sexuais ou a existência corporal, ser gorda/magra, baixa/alta, ter celulite/não ter celulite, cabelo liso/cabelo crespo, etc.

Já Reivindicação destaca que as pessoas precisam conhecer os objetivos da Marcha das Vadias para se identificarem com o movimento, pois está possui uma responsabilidade muito grande e não deve se apresentar apenas como estética, mas também como conteúdo. Assim, só alcançará seus objetivos quando o seu significado for maior que o nome Marcha das Vadias, ou seja, quando as pessoas entenderem o seu significado, suas bandeiras de luta e objetivos. Vejamos seus argumentos:

Não tenho problema com esse termo, mas sou uma feminista, né? Então, eu sei que o nome ele carrega exatamente o sentido dessa proposta, né? Que é falar de vadias, questionar o que são as vadias (...). A Marcha das Vadias ela tem uma responsabilidade muito grande. Acho que muito maior do que você fazer um ato contra a cultura do estupro, por exemplo. Por que assim, como ela é muito... como é tudo muito explícito, está ali, o nome está ali, **Marcha das Vadias**. Então se você carrega uma faixa com **Marcha das Vadias** tem aquele nome vadia que carrega todo um sentido, um significado histórico do que é aquilo. Então assim, para o senso comum existe um conceito muito claro do que é uma vadia. E o que as feministas querem é questionar e ressignificar esse conceito. Então assim, pra você carregar uma faixa escrito **Marcha das Vadias** você tem uma responsabilidade grande e é por isso que eu acho que seria interessante. A Marcha das Vadias precisa ser um ato muito maior e mais massivo, por que a gente precisa dialogar. Não basta apenas eu sair de sutiã, peito de fora, com uma faixa **Marcha das Vadias**, andando pela rua se as pessoas não entenderem o que está acontecendo e elas não conseguirem relacionar aquilo com a proposta daquilo. Então assim, a estética com conteúdo. (...) A estética da Marcha das Vadias ela existe pra provocar um debate sobre o conteúdo daquilo ali. Eu não posso apresentar só a estética para a sociedade. Por quê? Porque se a sociedade ver aquilo e ela não tem possibilidade de entender o que é aquilo, o que tá acontecendo, por que que aquela mulher tá se colocando como vadia, qual o orgulho de ser vadia, por que que ela bate no peito tão feliz e diz "Eu sou vadia". Se você não consegue explicar pra sociedade você não vai dialogar com ela. E se perde o sentido, o objetivo, ele se... Enfim, como ele não é atingido ele se minimiza. Eu acho que a estética é importante também, você se colocar ali por que aquilo chama atenção e faz com que pelo menos perturbe, inquieta e faz com que as pessoas se perguntem o que é que tá acontecendo. (grifos da entrevistada). (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

É inegável que a estética da Marcha das Vadias é muito forte, pois contesta a ordem vigente em várias esferas, inclusive na ideia de ocupar a cidade. O problema está que o espectador se apega mais a estética em detrimento ao seu conteúdo.

Helene (2013, p. 73-74) apresenta a atuação e estética das marchas

Por essas razões, as Marchas das Vadias atuam performaticamente na cidade, e se utilizam de símbolos de contaminação à ordem, “bagunçando” as classificações acerca da mulher. No ato-ritual as manifestantes se utilizam de simbologias “vadias”, numa proposta de desmistificação dessas representações: “invadem” as ruas da cidade com roupas excessivamente curtas, meias arrastão, sutiãs à mostra, peitos nus, placas coloridas e/ou os corpos pintados com diversas frases e dizeres: “O corpo é meu!”, “Acredite ou não, minha saia não tem nada a ver com você”, “Nada justifica o estupro”, “Meu corpo minhas regras”, “Sou minha, só minha, e não de quem quiser”, entre outros. Além disso, muitas manifestantes realizam performances, pequenas cenas e outros atos teatrais de protesto. Existem ainda, as músicas entoadas pelas mulheres, compostas especialmente para as marchas.

No geral, os espectadores da marcha são pegos de surpresa pela rua tomada por um movimento composto, majoritariamente, por mulheres que subvertem a ordem: ocupação da rua, gritos, apresentando o corpo como mensagem e mensageiro, se autoproclamando vadias e exigindo direito ao seu corpo.

O conteúdo, na maioria das vezes, passa despercebido. Portanto, são necessárias estratégias de divulgação do conteúdo da Marcha das Vadias para mostrar a sociedade que as mulheres que marcham possuem um propósito político. A informante, Reivindicação, continua com sua argumentação. Vamos dá uma olhadinha:

Eu acho que a gente precisa na marcha ter, inclusive, a preocupação de, por exemplo, ter um panfleto e entregue as pessoas e diga: “Oh, o que é a Marcha das Vadias? Qual o debate do termo “vadia”? Por que que a gente tá aqui expondo nosso corpo? Qual o debate que a gente tem?”. A gente ter um microfone⁶¹ que se faça ouvir pra gente poder no caminho inteiro a gente tá dialogando com as pessoas, “Oh, nós somos isso, estamos fazendo isso por isso”. (...) Que a gente construa um documento em que a gente aponte todas essas questões e entregue pra alguns órgãos que trabalha com mulheres,

⁶¹ Durante as edições da Marcha das Vadias em Campina Grande são utilizados microfone e carro de som para divulgar as ideias do movimento.

que a gente também sabe que muitos profissionais que atuam no campo da violência contra a mulher ainda são pessoas com formação conservadora e tal. Então, pra órgãos como Prefeitura, Câmara de Vereadores, de Deputados, elaboradores de política pra mulheres e tal. É interessante que a gente se coloque numa posição de que aquilo ali que a gente tá fazendo é sério, que aquilo tem um fundamento muito sólido, não é uma brincadeira, não são mulheres querendo se exhibir, não é isso. (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

O conservadorismo apontado pela informante não está restrito aos profissionais que atuam no campo da violência contra a mulher, infelizmente o caráter conservador e machista ainda é forte no Brasil.

Lage e Nader (2014, p. 287) apontam que esse caráter no Brasil tem respaldo na ideologia patriarcal desde o Brasil Colônia. Vejamos:

A ideologia patriarcal, que estruturava as relações conjugais e familiares desde o tempo em que o Brasil era colônia portuguesa, conferia aos homens um grande poder sobre as mulheres, justificando atos de violência cometidos por pais e maridos contra filhas e esposas. Nascida do estilo de vida das minorias dominantes, essa ideologia acabou influenciando todas as outras camadas da sociedade, disseminando entre os homens um sentimento de posse sobre o corpo feminino e atrelando a honra masculina ao comportamento das mulheres sob sua tutela. Assim, cabia a eles disciplinar e controlar as mulheres da família, sendo legítimo que, para isso, recorressem ao uso da força.

Essa ideologia patriarcal é presente até a atualidade, claro que não da mesma forma como citado pelas autoras, mas que nossa cultura é permeada por uma lógica de dominação masculina.

O termo “vadia” choca os espectadores da marcha, mas também há outro elemento que foi ainda apontado por Reivindicação: os movimentos sociais de uma forma geral incomodam, não são bem vistos. Observemos sua fala:

(...) No Brasil a gente lida com isso. Quem é de movimento social tem que lidar com a criminalização dos movimentos sociais. Isso é fato. Então, assim, oh, por mais que todo mundo admita que a gente precisa ter movimento social, que a gente pra conseguir qualquer coisa a gente tem que lutar, tarará, tarará, tarará. Mas aí vem aquele complexo de Gandhi, assim “Ah, mas lutar como Buda. Assim, parado, calado, sem fazer zoada, sem atrapalhar nada”. Então chega

um movimento social e bloqueia as estradas, por exemplo, “é um monte de baderneiro”. Então, todo mundo reclama. A nossa luta não pode incomodar, não pode mudar um ai do funcionamento normal e natural das coisas. E os movimentos sociais eles têm que lidar com isso, que é muito complicado toda vida... em qualquer movimento, né? Tipo um movimento de classe, uma reivindicação, tipo uma luta contra uma reforma política, uma retirada de direitos, seja em qualquer ordem, tipo de mulheres, especificamente, ou não, ou de modo geral. E aí, as vezes a gente acaba, como movimento social, pensando a nossa mobilização, a nossa ação, de uma forma tipo assim “vamos colocar um eufemismo aqui na nossa marcha, na nossa passeata, no nosso ato. Vamos deixar ele mais leve, mais suave, não vamos atrapalhar tanto aqui, não vamos atrapalhar tanto ali”. E isso acaba sendo pensado quando você tá dentro de um movimento que você vai organizar alguma coisa. Isso aparece por que você sabe que se você fizer tal coisa vai vir a polícia, que vai reprimir, que vai bater, vai dispersar, que a opinião pública vai cair em cima, que a mídia vai rechaçar, porque ela tá procurando só um argumento. Isso acaba podendo mesmo a ação dos movimentos, né? Isso é muito complicado quando você vai fazer um movimento. (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Garra (Entrevista em 11/12/2015), por sua vez, aponta que há o problema dos movimentos sociais fazerem tudo de forma mais alternativa, “tentando buscar outros meios e fugir da hegemonia, da televisão, da grande mídia, dessa história (...)”. Porém, nossa informante analisa que isso é ruim para o movimento, pois não traz visibilidade. Para ser impactante tem que ter visibilidade.

Coragem acredita que a Marcha das Vadias tem que perturbar, subverter a ordem, para ser vista, ter visibilidade. Nessa perspectiva, pedir licença não traz resultados positivos, pois enquanto as minorias não se mobilizarem com barulho e atrapalhando a ordem na cidade, nada vai mudar. Vejamos seu posicionamento sobre a visão dos espectadores da marcha sobre esse movimento:

As pessoas odeiam! Odeiam por que atrapalha o trânsito, porque é mulher gritando, por que, principalmente, atrapalha o trânsito. As pessoas ficam muito... a gente percebe nas marchas que não tem coisa que irrita mais que atrapalhar o trânsito. Fica um engarrafamento enorme e as pessoas buzinando e acha que é uma coisa de um bando de desocupado, que não tem o que fazer, que podiam protestar de outro jeito, que não tem pra que ficar pelado. Todas essas coisas elas são importantes pra marcha, sabe? Por mais que incomode e eu acho que é importante incomodar as pessoas, porque aí, obviamente não todas, mas alguém vai lá entender por que que tá acontecendo isso. Entendeu? Já vários, durante a marcha, todas as edições que tiveram, algumas pessoas chegaram pra gente “Ei, e isso aí? Pra que vocês estão fazendo

isso?”. Aí, a gente vai lá e explica “Ah não, é importante mesmo. Mas tem que ser pelada?”. Lógico que é um trabalho contínuo, devagar. Mas se não for assim, eu acho que não funciona, que não se conquista nada pedindo por favor, sabe? Eu tenho esse ponto de vista, de que nenhuma conquista de grupo minoritário foi na base pacífica. Foi metendo o pé na porta mesmo, como se fala, seja com violência, quebrando tudo, ou seja sem roupa, alguma coisa, sabe? Se você fizer só o que é normal, o que as pessoas esperam, as coisas vão continuar como as pessoas esperam, os grupos dominantes esperam, e as minorias vão ficar “Ah, tudo bem. Vou fazer aqui só o que não tá atrapalhando”. Eu acho que tem que atrapalhar mesmo, por mais que as pessoas não gostem e se choquem um pouco. Eu acho que isso é bem necessário. (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Na perspectiva da informante a visibilidade do movimento só ocorre com o enfrentamento direto. A lógica de lutar como um Buda não é possível, pois as minorias, como seres abjetos, são relegadas ao silêncio imposto por grupos sociais dominantes.

Coragem continua com a sua análise de subversão e acredita que protesto nas urnas não serve “dado o sistema político que tá aí, que é totalmente contra a gente, o sistema em si, sabe? Então acho que a ação direta de atrapalhar mesmo a ordem é o que gera mais efeito, visibilidade, discussão sobre o tema, sabe?”. (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Helene (2013) afirma que a rua é lugar de subversão, onde acontecem as *performances* de ruptura do cotidiano. Esse cenário dá visibilidade a insatisfação feminina.

Desta forma, a rua é, por excelência, lugar de embate, luta e resistência. Indignação aponta que é necessário ir para a rua mostrar indignação. Mas que a rua foi banalizada. Observemos seus argumentos:

Eu acho que quando a gente vai pra rua, quando mostra que tá lutando, que tem um grupo de pessoas com um ideal comum, que não está aceitando todas essas violências que a gente vem sofrendo (psicológica, social, de não poder dizer o que a gente pensa), eu acho que ir pra rua é um ganho. Talvez a fragilidade, talvez esse ir pra rua tenha sido banalizado em algum momento. (...) Quando a marcha surgiu, surgiram marchas de diversos cunhos. Então acabou virando tudo, virando não, representando tudo como baderna. E aí, talvez isso tenha meio que manchado um pouco. Mas eu acho que precisa ir pra rua e mostrar que não tá satisfeito. Eu acho que o grupo de mulheres que estão insatisfeitas podem mais do que

imaginam. Eu acho que ir pra rua é uma via. (Entrevista com Indignação, em 05/04/2018).

Se os movimentos sociais de forma geral já incomodam, imaginem a Marcha das Vadias, que não segue o modelo clássico no Brasil dos movimentos sociais, são mulheres na rua com o corpo exposto, corpos reais. Isso até mesmo incomoda uma ala das feministas, que apontam a imaturidade da sociedade diante de um movimento esteticamente fora dos padrões. Reivindicação analisa essa questão. Vejamos:

A Marcha das Vadias ela essencialmente, a natureza da marcha, ela tem essa proposta de choque, de estimular mesmo esse... é pras pessoas ficarem... de surpreender, das pessoas ficarem atônitas. Então, quando tu vai pra rua enquanto mulher... Eu fui pra algumas marchas aqui de mulheres. (...). E assim, a gente vai e todo mundo vestido, bandeira e tarará. Então, é diferente de você ir pra um espaço como esse sem uma peça da roupa, né? Com o seu corpo pintado, seu corpo imperfeito, entre aspas, pros padrões estéticos da sociedade (...), exposto, com uma tatuagem aparecendo, com as suas gorduras aparecendo e tal. Então assim, isso chama atenção. Eu acho isso interessante na marcha. Eu acho, inclusive, isso importante. É por isso que me identifico com a proposta da marcha. Eu sei que tem feministas que não acham interessante isso, acham que a sociedade não tá preparada pra isso, que a gente tem que avançar muito, muito, muito mais, num debate, num diálogo, por que isso vai fazer com que vai causar repulsa nas pessoas, vai fazer com que de fato “Ah, pra que isso?”. É como se fosse um abuso. E eu acho que não, eu acho que de vez em quando a gente precisa sim, a gente precisa, é pedagógico também, essa exposição, esse choque, essa radicalidade mesmo. (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Ação vai além da questão de rejeição da Marcha das Vadias pelo seu nome, pois historicamente a rua não foi construído como espaço feminino, principalmente, mulher despida.

Tem esse estranhamento inicial, né? E as pessoas julgam a partir daquilo que a cultura construiu, que mulher não pode tá na rua, muito menos sem roupa, muito menos falando e gritando. Então, a Marcha nesse primeiro momento ela causa estranhamento nas pessoas. E os primeiros pensamentos são de preconceito, de prejulgamento. E que tem também nos outros movimentos de rua. “Ah, são vagabundos. Ah, vão trabalhar!”. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

A mulher foi construída como um ser abjeto e privada de espaços. O choque dos espectadores da marcha relatado pelas integrantes do Bruta Flor é comum no sentido de que as quebras de paradigmas sempre são recebidas de forma impactante por boa parcela da sociedade. Para essa parcela, o que se pensar de mulheres que gritam, expõem o corpo e se auto declaram vadias?

A marcha parece também causar espanto porque vai de encontro ao discurso que constrói na atualidade o corpo feminino aceitável. Na marcha o que vemos são “corpos reais”, termo usado por Tomé (2018), ou seja, mulheres gordas, magras, bundas batidas, gordurinhas em exposição, celulite, etc. Esses corpos ganham significados mediante a exposição das questões políticas pertinentes ao movimento, rompendo com as fronteiras estabelecidas pelos padrões normativos.

Se na lógica normativa a vadia se resume ao corpo (comércio, apropriação), na Marcha das Vadias o corpo é lugar de embate e centralidade. Daí surge outra questão: como apresentar as questões políticas relativas ao corpo numa sociedade conservadora que se apegava muito mais a estética da Marcha das Vadias? Vejamos como se dá essa relação entre corpo e política.

4.2 “O CORPO É POLÍTICO”

O controle sobre o corpo feminino é uma marca da nossa história, em espaços e tempos diferentes. Este corpo traz inscrito na sua pele as marcas de uma sociedade onde as relações de poder se estabelecem através de discursos interessados e se reproduzem através de novas estratégias discursivas.

Foucault (2005a, p. 25) aponta que o corpo é político, apontando que “(...) o corpo está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre eles; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais.

Nessa perspectiva, o corpo feminino está imerso nessa relação de poder, marcado pela ideia de disciplina regida por normas, definindo os próprios limites do seu corpo, o que podem e o que não podem: espaços, vestimenta, fala, práticas sexuais, entre outras. Esses limites são marcados pelas políticas identitárias.

Observo que as identidades, seja qual for o binarismo, são construções discursivas que denotam uma relação de poder entre o “eu” e o “outro”, que não pode ser dissociada da política de verdade. Sendo assim, Foucault (2005b, p. 179-180) afirma:

[...] em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que não podem se dissociar, se estabelecer sem uma produção, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade.

A partir das verdades científicas e sacralizadas, foram e são criadas estratégias de regulação e de contenção da alteridade na tentativa de enquadrar esses “outros” às identidades fixas, homogêneas, ontológicas, imutáveis, etc, pois o “outro”, seja a mulher, o negro, o homossexual, o drogado, o idoso, o índio, o pobre, o marginal, o aleijado, etc., é sempre visto como o que causa a perturbação, o que foge à regra do “normal”.

Desta forma, Brum (2016⁶²) anuncia que “é pelo controle dos corpos que se dá a disputa política, a disputa de poder. E, sobre isso, as mulheres também têm muito a dizer (...)”.

Brum (2016), no artigo Mulheres, corpo e insurreição, faz uma análise da relação entre corpo, controle e produção a partir da greve de mulheres na Polônia⁶³, em 3 de outubro de 2016, e na Argentina⁶⁴, 19 de outubro do mesmo ano. Em ambas greves, Brum (2016) anuncia que:

Tanto na Argentina quanto na Polônia, é do controle dos corpos femininos que se trata. Pelo estuprador e assassino, tolerado e seguidamente impune, quando não justificado. Pelo Estado e pela

⁶² No artigo não há numeração de páginas. Ver: BRUM, Eliane. Mulher, corpo e insurreição. **El País**. 2006. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/opinion/1477313842_805785.html>. Acesso em: 09 Maio 2018.

⁶³ Contra o projeto de lei que limitava ainda mais o aborto na Polônia, inviabilizando-o.

⁶⁴ Greve de uma hora em protesto a morte de Lúcia Perez, que foi drogada, estuprada e morta na cidade de Mar del Plata.

Igreja, que com frequência se articulam para barrar direitos sexuais e reprodutivos.

Na sua análise, aqueles corpos femininos que foram as ruas na Argentina não se colocam como objetos, mas como corpos desejantes e que lutam contra a opressão masculina e um mundo pensado por e para os homens.

A relação entre corpo, poder e política se concretiza no cotidiano. Nessa perspectiva, o corpo é lugar de resistência e de disputa política. Assim, a chamada Primavera Feminista incita a ideia de revolução. Nesse caso específico, uma revolução feita por e para mulheres, uma revolução nas ruas.

Afinada com essa perspectiva, Ação aponta o corpo como elemento central para pequenas revoluções, ou seja, aponta o corpo como instrumento de luta política. Vejamos suas ideias:

Então só de você está com o seu corpo fazendo coisas ou em lugares que a sociedade diz que você não pode fazer, que você não pode estar, já é um ato de protesto e de pequenas revoluções. A gente vai transformando o pensamento e a cultura a fim de chegar num lugar onde a gente não tenha mais que lutar contra essas coisas. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Porém, Liberdade diz que não há sentido numa revolução feminista apenas para mulheres brancas e da classe média. Esta tem uma preocupação muito grande em relação ao debate de classe e raça. Vejamos:

(...) A gente sabe que o movimento feminista desde sempre e ainda hoje muito assim é feito por mulheres da classe média, a maioria pelo menos. Enfim, o feminismo é uma coisa muito universal, várias vertentes e tal. Mas eu acho que esse debate tinha que ser feito em toda a celulazinha feminista, sobre raça e sobre classe. E entender que o feminismo não faz sentido se não, pelos menos pra mim, não faz sentido falar de uma revolução só para mulheres brancas e classe média, enquanto outras continuam sendo exploradas ou pior ainda. (...) Tem que se mobilizar pensando nesses dois, que as vezes é tão deixado de lado. Eu penso muito num feminismo e numa marcha interseccional, que leve em consideração gênero, raça, classe, sexualidade, que não elenque as coisas, não bote “Ah não, nossa prioridade, sei lá, é primeiro falar da questão da mulher como universal e depois estudar essas questões de raça”. Não, eu não acredito que funciona assim. (Entrevista com Liberdade, em 18/08/2017).

Nesse sentido, os corpos que dançam, sentem e reivindicam devem ser representantes da multiplicidade de ser mulher, assim como a revolução deve ser para todas, brancas e negras, ricas e pobres, heterossexuais e lésbicas, cristãs e não cristãs, casadas e solteiras, etc. Os corpos na Marcha das Vadias evidenciam tensões sociais e culturais.

A questão levantada pela depoente anterior não é restrita ao ciclo de Campina Grande, pois a nível nacional o Movimento Negro vem criticando a Marcha das Vadias e reivindicando representatividade. Vejamos com Gomes e Sorj (2014, p. 445) esse conflito:

A visibilidade do movimento negro ensejou a problematização da questão racial, que foi pouco abordada pelos feminismos anteriores. Justamente na *Marcha das vadias*, que confere ao corpo centralidade política, estética e de expressão pessoal, a cor/raça tornou-se um tema recorrente de debates e disputas. Da mesma forma como a categoria "mulher" passou a ser percebida como excludente, a *Marcha das vadias* vem sendo criticada por movimentos de mulheres negras, que se sentem marginalizadas por um ativismo que expressaria a posição social privilegiada das mulheres brancas. Todavia, tal interpretação, como vimos, é contestada por mulheres negras que se sentem representadas pela *Marcha das vadias* e que resistem a adotar uma política feminista que repousa na chave binária, que opõe mulheres de raças e classe sociais distintas. (Grifos dos autores).

Para além das questões de raça e classe, Questionamento, dentre outras entrevistadas, não hesita em apontar o corpo feminino como pauta principal da Marcha das Vadias e o seu lugar social no mundo contemporâneo.

Para mim o tema principal é o corpo feminino, partindo justamente da questão, como eu já falei, da violência que esse corpo sofre, seja a violência até por um olhar, que a gente sabe que isso acontece, inclusive desde meninas. Você não precisa ser necessariamente uma mulher adulta. Desde que você nasce, e aí o corpo da menina já é vigiado, “não pode tá sem calcinha, tem que tá sempre vestida porque é um absurdo”. A menina vai crescendo, entra na puberdade, começam os olhares alheios também. Então, eu acho que é o corpo o tema principal (...). **O objetivo é questionar que esse corpo ele é um corpo que pertence a um ser humano, a uma mulher**, e que ele precisa ser respeitado, que ele não é um espaço público que possa ser violado, que pode ser maltratado (...). (Grifos meus). (Entrevista com Questionamento, em 08/02/2018).

O uso político do corpo no feminismo não é exclusivo na Marcha das Vadias, nem tampouco inaugurado por esta. Desde a década de 1970, as feministas reivindicam o direito ao seu corpo, principalmente no que diz respeito ao direito reprodutivo, “um filho se eu quiser, quando eu quiser”, trazendo para o campo de discussão um tema tão polêmico, o aborto. Desta forma, pretendem romper com discursos que disciplinam os corpos femininos, como os discursos médicos e religiosos. Scavone (2010, p. 49) nos apresenta o sentido da máxima feminista “Nosso corpo nos pertence”. Vejamos:

Uma das ideias básicas do feminismo contemporâneo sobre o corpo, no seu momento inaugural, foi expressa pela máxima *Nosso corpo nos pertence*, na qual ele aparece como um dos elementos centrais das relações de poder entre os gêneros, no espaço público e privado.⁵ Este princípio – além de um grito coletivo de liberdade e tática de resistência – tratava de dar um novo significado ao corpo, ao questionar os corpos disciplinados e controlados; as sexualidades normalizadas, com base na experiência cotidiana da vida privada, que encontrava seu lócus na família conjugal heterossexual. Muito mais que uma luta pelo direito individual de dispor de seu próprio corpo, estava em jogo a manifestação das práticas de liberdade afrontando o controle social dos corpos mantidos sob o padrão de sexualidade vigente, celebrado no matrimônio ou na união consentida.

Essa perspectiva do uso político do corpo feminino surge nos Estados Unidos e se espalha pelo mundo, compreendendo o corpo historicamente como um lugar de inscrição da sujeição feminina, mas ressignificado se torna lugar de resistência.

Nos dias atuais a luta por reconhecimento de direitos ao corpo feminino continua. A Marcha das Vadias além de revitalizar o feminismo, inaugura o corpo nu no protesto como lugar de resistência e possui um alcance enorme com as redes sociais. Uma das bandeiras bastante levantada é a questão do corpo feminino como objeto.

Assim, corroborando com a visão de que a mulher é objetificada, Reivindicação faz uma análise do quanto as mulheres não possuem os seus corpos, que historicamente são possuídos pelos homens.

(...) Nós mulheres, nós somos sujeitos extremamente sexualizados, nosso corpo não nos pertence, nós não somos donas do nosso corpo. Isso é seríssimo, porque os homens são donos dos corpos

deles e donos dos nossos. Então assim, nós somos propriedades, sempre fomos. Nós somos historicamente propriedades dos homens, nós éramos propriedades dos nossos pais, dos nossos irmãos e quando a gente casa a gente é propriedade do nosso marido. Então, eu sou um sujeito que só a minha mente me pertence, meu corpo não. (...) nosso corpo não nos pertence e quando você vai pra rua o nosso corpo não nos pertence em todos os sentidos, tanto quando você, sei lá, pode ser presa pela polícia se você botar os peitos de fora. O homem bota os peitos dele de fora, os homens andam sem camisa. A gente não pode andar, né? Então, ele não nos pertence assim, institucionalmente e pessoalmente. Inclusive a gente pode ser... pode sofrer retaliações. E o nosso corpo não nos pertence assim, nós não temos direitos sobre eles, direitos reprodutivos da mulher. A gente, por exemplo, não pode escolher gerar ou não gerar um filho. O nosso corpo não nos pertence porque quando a gente... nós somos desde criança abusadas, nós somos tocadas, nós somos puxadas nos carnavais, a gente é abordada, puxada, agarrada a força. E isso é naturalizado. O nosso corpo não nos pertence no sentido de que eu não posso ter qualquer tipo de corpo, não me é permitido ter qualquer tipo de corpo, eu preciso ter um corpo X para ser considerado um corpo relevante, né? Todos os corpos que fogem aquele padrão X, Y de corpo, ele é um corpo que pode ser descartado, é um corpo que não serve ou é um corpo que não é desejável (...). (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Pedro (2013, p. 244) aponta que o debate sobre a sexualidade feminina se inicia nos Estados Unidos na década de 1950 com o advento das publicações com esse tema. “O assunto sexo deixava então de ser tabu para virar tema de conversas e, pouco depois, de reivindicações”. Esse tema foi central para o feminismo de segunda onda.

Nossa informante, levanta várias questões pertinentes ao se considerar o quanto o corpo feminino é possuído: sexualidade, comportamento, aborto, assédio, etc. Esses aspectos levantados são tão naturalizados ao ponto de quase não haver questionamentos quanto a nossa cultura misógina. O estranho passa a ser quem questiona, quem se levanta contra essas práticas.

Se uma mulher xinga um homem após uma cantada barata, ela é vista como grosseira, se bater num ato de defesa após um toque não permitido, é vista como histérica, se denuncia um abuso vindo de uma pessoa famosa, é vista como uma pessoa que quer visibilidade, se denuncia um abuso de infância, é vista como mentirosa ou fantasiosa, dentre tantos outros exemplos que eu poderia elencar nesse momento.

Essa análise do quanto as mulheres são despossuídas do seu corpo, “nosso corpo não nos pertence”, apresenta a ideia do corpo como objeto, um corpo para consumir e ser consumido, pois o corpo não pertence a mulher não apenas no sentido sexual, mas também no sentido estético. Nos dois sentidos são objetos, de deleite e de admiração ou o seu oposto, corpo abjeto, excluído, negado e rejeitado.

Nas maquinarias do desejo, o corpo feminino foi produzido para não sentir, não ter prazer sexual, apenas ser receptáculo para reprodução, ser mãe. Primeiro com a ideia de pecado, com o advento do Cristianismo, e depois com a ideia de perigo, com o discurso médico.

Os discursos atuais exaltam a sexualidade feminina como parte da sua matéria e necessidade física e psicológica, mas pune socialmente a mulher que se desvia da conduta normativa da sexualidade feminina. Há abertura, mas também castração. “É puta”, “dá pra qualquer um”, “não se resguarda”, “engravidou na adolescência” são exemplos de dedos apontados, dentre tantos outros, que circulam no cotidiano.

Continuando sua análise, Reivindicação diz que a mulher é resumida a corpo, “somos corpo”, enquanto os homens são vistos como sujeitos. A marcha tem o papel de dá visibilidade a mulher como sujeito e empoderá-la. Vejamos sua explanação:

É com essa estratégia de trazer o corpo da mulher, de tentar visibilizar a mulher, tipo porque nós mulheres somos extremamente sexualizada e, assim o nosso corpo ele é sempre... Enfim, ele é. Nós somos objetos assim. Quando a gente existe como mulher a gente passando na rua a gente é vista como um corpo, a gente não é vista como sujeito, como os homens são vistos. Quando você olha prum homem você tá olhando pra um homem no sentido da sua... do seu ser, então do que ele faz, do que ele é, do seu intelecto, das suas potencialidades, das suas capacidades. E quando você é uma mulher você é vista como um corpo, você é vista se você é bonita ou feia, se você é comestível, se você é pegável, se você... São os elogios que nos fazem “Ai, você é linda!”. Ninguém diz que a gente é inteligente e capaz. A gente é bonita ou feia. Então assim, a marcha ela... eu acho isso é muito interessante da marcha trazer, a questão do corpo forte, porque nós somos objetificadas sempre, nós somos sexualizadas sempre, né? Você trazer essa discussão que as vezes a gente não percebe. Inclusive, nós mulheres nós temos... a gente se pinta, a gente se prepara, a gente incorpora isso o tempo todo, né? “Eu tenho que está bonita, arrumada, isso e aquilo”. Então, você trazer esse debate eu acho assim, fantástico, fantástico: do corpo, da nossa objetificação, da nossa sexualidade, de como é que a gente pode (?). (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

JJ Domingos e Tânia Pereira (2017, p. 22) apresentam “o corpo como lugar de inscrição do sujeito”. Se historicamente o sujeito feminino foi construído como o lugar da inferioridade, a Marcha das Vadias inscreve nesse corpo novas subjetividades, pautadas na não aceitação das práticas e discursos misóginos. Desta forma, os autores apontam:

[...] O corpo é apresentado como “grito de guerra”, como registro da busca por liberdade de sujeitos que levantam bandeira feminista e trazem em seu discurso marcado no corpo, saberes de uma memória discursiva que historiciza sentidos na luta daqueles que estão à margem da sociedade ao longo dos tempos. (2017, p. 26).

Assim, as marchas dão destaque ao corpo, não apenas como categoria a ser tematizada ou objeto de reivindicação, mas como instrumento de luta política. Os corpos são expostos e carregam lemas e bandeiras, como bem explica Gomes e Sorj (2014, p. 437-438):

O corpo tem um importante e duplo papel na marcha: é objeto de reivindicação (autonomia das mulheres sobre seus corpos) e é também o principal instrumento de protesto, suporte de comunicação. É um corpo-bandeira. Ao subverter o uso acusatório do termo "vadia", a *marcha* reivindica o termo para si e o ressignifica positivamente como "empoderamento". O slogan "Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias", comum às *marchas* de diversas cidades, ilustra esta ideia central. Para expressá-la, as/os participantes lançam mão de roupas sensuais, batom vermelho e topless nas *marchas*. Palavras de ordem são escritas em seus corpos, como "meu corpo, minhas regras", "meu corpo não é um convite", "puta livre", "útero laico", "sem padrão". Pelo artifício da provocação, o corpo é usado para questionar as normas de gênero, em especial as regras de apresentação do corpo feminino no espaço público. Ao mesmo tempo, o corpo é um artefato no qual cada participante procura expressar alguma mensagem que o particulariza. (Grifos dos autores)

A centralidade do corpo é evidenciada em todas as marchas e as formas de subversões são variadas, corpos nus e pintados, roupas consideradas inadequadas para o espaço público, atos considerados chocantes e/ou abusivas, etc. As marchas não seguem um modelo predeterminado de ação.

A depoente Garra pontua a centralidade do corpo na Marcha das Vadias de Campina Grande:

Na verdade eu acho que o corpo é tudo, né? Assim, não é só a questão de... Porque o que acontece na vida dessas mulheres é a apropriação do corpo delas, independente de que seja corpo (?), de forma de que seja simbólico ou mesmo físico. E corpo é corpo na verdade. O que a gente é, é corpo. E as pessoas têm essa mania de quererem dualizar as coisas, de que somos corpo e mente, mas a nossa mente é nosso corpo também. O que a gente tá pensando também representa nosso corpo. Então eu acho que era mais na perspectiva de o corpo. Primeiro quando a gente trabalhou era na perspectiva da violência física contra a mulher, da integridade física da mulher. No segundo ano a gente já trabalhou aspectos mais subjetivos. (Entrevista com Garra, em 11/12/2015).

A compreensão de Garra em relação ao corpo corrobora com a perspectiva atual, apontada por JJ Domingos e Tânia Pereira (2017, p. 21-22). Não há uma separação entre corpo e alma, diferente da perspectiva anterior, dominada pela lógica cristã, de separação entre essas duas esferas. Tais autores apontam outros espaços que o corpo assume:

[...] é objeto de estudo e de representações que atingem desde os discursos científicos, passando pela arte e pela religião, até os discursos de resistência em movimentos sociais contemporâneos, como, por exemplo, a Marcha das Vadias, considerado uma prática de resistência dentro de um potencial ético-político, uma possibilidade de escapar da norma, de subverter o esperado, uma resistência ao instituído no que tange ao uso do corpo feminino em relação às práticas políticas.

O que encontramos nas entrevistas dadas pelas integrantes do Bruta Flor é a consciência dessa perspectiva: o corpo como lugar de resistência e propagador de um discurso de luta contra as formas sociais misóginas. Se esse corpo resiste e luta, ele é político.

Assim, Coragem é bastante enfática ao apontar que o corpo é político e propagador na Marcha das Vadias de um discurso de luta.

O corpo é político. Então, da forma como a gente se coloca no mundo diz muito sobre a gente, sobre o que a gente quer, sobre o que a gente quer passar. Usar seu corpo como tela pra protestar pelo seu próprio corpo, por ter direito ao seu próprio corpo, eu acho isso

fantástico, sabe? Eu acho que é muito significativo. Choca, aquela coisa do choque, mas passa uma mensagem, principalmente, é... sei lá, pras pessoas que estão ali. Eu acho que é uma tática muito, muito interessante, de você usar o corpo. (...) Então, acho que você mostrar o seu corpo, fazer seu corpo de folha em branco pra ser lido e pra ser visto de outra de forma que não seja sexualizada é incrível isso. Sabe? Acho muito bacana, muito importante, essa coisa de dessexualizar os corpos. (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Nossa informante fala sobre táticas de resistência, uma luta do corpo pelo corpo, um corpo ressignificado. JJ Domingos e Tânia Pereira (2017) apresentam o corpo feminino como lugar de resistência, a resistência na pele. O corpo como mensagem traz um discurso de combate a misoginia.

Indignação corrobora com essa perspectiva do corpo como arma política, apresentá-lo desnudo significa lutar contra a opressão de corpos como propriedades.

Essas performances têm como objetivo chamar atenção, impactar, porque no nosso cotidiano a gente não tá saindo com os peitos a mostra ou outras partes do corpo, partes que são mais reservadas. Se a gente for pensar em termos de mostrar, até usar um short mais curto é um problema social. Mas eu acho que mostrar partes do corpo, como seio ou a vagina, sei lá, eu acho que isso é impactante, pra impactar e dizer assim, é chegar no último nível e dizer “isso é meu e eu mostro do jeito que quiser”. E eu acho que é válido, eu acho que é muito válido, porque nada é mais nosso que o nosso corpo ou nada deveria ser mais nosso do que o nosso corpo. E é o que é mais regulamentado por todos e todas, até pelas próprias mulheres. (...). (Entrevista com Indignação, em 05/04/2018).

Coragem acrescenta que os usos e apropriações que fazemos do nosso corpo representa um ato político, principalmente no que tange as quebras de padrões de normalidade. Assim, se você é diferente carrega uma marca de transgressão política. Continuemos:

Por mais que você não faça nada seu corpo é político. O corpo de uma pessoa trans é político, o corpo de uma pessoa gorda é político, o corpo de uma pessoa negra é político. Então só o fato dessas pessoas existirem já é uma revolução que vai contra aquela norma, tipo “o corpo da mulher ele tem que ser magro, ele tem que ter curvas, ele tem que ser branco, ser jovem, ele tem que ser cisgênero”. Então, só a existência de corpos que não são conforme

essa regra já é um escândalo, é um tapa na cara do *status quo*. E você se colocar, você ter orgulho desse corpo do jeito que ele é e não odiar. O corpo é político, é incrível, é extremamente importante, sabe? Por isso que a questão do corpo tem que ser muito debatido: a forma do corpo, de como esse corpo se coloca no mundo, quem é que toca nesse corpo, quem é que pode, quem é que não pode, como é que esse corpo é utilizado para coisas sexuais e não sexuais, coisas políticas, entendeu? Acho que o corpo é de extrema importância na luta da marcha, do feminismo e de outros movimentos sociais. (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

A Marcha das Vadias tem essa perspectiva de combater a padronização do corpo feminino, já que os corpos femininos possuem uma pluralidade muito grande, negras/brancas, baixas/altas, gordas/magras, cabelos crespos/cabelos lisos e tantos outros modelos. Porém, não é apenas esse movimento que se contrapõem a padronização do corpo feminino.

Tomé (2018) apresenta movimentos contemporâneos que se contrapõem ao padrão estético vigente. Esses se utilizam da internet por meio da propagação de ideia de empoderamento feminino e aceitação do “corpo real”. Campanhas como “Tenha um corpo e vá a praia”, o BIM (Movimento da Imagem Corporal), o *blog* Garotas FDP – Fora do padrão, a ação da blogueira *plus size @tessholiday*, o canal Alexandrismos, dentre tantos outros veículos, mostram outra faceta da discussão, exaltar todos os tipos de corpos. Vejamos Tomé (2018, p. 177):

A busca pela exaltação de todos os tipos de corpos substitui a noção de adequação aos padrões, e nesse novo ideal nada está proibido, e todo corpo deve ser admirado e aceito. A esse movimento dá-se o nome de resignificação, uma desconstrução do padrão socialmente aceito.

Essa ideia de desconstrução não pressupõe a criação de um novo padrão corporal para as mulheres, mas abre um espaço para valorização para todos os corpos.

Diante da fala de Coragem pontuando que corpos que fogem aos padrões são políticos, pergunto como se configura politicamente os corpos que se enquadram aos padrões. Assim, a informante pontua que o corpo adequado aos padrões também é político e que as mulheres portadoras desse corpo têm a

necessidade de reivindicar por direito ao seu próprio corpo, já que é extremamente possuído por outros, ou seja, sexualizado.

(...) existir em um corpo dentro do padrão é bem mais fácil. Não que seja maravilhoso, sempre, todas as mil maravilhas. Lógico que o corpo dentro do padrão ele vai ser bem mais sexualizado, por exemplo, sei lá, propaganda de cerveja. É um corpo extremamente sexualizado das mulheres que tão lá de biquíni, desfilando com a cerveja, por exemplo. E aquele corpo ali não pertencem a elas, pertence aos homens que estão no bar, pertence a propaganda que ela tá fazendo, pertence a marca que contratou. Então, é político de todo jeito, sabe? Até mulheres que são brancas e magras e curvas dentro do padrão elas têm que reivindicar direito ao próprio corpo (...). (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

A questão não se concentra na ideia de ter ou não um corpo com possibilidades de resistência, de luta política. Possuir um corpo já é político pela própria concepção de que todo grupo social possui um corpo construído para se adequar a lugares sociais e culturais.

Em concordância com Coragem, Liberdade enfatiza que “não é o corpo pelo corpo, mas pelas questões políticas”. Vejamos como o corpo pode ser lugar de resistência:

(...) A partir do corpo a gente pode afetar e se deixar ser afetado e transformar as coisas, não só a partir das ideias, mas como a gente usa nosso corpo como forma de resistência, como forma de reivindicar qualquer coisa que a gente queira. E, tipo tanto de força física, também de mostrar a garra a partir do seu corpo, de resistência no sentido de poder usar seu corpo por que... enfim, o corpo é uma forma política também, a gente pode usar o corpo de forma política também e tudo que a gente faz pode ser político. Enfim, acho o corpo essencial para essa questão. (Entrevista com Liberdade, em 18/08/2017).

Mas quando se usa o corpo como lugar de reivindicação, como lugar politizado, conseguimos dessexualizá-lo, seja esse corpo vestido ou despido. Assim, não é o fato de estar vestido ou despido que apresenta uma questão de posicionamento político, mas é a forma como esse corpo é ressignificado e como subverte as normas de regulação construídas para o feminino. Desta forma,

Questionamento defende essa perspectiva de empoderamento político que o corpo feminino pode assumir.

Reivindicação (Entrevista em 15/02/2018) também trabalha nessa chave de ressignificar o corpo feminino. “Como nós somos privadas do domínio do nosso corpo é importante que esse corpo seja exatamente convertido num instrumento para nossa libertação”, livre de padrões.

Desta forma, a Marcha das vadias também tem o papel de visibilizar corpos que fogem ao padrão estético, gordas, negras, mulheres sem curvas, etc. Vejamos a fala de Questionamento:

A gente também consegue fazer com que as mulheres que têm os corpos invisibilizados, como mulheres gordas, elas conseguem mostrar o seu corpo tanto quanto uma mulher magra, por exemplo. A gente acaba também questionando padrões. A mulher negra também, que geralmente, se a gente for fazer uma análise meio que histórica, o corpo da mulher negra ele é bem mais explorado e exposto do que o corpo da mulher branca, sensualizado, sexualizado. Mas aí a gente consegue ressignificar também isso. (...) Então é aquele corpo que não é um corpo padrão, que não é um corpo perfeito e que está sendo exposto, e que está sendo mostrado a fim de questionar, de protestar. (...). (Entrevista com Questionamento, em 08/02/2018).

Vivemos numa sociedade em que há um modelo de corpo ideal. Esse corpo é praticamente inatingível, tendo posto que as mulheres nunca estão satisfeitas e os discursos e técnicas corporais sobre a beleza nunca param de se multiplicar e se revestir de novos encantamentos. O que encontramos são: paranoia, depressão, distúrbios alimentares, distorção da imagem de si, frustrações, uso descontrolado de medicações, dietas maléficas a saúde, dentre tantas outras armadilhas pela busca da juventude e um corpo perfeito. O que mais importa é a beleza em detrimento a saúde, é o ver e não o viver.

Para Woodward (2000, p. 17-18), o processo-chave para as identidades é o discurso da mídia, que se utiliza dos sistemas simbólicos e das redes de significação para criar modelos a serem subjetivados e seguidos. Essa autora afirma:

A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular – o adolescente ‘esperto’, o trabalhador em ascensão ou a

mãe sensível. Os anúncios só serão 'eficazes' no seu objetivo de nos vender coisas se tiverem apelo para os consumidores e se fornecerem imagens com as quais eles possam se identificar.

É importante apontar que a ideia de padrão de beleza não foi criada pela mídia, pois ao longo da história modelos de beleza existiram, assim como a busca feminina para alcançar tais modelos.

A mídia se impõe na atualidade como um meio de propagação que atinge todas as dimensões da vida humana, apresentando modelo de beleza, de consumo, de bem-estar, de amor, de família, de sucesso, de feminilidade, de masculinidade, dentre tantos outros modelos. Enfim, apresenta um modelo de felicidade a ser seguido por todos.

Até mesmo quando apresenta modelos, a mídia se impõe como propagadora de valores. Quando diz, por exemplo, "Olha, você não precisa seguir esse modelo, pois temos esse, aquele, esse outro, aquele outro...", nomeia e classifica fenômenos, acontecimentos, grupos sociais, formas corporais, etc.

Mas é também na mídia, especificamente nas redes sociais, que encontramos um discurso de liberdade do corpo. Tomé (2018, p. 181) aponta essa questão:

A visibilidade ao discurso em favor da liberdade do corpo é um movimento crescente, principalmente nas redes sociais, pois este é um espaço democrático para a produção de conteúdo e propagação de ideias. Assim, o conteúdo gerado por essas iniciativas agregam valores positivos ao corpo fora do padrão e servem de informação, de inspiração de moda e de dicas para se manter uma vida saudável sem punição.

Desta forma, temos explícito uma multiplicidade de mulheres e seus corpos que na prática desfilam no dia a dia, diferente do corpo padrão que é único e fechado em si. Porém, Ação acredita que a marcha não estampa essa multiplicidade. Vejamos:

Nas marchas a gente tem um perfil de mulheres, mulheres brancas, magras, que a gente sabe que não retrata a diversidade de corpos e de cores que a gente tem, né? Então, eu acho que uma coisa que deveria ser inserida seria essa discussão mesmo sobre corpo mesmo, de forma mais evidente, mais destacada, mais pontual, por

que (...) o corpo está inserido em todas essas temáticas, mas uma discussão mais específica sobre ele. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Ação complementa sua fala defendendo a questão da gordofobia e aponta que falta o feminismo abarcar essa questão. Não é à toa essa preocupação da nossa informante, pois, juntamente com outras jovens, criou o projeto As Gordas.

Mas também há uma outra questão a se discutir: o corpo feminino nu não é aceitável como espaço de protesto. Historicamente este foi construído como espaço de desejo e prazer masculino, dentre outros usos, como a maternidade. Questionamento aponta que o corpo nu para protesto é muito questionado por mulheres e, principalmente, por homens, que apontam que “estas feministas não têm moral”. Porém, a informante acha hipocrisia o discurso que ora legitima os usos do corpo feminino e ora questiona. Vejamos:

Eu vejo uma hipocrisia muito grande nesse discurso, por que se uma mulher tira a roupa, seja essa mulher qual for, gorda, magra, negra, branca, pra protestar ela vai ser atacada, ela vai ser julgada. Mesmo que eu nunca tenha tido um ... nunca tenha escutado isso, mas a gente ver pelos olhares das pessoas e já vi pela internet afora muitos comentários agressivos com marchas em que as mulheres se despem. Mas em contrapartida quando esse corpo de mulher ele é desnudo pra o olhar masculino, seja pra uma revista masculina, como Playboy e outras que... não sei se ainda existem, ou em filmes pornográficos em que a mulher... “Ah, tudo bem ela se despir, ela tirar a roupa, tudo bem! A gente vai sexualizar a mulher pra o nosso prazer”. Aí, tudo bem, é aprovado, é aceito, é muito bem visto, inclusive. Por exemplo, o corpo da mulher negra exposto no carnaval. Inclusive quando a Globeleza ela foi... começaram a cobrir, vestir ela com roupas que remetiam a própria cultura brasileira, a cultura popular, muita gente ficou questionando e dizendo “Ai, que moralismo”, “Por que vocês estão cobrindo?”, “E o feminismo, cadê?”. (...) A partir do momento que o corpo da mulher negra foi coberto é mais uma resposta a sociedade. “Parem de sexualizar e de sensualizar esse corpo”, que serve pro carnaval, por que se for numa Marcha não, se for num protesto não pode, já é safadeza, é imoral, não pode. Isso é uma coisa muito forte que eu vejo, um discurso muito forte. (Entrevista com Questionamento, em 08/02/2018).

Questionamento aponta o quanto o corpo negro feminino é sexualizado. Já Liberdade acrescenta outra perspectiva em relação ao corpo da mulher negra, “é visto como animalesco”.

A ideia de expor o corpo na marcha é recorrente, mas como bem Liberdade (Entrevista em 18/08/2017) frisou anteriormente, “não é o corpo o corpo pelo, mas pelas questões políticas”. É tão interessante essa perspectiva, que Justiça levanta a informação que na marcha geralmente as pessoas lutam também por suas bandeiras pessoais de luta, como as questões de raça, classe, gordofobia, lesbofobia, homofobia, transfobia, questões de gênero, etc.

(...) Eu vi diversas formas de expressão de mulheres que se sentiam oprimidas tanto por padrões estéticos quanto por, por vários lugares comuns que colocam as mulheres. Teve um que era de uma menina que fazia exatas. Ela enfatizava isso: que lugar de mulher também era na Ciência, dentro das Ciências Exatas. Vi muito cartaz de menina negra. (...) Se você olhar as fotos teve uma adesão grande de mulheres negras, até porque aqui quase todo mundo é negro ou pardo. Criar expectativa a gente não criava, num tem como você esperar e num tem como você chegar e dizer “Não, a melhor forma de você manifestar, de você se manifestar das opressões que você passa, tem que ser assim ou assado”. (Entrevista com Justiça, em 11/12/2015).

O intuito não é apresentar um corpo despolitizado, carnavalizado. Assim, em Campina Grande, há formas emblemáticas de subversão dos corpos. Porém, nas marchas que já ocorreram, segundo relatos de Garra e de Justiça e outras entrevistadas, não houve muita nudez. No primeiro ano, uma única menina, de Monteiro, expõe os seios, mas também tem mulheres de sutiã, de shortinho e até de burca, considerado por Justiça como algo muito simbólico.

Figura 41: Primeira Marcha das Vadias em Campina Grande, postado no dia 04 de Agosto de 2012.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=423716727679325&set=o.297201947042520&type=3&theater>

Segundo a informante Justiça, a questão não é expor o corpo, a questão é subverter a ordem imposta, quebrar padrões. A burca, símbolo do Islã, não impede os casos de estupro no mundo islâmico. Assim, o uso da burca na marcha e o questionamento “Modelito anti-estupro. Será?” serve como denúncia, mostrando que o problema não são as roupas que as mulheres usam, o problema é cultural, o problema reside na forma como as mulheres são vistas e tratadas.

Justiça narra a sua participação na segunda Marcha das Vadias como algo libertador e subversivo:

Agora, pronto, no segundo ano teve uma coisa interessante, que eu e Determinação, principalmente, a gente teve de ao menos mostrar a barriga. Pra quem é gorda ... (...). Aí, eu peguei e mostrei a barriga e pintei “eu me amo” e saí desfilando linda e maravilhosa no meio da rua, mostrando a barriga. Isso pra mim já é praticamente aparecer nua. Porque uma das primeiras coisas que olham pra mim quando alguém me enxerga é “Eita, ela é gorda!”. Assim, a gente nota. E pra mim foi muito libertador fazer isso. Pra mim foi tão libertador quanto topless. Acho que se eu tivesse mostrado os peitos não teria, eu num

teria me sentido tão livre quanto mostrar a barriga (...). (Entrevista com Justiça, em 11/12/2015).

Nossa informante aponta o quanto o julgamento e cobranças sociais são fortes, ao ponto de resumir uma mulher pelo seu físico. Mostrar a barriga, nesse sentido, é símbolo de empoderamento feminino. Ao performatizar a nudez da barriga era como se gritassem “Esse corpo me pertence!”

Esse relato nos traz a perspectiva do quanto a relação com o corpo é subjetiva. Acontece a quebra do paradigma de um modelo ideal de beleza. Essa é uma questão bastante tematizada na marcha: a ideia de uma não padronização do ponto de vista estético.

Justiça, pouco mais de dois anos após sua primeira entrevista, ainda enfatiza a importância do acontecido de 2014, a exposição da sua barriga. Assim, afirma que a temática do corpo é problematizada na marcha de duas formas.

Eu acho que dentro da marcha eu via coisas, manifestações, que remetia a corpo, tanto da relação da mulher com o corpo dela, dessa questão do empoderamento, quanto desse confronto quanto a postura do outro em relação a corpo. Eu acho que acabou sendo contemplado isso aí. Eu vi muita menina, eu mesma fiz isso. Eu sou gorda e tinha meninas gordas que pegaram e usaram blusinhas, usaram coisas expondo a barriga. Pra sociedade é um símbolo de transgressão, porque o corpo gordo é visto como algo abjeto, né? Se você é gorda, você tem que usar roupa escura, folgada, você tem que fazer o possível para ser o mais invisível. E eu vi isso, eu vi meninas gordas que foram também de shortinho, de roupa mais justa. E não deixa de ser uma atitude de empoderamento em relação ao corpo, por que é isso: a sociedade, o merca(...), a moda, tudo diz pra gente que a gente tem que ser invisível, que a gente tem que se esconder. (...). (Entrevista com Justiça, em 28/02/2018).

Na sua análise, a marcha traz a dupla perspectiva: Como as mulheres enxergam o seu corpo e como a sociedade o enxerga. Assim, a marcha trabalha com a questão do empoderamento feminino em relação ao seu corpo e desnaturaliza a visão do outro sobre o corpo feminino como propriedade não só do homem, mas de todos, quando afirma “esse corpo me pertence”.

Questionamento apresenta que essa ideia de empoderamento e desnaturalização do corpo feminino passa pela ideia de afirmar o corpo feminino como detentor de direitos sociais garantidos, inclusive, por leis. Vejamos:

(...) É justamente mostrar que o corpo da mulher não é público, que ela transita na rua, em qualquer lugar. Ela tem direito de transitar, né? É garantido, inclusive, na Constituição que a gente tem esse direito. Muitas vezes esse direito é quebrado, ele não é respeitado (...). (Entrevista com Questionamento, em 08/02/2018).

Mas por que não há tanta nudez em Campina Grande?

Reivindicação afirma que a sociedade campinense não tem maturidade para a nudez, se choca até mesmo com uma mulher de sutiã. Essa falta de maturidade traz insegurança para mulher poder protestar nas ruas se utilizando da nudez.

Coragem aponta, também, que até mesmo pessoas que apoiam o feminismo e suas bandeiras acham desnecessária a nudez na marcha. Sua perspectiva é diferente. Vejamos:

(...) Mas eu acho que essa nudez política é de extrema importância porque o corpo é político. O que você faz com o seu corpo é político! O corpo não precisa ser sexualizado, principalmente o corpo da mulher, que basta ela existir que o corpo tá lá sendo sexualizado. E o corpo pode ser só um corpo e mesmo assim ninguém tem direito de mexer nele sem a permissão da mulher. (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

A nudez como símbolo do âmbito privado das relações conjugais extrapola as paredes do universo privado para aparecer nas ruas como um objeto de luta, “Meu corpo, minhas regras”, “Esse corpo me pertence”. Nesse sentido, a mulher deixa de ser objeto de desejo para ser desejante, deseja direitos, deseja liberdade, deseja respeito, deseja, deseja...

Esse corpo político é apresentado por Chaves (2013, p. 11) como lugar de resistência e quebra de paradigmas sociais:

Essa nudez política, duplamente marcada pelo lugar onde ela é anunciada e pelo dizer escrito em sua superfície, difere da nudez feminina nas revistas masculinas e nos anúncios de lingerie para mulheres. A mulher e o seu corpo à mostra, fora dos “padrões” e dos lugares historicamente reservados para tal ousadia: um sujeito que delinea diferentes trajetos de significação.

Questionamento, por sua vez, também defende esse posicionamento de que o corpo é político e propagador de uma mensagem de liberdade e de direito feminino sobre si.

A partir do momento que as mulheres despem esse corpo, um corpo político, a partir desse momento que você despe o corpo e você utiliza o corpo (...), a partir do momento que saímos com cartazes e palavras de ordem, a gente tá questionando isso e quando eu tiro a roupa e saí na rua e acredito que eu posso fazer isso, eu tô dizendo que aquele corpo, o meu corpo, ele tem todo o direito e que ele não deve ser em momento algum violentado. Quando você diz assim “Não...”, a partir do momento que eu pego uma roupa e eu não questiono “ai, ela tá muito curta?”, “será que vão me olhar?”, “será que numa festa vão me agredir, vão abusar de mim?”, então a partir do momento que eu consigo pensar que eu posso usar a roupa que eu quiser, e isso a marcha fez, eu questiono essa questão da violência: da violência, do abuso, do estupro. (Entrevista com Questionamento, em 08/02/2018).

Essa atitude apontada por Questionamento é o empoderamento feminino, quando a mulher se reconhece como possuidora do seu corpo. Assim, podendo usá-lo como porta-bandeira para denunciar a violência cometida contra esse corpo. O empoderamento passa por essa noção de reconhecimento. Utilizar o corpo no sentido político é reivindicar reconhecimento do seu direito sobre esse corpo.

Porém, nos relatos das informantes é muito comum vermos a noção do corpo como tabu, como bem aponta Coragem:

(...) O corpo é sempre sexualizado, por exemplo, teve recentemente o caso da exposição de arte que tinha uma pessoa nua e causou o maior rebuliço porque único e simplesmente tinha uma pessoa nua, deitada. E é um tabu muito grande o corpo, sabe? Corpo é o pecado, é tudo muito tabu o corpo. (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Desconstrução afirma que é intenção da Marcha das Vadias desconstruir e desnaturalizar o corpo como tabu, o corpo como lugar do pecado, o corpo como “uma ferramenta meramente reprodutiva”. Uma maneira é apresentando o corpo real, o corpo como ele realmente é, cheio de imperfeições.

As informantes apontam de forma corriqueira o quanto Campina Grande é atrasada e conservadora, “Campina embora tenha essa atmosfera vanguardista, ela

é muito provinciana” (JUSTIÇA, entrevista em 11/12/2015). Esse fato dificulta a aceitação e fixação da Marcha das Vadias aqui na cidade. Vejamos a análise de outra depoente:

(...) eu sempre gostei dessa coisa de tá na rua, de ir lá e fazer alguma coisa, de não ficar parada, de não ficar esperando, entendeu? Eu sempre achei isso muito legal e, inclusive, eu gostaria que tivesse mais aqui em campina. Mas num sei, num sei se é um problema daqui ou não sei, que Campina é uma cidade conservadora, mas eu acho que aqui tem muita dificuldade em fazer qualquer ação assim, sabe? Pública, direta e que precise chamar as pessoas. As pessoas gostam muito de falar, mas não gostam de comparecer, sabe? (...). (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Questionamento também aponta Campina Grande como conservadora e enxerga esse fato como problemático na execução da marcha. Remediar seria a solução para uma maior aceitação desse movimento político. E qual seria o remédio?

Pra mim ou pra você que estuda, pra gente que já tá naquele meio, ok, acho que não causa tanto impacto, não causa impacto. Pode causar questionamento e tal. Mas pras pessoas, principalmente porque Campina Grande é uma cidade do interior, pode ser considerada uma das maiores da Paraíba, mas a nível nacional ela é uma cidade pequena, muito arcaica. Talvez a gente conseguisse trabalhar com essas pessoas antes, partindo das vivências delas, que também não deve ser fácil você ter toda uma formação, muitas vezes cristã, moralizante, de repente você ver aquilo e se impactar. Eu acho que esse caminho do preparar seria bom, seria algo a se ver. (Entrevista com Questionamento, em 08/02/2018).

Na sua perspectiva, a Marcha das Vadias não surte muito efeito em Campina Grande “pela história da cidade, pela mentalidade da cidade”. Mas a nível de Brasil acredita que há efeito, dando como exemplo o fato de um jornal nacional, o Jornal da Cultura, está debatendo sobre violência contra mulher, algo que não via anteriormente.

Ação discorda prontamente dessa ideia que a marcha não surte muito efeito em campina Grande, pois aponta que esta na discussão sobre o direito feminino sobre o seu corpo tem resultados positivos, pois o contato com a Marcha faz com

que muitas mulheres descubram ou redescubram novas relações com o corpo. Observemos:

(...) A gente ouve muitos relatos de mulheres “Ah, foi na Marcha que eu conheci o feminismo”, “vi falar na internet sobre a marcha e fui pra rua”, “conheci outras mulheres”, “entrei pra coletivos”, “foi na Marcha que eu consegui me libertar do que eu achava do meu corpo e tirar a blusa, não ligando pros preconceitos, pros prejulgamentos alheios”. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Assim, o corpo deixa de ser vergonha para se lugar de empoderamento e enfrentamento a misoginia. Isso significa que a marcha não é apenas um dia do ano, mas que tem reflexos para uma vida toda.

Desta forma, a ideia de liberdade é apresentada por Ação como a principal mensagem da Marcha das Vadias.

(...) pra mim o feminismo é isso: é liberdade de ser quem você quer ser, de estar como você queira estar. Então, eu acho que se colocar o seu corpo na rua, que é lugar de perigo para todas as mulheres, cis e trans, é um movimento de liberdade, de mostrar que a mulher é livre e que ela pode ocupar todos os espaços em segurança e proporcionar isso a todos os tipos de mulheres, por que a partir do momento que você é livre em todas as esferas da sua vida tudo é possível, né? Você pode chegar e alcançar o que você quiser. Então eu acho que a mensagem da Marcha é essa: que as mulheres são livres e que elas vão estar e gritar e resistir em todos os espaços. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Portanto, o empoderamento é a palavra da vez.

4.3 “MEU CORPO, MINHAS REGRAS”

Na relação entre corpo e liberdade o que sobressai é a ideia de escolha. A marcha discute essa ideia de escolha – vestimenta, sexo, aborto, dentre tantas outras formas de expressão de escolhas.

Galetti (2014, p. 2203) afirma que há uma linha de continuidade entre o feminismo da década de 1970 com o feminismo contemporâneo, personificado pela Marcha das Vadias:

As marchas retomam questões como o prazer das mulheres, a opção sexual, a liberdade, levanta bandeiras como: “Meu corpo, minhas regras”, deixa-se explícito, que a liberdade de escolha feminina sobre seu corpo é fundamental dentro deste diálogo. Pauta que estava presente nos movimentos de mulheres das décadas de 1970 e 1980 e que, até hoje não foram alcançadas de forma plena. Um exemplo disso é a questão de legalização do aborto, bandeira de luta históricas dos movimentos feministas, a qual as militantes da Marcha das Vadias buscam dar visibilidade e incitar a discussão sobre o aborto.

Porém, Gomes e Sorj (2014, p. 438), por sua vez, apontam que há uma compreensão diferente em relação ao corpo das gerações anteriores do feminismo e das gerações contemporâneas, tanto em relação as pautas relacionadas ao corpo, como as formas de utilização deste:

Para as gerações anteriores de feministas, a autonomia sobre o corpo aparecia atrelada às reivindicações pela descriminalização do aborto, pelo planejamento familiar e pela saúde da mulher. Para as gerações contemporâneas, o corpo assume um significado mais amplo. Ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindia de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo. Assim, nas *marchas*, a sensualidade dos corpos é celebrada; os padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos; a menstruação é positivamente assumida. A nudez, importante instrumento de impacto nas *marchas*, parece condensar a um só tempo a capacidade de criticar as normas de gênero e de expressar este modo subjetivo de "libertação" do corpo. (Grifos dos autores)

Portanto, no feminismo contemporâneo há continuidades e descontinuidades em relação as gerações passadas.

As meninas do Bruta Flor apontam com muita veemência que o corpo é da mulher e ela tem o direito de escolha. Vejamos um dos principais gritos de guerra da Marcha das Vadias em Campina Grande que apresenta essa perspectiva de escolher o que fazer com um corpo que apenas pertence a si:

Se o corpo, se o corpo
 Se o corpo é da mulher
 Ela dá pra quem quiser!

Se o corpo, se o corpo
 Se o corpo é da mulher
 Ela dá pra quem quiser!

Se o corpo, se o corpo
 Se o corpo é da mulher
 Ela dá pra quem quiser!

Inclusive pra mulher!

Além do direito a vivenciar a sua sexualidade da forma que escolher, outro elemento que é muito apontado é a liberdade de escolha de roupa, “(...) é aquela coisa de uma roupa não é um convite, uma saia curta não justifica estupro e tudo isso, sabe?” (CORAGEM, entrevista em 07/02/2018).

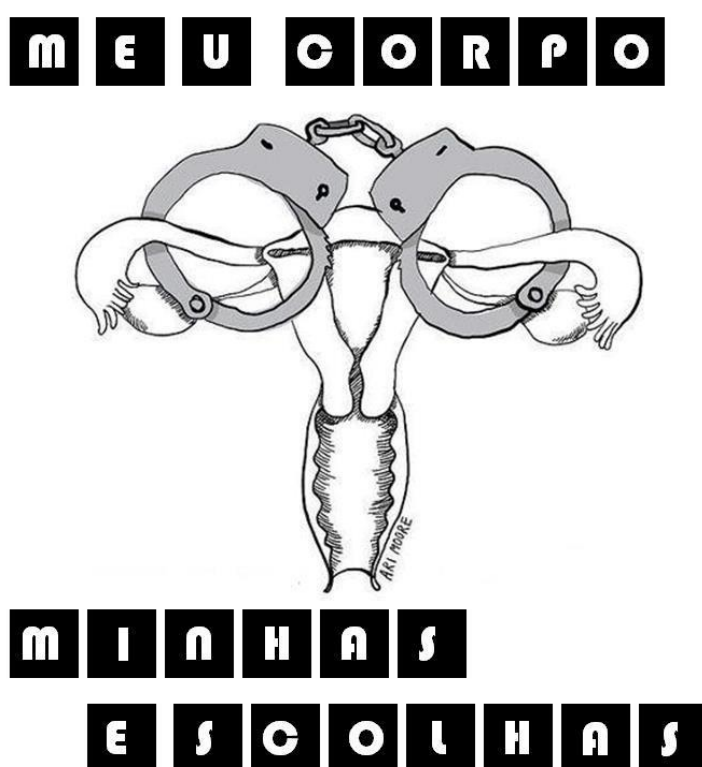
Liberdade (Entrevista em 18/08/2017) aponta que a mulher o tempo todo é desrespeitada “(...) Surgiu disso, em relação a isso, de ‘Ah, você tem que se vestir de tal jeito para você não ser estuprada’. Então fere esse direito ao corpo, de se vestir como você quiser, por exemplo, e de usar o seu corpo como quiser”.

“Não é não”, sentenciona uma das informantes, mesmo tendo plena consciência que essa sentença não é respeitada, pois culturalmente foi construída a ideia de que a mulher está disponível aos homens. Vejamos:

(...) não exclusivamente uma mulher se veste para o homem e indo mais a fundo na questão principal que aquela roupa curta ela não é um convite, ela não é um convite. Ela é uma roupa curta porque uma mulher ela quer vestir uma roupa confortável, ela pode querer se sentir sensual sim, ela pode achar que aquilo é algo sensual e gostar daquilo. Mas em nenhum momento... Ela pode inclusive até querer seduzir o homem, mas em nenhum momento significa que seja um convite para uma violência ou um assédio. A sedução é uma coisa, a violência é outra. A partir do momento que eu digo não, **não é não**. Não interessa a roupa que eu esteja vestindo (...). (Grifos meus). (Entrevista com Questionamento, em 08/02/2018).

Outra ideia comum ao movimento é a não aceitação das explicações biológicas que determinam a que gênero cada um pertence. Um exemplo é como a questão trans é problematizada na Marcha das Vadias de Campina Grande, que acredita em um feminismo para todas as mulheres, cisgênero e transexual. Coragem (Entrevista em 07/02/2018). aponta que “(...) Pessoas trans também são violentadas, também são estupradas, também são mortas, justamente pelo fato de serem mulheres trans, que é a transmisoginia”.

Figura 42: Imagem postada no dia 30 de setembro de 2012.



Fonte: <https://www.facebook.com/IForumFeminismoeDH/photos/a.300529423376439.65744.297201947042520/337040969725284/?type=3&theater>

A imagem anterior nos apresenta a perspectiva da mulher resumida a sua condição biológica, ou seja, ao se nascer mulher já é definido culturalmente e socialmente seu espaço na sociedade.

Assim, as identidades distintas de ser homem e de ser mulher são observadas nas nossas práticas culturais excludentes de diferenciações de territórios e papéis a serem desempenhados por nós desde a infância. Subjetivamos

a “diferença” desde o nascimento, primeiro pelo nome que recebemos, masculino ou feminino, depois pela cultura de vestir meninas de rosa e meninos de azul e pelas diferentes formas de brincar, na qual as meninas brincam de boneca e de casinha e os meninos de bola e de carrinho, ou seja, é reforçado o discurso que esteja reservado a mulher, o privado e ao homem, o público.

Essas e outras várias práticas culturais reforçam o discurso da superioridade masculina, no qual o poder de ser homem é visto em todas as dimensões da vida, seja de uma forma mais explícita ou de uma forma mais implícita, como o caso do racismo no Brasil.

Há outras questões, como o direito ao corpo, incluindo o debate ao direito ao aborto, tema tão polêmico que nas décadas de 1970 e 1980 já dividia opiniões, como bem explicita Pedro (2013, p. 247):

[...] Desde que os métodos contraceptivos passaram a focar o organismo feminino, as mulheres começaram a exigir um controle maior sobre seu próprio corpo. E o direito a interrupção da gravidez indesejada passou a fazer parte da pauta feminista. “Um filho se eu quiser, quando eu quiser” e “nosso corpo nos pertence” eram palavras de ordem nessa época. No Brasil, entretanto, a reivindicação do direito ao aborto encontrava muitos obstáculos para se fazer ouvir, já que, tendo em vista o contexto da ditadura, as mulheres ativistas tinham que buscar diferentes aliados, até mesmo na Igreja Católica, sendo obrigadas a fazer concessões estratégicas para mantê-los.

Depois de décadas, o tema, juntamente com outros, como sexo, prazer, liberdade feminina, continua sendo tabu, mas altamente problematizado na Marcha das Vadias. “Um filho se eu quiser, quando eu quiser” e “nosso corpo nos pertence” são palavras de ordem contemporâneas, facilmente estampadas no corpo de uma ativista da marcha.

Por serem temas tabu contribuem para o estranhamento por parte do público em geral em relação ao movimento e, conseqüentemente, contribuindo para a produção da sua imagem a partir de estigmas, principalmente quando, segundo a visão de muitos, “um bando de mulheres loucas” (LIBERDADE, entrevista em 18/08/2017). saem as ruas cantando em alto e bom som uma música que faz referência direta a Igreja católica.

Oh, Vaticano
Vou te dizer:
Existe aborto independente de você!

E fica aí de blá blá blá
As mulheres estão morrendo ao abortar!

Nessa perspectiva, as integrantes da Marcha das Vadias apresentam uma realidade nacional, as mulheres abortam independente das questões religiosas e muitas delas estão morrendo.

Indignação nos informa que essa é uma bandeira da marcha “por perpassar a questão do corpo da mulher”. Apesar de ser um tema muito difícil de trabalhar, é possível observar alguns avanços. Vejamos:

Eu acho que a gente tem alguns avanços com a presença de Débora (Diniz) do Instituto Anis. Num contexto nacional, a gente tem alguns avanços e isso meio que viabiliza a nossa luta aqui, porque a gente tá vendo outros lugares que são centros de discussões, outras instituições que dão, de certa forma, um respaldo pra que a gente possa endossar essa causa, essa bandeira. (Entrevista com Indignação, em 05/04/2018).

Outro ponto de grande relevância para o movimento é a violência contra a mulher. Justiça afirma que a temática sobre a violência contra a mulher sempre está presente nas marchas e cita, especificamente, a primeira e segunda marchas. Mas frisa que a violência não é apenas a agressão física, mas que há outras formas de violência, companheiras cruéis do mundo feminino:

A discussão da violência tanto esteve numa marcha como em outra, porque se a gente for considerar a violência não como restrito a violência física. Foi o que acabou batendo mais na primeira marcha por conta do caso de Queimadas, mas teve muito presente tanto na primeira marcha, tantos cartazes que vinha, teve muita gente que fez cartazes fazendo menção direta a Barbárie de Queimadas ou a violência doméstica, quanto na segunda que já teve um outro perfil, mas falava muito em relação a violência simbólica, violência verbal, que não deixa de ser. Se você tá passando aqui e alguém que você não conhece, alguém que não tem nenhuma relação com você, chega e diz “Ai, que bundinha bonita, num sei que, num sei que”. Isso não deixa de ser um ato violento, isso é uma violência verbal

contra você de qualquer forma. Você tá passando aqui não dá o direito de ninguém abrir a boca e falar contra, falar o que acha do seu corpo, o que deixa de achar, o que acha da sua conduta sexual ou da sua orientação sexual ou de quantos parceiros você tem ou o que for. (Entrevista Justiça, em 28/02/2018).

Indignação, por sua vez, aponta a instabilidade feminina diante da violência e o quanto é difícil ser mulher numa sociedade em que a violência se reveste de muitas formas, das mais explícitas as mais implícitas, como destacado anteriormente por Justiça. Vejamos o relato de Indignação sobre o quanto as desigualdades de gêneros são pesadas e temíveis, no sentido de segurança, para as mulheres.

Eu acho que a gente tá vivendo violência a todo instante. Quando a gente pensa em violência, a violência física é apenas uma, né? Mas o fato de ter a voz cerceada em determinados espaços isso é um tipo de violência. Então, é constante e a gente precisa pensar em estratégias para viver todos os dias combatendo essa violência, seja dos olhares que nos violentam, dos assédios que as vezes não chegam nem a ser ditos, mas a gente tá vivendo vários assédios, morais, verbais, sei lá, e a física também, sexual. Então, é muito delicado, porque não é só um tipo. É todo dia. Você acorda e sabe que em determinado momento você vai ser violentada. Então é o estado de constante vigilância e é muito delicado isso, porque a gente cansa. Um dia para a mulher é muito mais cansativo do que para um homem, porque a gente tem que tá num estado de auto defesa constante. (Entrevista com Indignação, em 05/04/2018).

Outra depoente, Reivindicação também destaca os vários tipos de violência, mas pontua as proibições que são impostas as mulheres: sexualidade, bons salários, direitos reprodutivos, etc.

A violência contra a mulher ela se expressa em diversos níveis assim: o físico, o emocional, o psicológico e tal. E a gente vivencia essa violência todos os dias. Nós feministas entendemos, por exemplo, o assédio cotidiano sofrido pelas mulheres como uma violência, o preconceito (...). O preconceito que a gente sofre por ser mulher apenas, em alguns espaços, as privações, os obstáculos que são colocados para nós, muito maiores que os obstáculos colocados para os homens, a coerção. Tudo isso é violência, são formas de violência. A nossa própria proibição, possibilidade de vivenciar, por exemplo, a nossa sexualidade, os nossos direitos reprodutivos, isso é violência. Então, eu acho que tudo o que se reivindica pras mulheres, a gente reivindica porque a gente não tem, porque a gente tá sendo privada daquilo. E essa privação, essa privação do nosso usufruto, de uma vivência plena, de direito iguais, isso é uma

violência que se coloca pra nós. (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Historicamente a violência sempre foi e continua sendo companheira do mundo feminino, do Brasil Colônia à atualidade, na qual temos um índice muito elevado. Apesar de possuir acordos e leis que são contra a violência, deparamo-nos com casos de maus-tratos físicos e psicológicos, estupros, assédio sexual, espancamento e assassinato cometidos em sua maioria pelo marido ou companheiro da vítima, assim como pelo ex.

A partir da década de 1970 que se tem uma preocupação mais efetiva em combater a violência contra a mulher. Até então essa prática é vista como algo de ordem privada, na qual o Estado não intervinha nessas relações conjugais e familiares.

O problema é que essa questão é cultural e historicamente construída. Desconstrução frisa “a mulher não é um objeto, não é um sujeito passível de violência como se naturalizou”. A questão é de difícil resolução.

Eu acho que o que enseja essa violência, o que incita ela, é uma coisa muito arraigada ainda, uma coisa de construção social, de cultura também, uma coisa cultural. Essa construção da masculinidade muito sobreposta a feminilidade, que nos expõe a esse papel de vítimas, de... Enfim, de vítimas, pessoas suscetíveis a sofrer violência, mais violência. Enfim, eu acho que não se desconstrói de uma hora pra outra. E o que a gente ver também é muita impunidade pras pessoas que praticam, por mais que seja... que acontece também as vezes a mulher denuncia esses casos, que a mulher denuncia, mas tem muito medo. Enfim... (Entrevista com Desconstrução, em 09/02/2018).

O que pensar de um país que carrega uma tradição de ressaltar a masculinidade? Esses elementos são perceptíveis quando analisamos o quanto o Brasil é violento, principalmente com as mulheres. Reivindicação formula:

O machismo nos mata, nos mata todos os dias, essa cultura que existe, que infelizmente, tipo esse ideário patriarcal e machista que ainda é reproduzido cotidianamente pelas gerações, inclusive a que a gente faz parte, hoje em dia. Isso incide sobre as nossas vidas, que é a pior violência que a gente pode sofrer que é a morte e várias outras. (...). (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Continua a informante com a sua análise ressaltando o quanto o Brasil é atrasado, conservador e violento. Em relação ao homem analisa a ideia de violência endêmica, ou seja, naturalizada como parte da essência masculina. Observemos:

(...) Os homens são muito violentos e eles estão preparados pra essa violência sempre. (...) A violência ela é como se tivesse latente, ela tá latente em praticamente todos os homens que eu conheço. Ela é acionada assim que você tem um gatinho, se você disparar aquele gatilho ela é acionada e como muita força, muita força. De fato assim eu percebo, com muita dor, com preocupação, que a nossa vida realmente ela é assim, a vida das mulheres é muito banalizada. Nosso corpo, nós enquanto sujeito ainda somos vistas como objeto e como uma propriedade por toda a sociedade brasileira. (...). (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Até as décadas de 1960 e 1970, a mulher é considerada posse do homem, primeiro pai depois marido, a violência é vista como legítima. As relações que se forjam, casamentos por conveniência, tutela, honra, etc. são representativas da ideia de um corpo possuído. Nessa lógica é necessário o controle e disciplina sobre as mulheres.

Lage e Nader (2013, p. 287) afirmam que:

O Código Filipino – legislação do período colonial que permaneceu vigente no Brasil até o século XIX – permitia que o marido assassinasse a esposa adúltera. Também era facultado aos homens o enclausuramento forçado da esposa e filhas. Os recolhimentos, instituições criadas para abrigar mulheres com vocação para a vida religiosa sem que fossem obrigadas a fazer votos solenes como as freiras, tornaram-se por conta disto verdadeiras prisões femininas.

A ideia do adultério como um crime legitimava a violência contra a mulher. Os Códigos de 1830, 1890 e de 1932 estabelecem a prisão da mulher adúltera em três anos. Já o homem só recebe essa punição se tem uma amante a qual sustentasse. O adultério feminino como crime favorece a prática masculina do crime em defesa da honra, que se configura como uma punição privada, como no caso do assassinato de Ângela Diniz em 1976 por Doca Street.

Hoje nós temos formas mais sutis de dominação. Porém, a violência contra a mulher persiste. O crime em defesa da honra não tem mais respaldo legal, mas tem

no meio social. “Fulano matou Fulana porque ela o traiu”, “Beltrano bateu na esposa porque ela não cumpria com as obrigações domésticas”, “Matou a mulher porque ela vivia em festas”, entre outras justificativas.

Complicado é notar o quanto a mulher é culpabilizada pela agressão que sofre. São alçadas de vítimas a culpadas, inclusive a mídia tem um papel muito grande nessa prática tão comum. Vejamos os argumentos lançados por Reivindicação:

(...) a gente ver que a mídia acaba argumentando em favor dos agressores e não da gente. É aquela coisa, argumentos são sempre “Ah...”, inclusive, os comentários não só da mídia, mas da maioria das pessoas em geral “Ah, mas ela procurou, ela perturbou, ela falava isso, ela era chata”, sei lá, ela, ela, sempre a gente fez alguma coisa e o cara... E patologiza os homens “Ah, ele é doente, ah ele tinha problemas mentais e tal”. Nunca é o machismo que mata, é o problema de saúde, os homens que adoecem, os homens que são loucos. (...). (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Esse quadro de tolerância em relação à violência contra a mulher vai se alterando a partir da segunda metade do século XX, como afirmam Lage e Nader (2013, p. 288-290):

[...] Liderado por vozes feministas, o questionamento da situação subalterna e vulnerável a que as mulheres estavam submetidas foi minando a legitimidade das formas de violência específicas contra elas. Como exemplos desse questionamento e alguns de seus resultados, temos: criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, que promoveu a Campanha Nacional contra a Violência contra a Mulher, em 1985; a Campanha Nacional “Denuncie a Violência contra a mulher”, resultado do Primeiro Encontro de Delegadas, em 1986; a eleição, também em 1986, de deputadas constituintes que atuaram no combate à violência contra as mulheres; a conquista legal, na Constituição de 1988, da inclusão do parágrafo 8º do artigo 226 que afirma a presença do Estado na assistência a cada membro da família no que diz respeito à coibição da violência no âmbito das relações familiares; a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a mulher, em 1995; a criação da Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180, em 2003.

Vemos que o Estado tem participação ativa nessas campanhas, mas que só incorpora nas suas pautas governamentais a questão da violência contra a mulher a

partir da luta feminista na década de 1980. A implantação e efetivação das delegacias especializadas não são fáceis, pois sofrem resistência dos segmentos mais conservadores na sociedade e do olhar misógino de policiais e justiça brasileira.

Assim, Lage e Nader (2013, p. 301) nos informam:

[...] A Constituição de 1988 contempla uma das principais bandeiras de luta dos movimentos feministas nos anos de 1970 e 1980, isto é, o reconhecimento da violência doméstica e intrafamiliar contra a mulher como um problema público e a responsabilização do Estado pela implantação de políticas públicas, programas e serviços voltados para as mulheres em situação de violência. [...].

A partir da descrição das duas leis, a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, que tentam coibir a violência contra a mulher, vimos a importância do Estado no enfrentamento desse tipo de violência. Porém, não são só as leis que vão modificar essa situação, há de ter mudanças de sensibilidade e o fim das desigualdades entre os gêneros.

Indignação concorda que os meios jurídicos têm um papel muito importante no combate a violência contra a mulher. No seu argumento, vemos a ideia de que apenas proibir não é solução. Acompanhemos:

(...) a gente tá a qualquer momento exposto, em todos os ambientes, dentro de casa, seja na rua. Então, é uma bandeira que precisa ser levantada cada vez mais. Mas eu acho que por meios jurídicos, por meios de direitos, de conquistas e não simplesmente “você não pode”, porque eu acho que numa situação de violência o “você não pode” ele é muito fraco, mas os meios legais eles são viáveis. (Entrevista com Indignação, em 05/04/2018).

Desconstrução olha para as leis de proteção as mulheres com grande desconfiança, acreditando que essas não trouxeram a solução contra tanta violência que existe contra as mulheres. Sua ideia principal é de publicização da violência por parte das mulheres.

Eu acho que embora tenha essas leis afirmativas, protetivas, não tem diminuído e realmente... (...). No Brasil, o que eu assisto talvez a

violência tenha sido mais publicizada depois dessas reivindicações, das leis, da Lei Maria da Penha e dessas políticas para mulheres. No entanto, eu acho que não tem diminuído não. (Entrevista com Desconstrução, em 09/02/2018).

Na atualidade, o que dificulta bastante a quebra do ciclo vicioso da violência é o silêncio feminino. Nesses casos a violência física é companheira da violência psicológica, fazendo com que muitas mulheres se sintam culpadas.

O Estado tem como obrigação criar mecanismos de proteção a essas mulheres não só do ponto de vista da agressão física, mas também apoio psicológico. Porém, é perceptível que a trajetória de enfrentamento a violência contra a mulher é uma luta, sobretudo, feminista. Não pode ser vista como uma concessão do Estado, mas como um lugar de tensão e luta.

Os que defendem que o feminismo é desnecessário argumentam que as mulheres já alcançaram todas as esferas da sociedade, mas esquecem das desigualdades sociais e a violência contra a mulher. As desigualdades sociais podem ser visualizadas nas diferenças salariais e exigências diárias de adequação entre mulher/mãe/esposa/ dona de casa e trabalhadora.

Há uma contradição muito grande entre a escolaridade feminina comparada com a masculina, sendo evidenciada uma vantagem para as mulheres, e a renda de ambos. Biroli e Miguel (2014) apontam que, segundo o IBGE, em 2001 há a indicação de 12,1% para as mulheres e 9,7% para os homens que têm mais de dez anos de estudo. Em 2008 essa diferença aumenta: 17,3% no caso das mulheres e 14,3% para os homens. Já em 2009 quase 60% das matrículas em Ensino Superior é de mulheres.

Mesmo as mulheres possuindo um nível de escolaridade maior, o seu salário é menor em relação aos homens. A mulher com Ensino Superior recebe 62%⁶⁵ do salário de um homem com o mesmo nível de escolaridade. Mas as desigualdades não se resumem a remuneração, como apontam Biroli e Miguel (2014, p. 11):

(...) Em muitos locais de trabalho, as mulheres são expostas cotidianamente a pressões e constrangimentos que não fazem parte da vivência dos homens, do assédio sexual às exigências

⁶⁵ Dado disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/11/24/brasil-tem-maior-diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres.htm>

contraditórias de incorporar tanto o profissionalismo quanto uma “feminilidade” que é construída como sendo o oposto. Em conjunto, a vigência dos estereótipos, as estruturas de autoridade ainda dominadas pelos homens e as múltiplas responsabilidades adicionais, que são típicas da condição feminina nas sociedades marcadas pelo sexismo, tornam a experiência do trabalho assalariado mais penosa para as mulheres do que para os homens, o que, de formas diferentes, ocorre em todos os níveis da hierarquia de ocupações.

A violência contra a mulher e a diferença salarial justificam a importância e atuação dos movimentos feministas na atualidade. Apesar dos ganhos do ponto de vista social, político e econômico há muito pelo o que se lutar. Nesse sentido, a Marcha das Vadias levanta questões pertinentes ao nosso momento histórico, como a luta feminina sobre o direito ao seu corpo e a violência praticada contra a mulher.

Para Coragem o feminismo na atualidade está mais em evidência se compararmos a 2012, ano da primeira Marcha das Vadias em Campina Grande. Porém, não está acabando a violência diária contra a mulher. Observemos sua análise:

De 2012 pra cá pouca coisa se mudou. Tem se falado muito mais sobre feminismo, sobre a marcha. O capitalismo cooptou os movimentos sociais. Então se fala nisso em tudo. O movimento social vende agora, gera lucro, gera audiência. Então tem se falado muito sobre disso, mas a violência continua aí. As mulheres continuam sendo espancadas, sendo mortas pelos companheiros, sendo estupradas por pessoas conhecidas e na rua, sabe? (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Essa é uma constatação muito preocupante, pois o capitalismo não cria uma cultura de enfrentamento a misoginia.

Se uma das ideias é combater a violência contra a mulher, o que fazer diante do ato simbólico de queimar o corpo de uma mulher?

Na II Marcha das Vadias em Campina Grande, 2013, houve um ato de protesto que não foi liderada pelas organizadoras do evento: ao final da marcha, Sheherazade⁶⁶ foi queimada na Praça da Bandeira por participantes que

⁶⁶ Rachel Sheherazade (1973) é jornalista paraibana e apresentadora do telejornal SBT Brasil. Sheherazade é conhecida pelas opiniões polêmicas relacionadas a aborto, política, esquerda brasileira, criminalidade, religião, etc.

contestavam as ideias da jornalista. Essa queima foi simbólica, uma boneca com o rosto de Rachel Sheherazade. Vejamos a narrativa de Justiça:

(...) Tinha um pessoal que era mais radical que se aproximou, participou do Fórum e aí no dia da marcha eles levaram uma boneca de Sheherazade, acho que de papel. (...). E aí, botaram fogo na boneca no meio da praça. Sinceramente, se tivessem perguntado pra gente, a gente não ia dizer “NÃO FAAAÇA”, mas a gente ia dizer “Rapaz, é meio incoerente” por que de qualquer forma tava ali a representação de uma agressão a mulher. (Entrevista Justiça, em 28/22/2018).

Ação e Justiça afirmam que esse protesto não foi programado pelas organizadoras da Marcha das Vadias em Campina Grande, mas que ocorreu devido o movimento ser aberto e aglutinador de pensamentos e ações divergentes.

Ação aponta o protesto como o ato na marcha que mais repercutiu:

A gente, pelo menos eu não concordo, por que você tá reforçando. É uma mulher que a gente não concorda com o discurso dela, mas ela não deixa de ser uma mulher. E o feminismo está para todas as mulheres, independente se ela concorda ou não com o feminismo, se ela gosta ou não. Então essa foi uma das performances que a gente teve, que teve mais repercussão, mas que não foi organizada por a gente, por reforçar mais violência contra o corpo da mulher. (Entrevista com Ação, em 03/08/2017).

Justiça afirma que essa repercussão foi de forma negativa, pois foi algo que serviu de ponto para críticas, inclusive pessoas afirmando que isso era contraditório “um ato que se diz a favor das mulheres ter ali uma situação em que simbolicamente uma mulher estava sendo queimada”. Ambas as informantes, afirmam de forma veemente que não concordam com o discurso “totalmente equivocados em quase tudo que ela diz” (JUSTIÇA, entrevista em 28/02/2018), mas também não apoiaram o ato de violência.

Figura 43: Boneca de Rachel Sheherazade, postada no dia 13 de agosto de 2013.



Fonte: <https://noticias.gospelprime.com.br/boneca-rachel-sheherazade-queimada-marcha-vadias/>

Como resposta a repercussão negativa, publicaram uma Carta Manifesto, “Feminismo para feministas: o resto que se dane” – reflexões sobre a Marcha das Vadias – CG⁶⁷, escrita por Carla Amaral e aprovada pelas demais integrantes do grupo de organização do Fórum e da Marcha das Vadias em Campina Grande.

Segundo a Carta Manifesto, Sheherazade foi chamada de vadia e condenada a morte, além da plaquinha com “Raquel cale-se”. Vadia? Como assim? Estamos na Marcha das Vadias!!

Amaral (2013) analisa a perspectiva das dicotomias ou binarismos construídos para os grupos femininos, mulheres/periguetes, mulheres de verdade/mulheres para diversão, mulheres inteligentes/mulheres burras. Essas dicotomias são incorporadas no feminismo. Assim, mais um binarismo foi construído, feministas/não feministas. Como consequência, há a ideia errônea de que o feminismo, suas lutas e vitórias são para as feministas. Amaral (2013)⁶⁸ se opõe a essa perspectiva. Vejamos:

⁶⁷ <https://forumfeminismocg.blogspot.com/2013/08/feminismo-para-feministas-o-resto-que.html>

⁶⁸ Na Carta Manifesto não há numeração de páginas.

Nesse sentido, o feminismo pelo qual eu milito luta em defesa das mulheres. Todas elas: brancas, negras, universitárias, prostitutas, trans, cis, lésbicas, héteros, donas de casa, religiosas ou não e seja lá em quais rótulos ela se encaixa. Além disso, luta por aquelas “mulheres machistas”, as quais gostamos tanto de apontar o dedo e culpá-las por todos os problemas que são resultado de uma cultura machista e patriarcal. Luta pelas mulheres que concordam comigo, mas também por aquelas que me chamam de “assassina de bebês”, de “vagabunda”, “puta”, “mulher que não se dá o valor”, “desocupada”, e por aí vai. Minha militância leva em conta também aquelas mulheres que dizem odiar feministas e cujas opiniões eu considero completamente equivocadas.

Apesar de não fechar os olhos para os discursos de mulheres que não defendem o feminismo, afirma defender essas mulheres que também são oprimidas pelo patriarcado e machismo. Desta forma, o feminismo é para todas as mulheres. Continuemos acompanhando as ideias de Amaral (2013):

A partir disso, é importante repensar pra quem é nosso feminismo e que tipo de mensagem estamos passando. Considero paradoxal que, numa marcha contra a violência contra a mulher e a favor da liberdade de expressão das mesmas, haja performances como essa. Eu entendo que a intenção era atacar o discurso Sheherazade (que com toda certeza merece ser atacado), mas em uma rápida olhada na descrição do que aconteceu e no próprio vídeo é possível perceber que não foi exatamente assim que as coisas foram colocadas. É preciso repensar e rever os modos como escolhemos protestar e contra quem direcionamos nossa agressividade.

Torno a dizer: é um equívoco acreditar que o feminismo é uma luta contra quem não é feminista. A Marcha das Vadias é contra a violência e o silenciamento das mulheres. De todas elas. Inclusive aquelas com as quais não concordamos.

Diante dessas questões é quase impossível não questionar as entrevistadas sobre preconceito em relação ao feminismo, as feministas e a Marcha das vadias. Vejamos essas questões.

4.4 CORPOS ABJETOS: “UM BANDO DE MULHERES LOUCAS”

Ao questionar as entrevistadas sobre preconceito aparecem relatos de preconceito contra o feminismo, as feministas e a Marcha das Vadias. Nessa

perspectiva, é recorrente aparecer os estereótipos construídos para as feministas, que são vistas como seres abjetos, ou seja, corpos construídos para a exclusão.

Nessa perspectiva, os corpos abjetos existem como materialidade excluída. É interessante perceber que na atualidade há novas formas de regulação e normatização e outros modos de exclusão que se somam as formas anteriores.

Questionamento explica que sempre foi apontada como feminista e isso traz uma carga grande de preconceito:

(...) eu acho que as pessoas já questionaram muito, algumas pessoas do ciclo, principalmente, homens, colegas e amigos. Questionam “Ah, por que você é feminista?”, desde o Ensino Médio. Eu tinha uma colega, no Ensino Médio, que ela já olhava pra mim e dizia “Ah, tu é feminista é?”, (...) com um tom bem pejorativo e eu nem sabia direito o que era ser feminista lá no Ensino Médio (risos). E a questão de ser feminista, desde aquela época, era uma coisa negativa. Uma vez um colega de classe ouviu ela comentando algo do tipo e olhou assim pra mim e fez “Tu é feminista? Sério?”. Aí vem todo aquele estereótipo: não vai se depilar, vai deixar de ser feminina (...). (Entrevista com Questionamento, em 08/02/2018).

Indignação relata que há espaços de silêncio, ou seja, não pode se identificar como feminista, apontando que há ambientes mais conservadores. Vejamos:

Em alguns espaços eu não posso me identificar como feminista, né? Logo quando eu comecei a ensinar e aí foi logo em escola privada, logo quando eu tava muito saindo. 2015 eu tava feminista demais⁶⁹. Então, ao me posicionar nas redes eu sentia uma, um certo tipo de embate, mas isso nunca me parou. É tanto que eu lembro claramente em sala de aula aluno assoviar porque a aluna levantou, aí eu paro a aula, a aula é sobre isso. Minhas provas sempre têm alguma coisa que toca nessas questões feministas, preconceito racial, LGBTfobia. Essas questões eu sempre, no espaço em que eu tô atuando, eu sempre coloco. É uma constante. (Entrevista com Indignação, em 05/04/2018).

O espaço conservador apontado pela informante é a escola, ambiente que deveria ser de diálogo e pluralidade.

⁶⁹ Acredito que o sentido aqui utilizado é que em 2015 a entrevistada estava mais atuante nos movimentos sociais.

Por que ser feminista causa tanto horror? O ser abjeto é aquele excluído, o “outro” de uma identidade “normal”. As diferenças causam-nos mal-estar e nos subjetivam uma identidade “normal”, pois os apontados como diferentes são caracterizados pelo espelhismo da normalidade, ou seja, se caracterizam como o oposto da identidade “normal. O “outro” seria o perigo e o mal a serem domados e enquadrados aos lugares construídos para si, sendo nomeados e classificados como diferentes.

Através dos binarismos, o “outro” tem a função de mostrar quem somos, apresentando o nosso lado negativo, ou seja, o pobre confirma nossa riqueza; o louco, nossa razão; o velho, nossa juventude; etc. Duschatzky e Skliar (2001, p. 124, grifos do autor) apontam:

O outro diferente funciona como depósito de todos os males, como o portador das *falhas* sociais. Este tipo de pensamento supõe que a pobreza é do pobre; a violência, do violento; o problema de aprendizagem, do aluno; a deficiência, do deficiente; e a exclusão, do *excluído*.

Nesse sentido, a feminista é o oposto da mulher “bela, recatada e do lar”⁷⁰, ou seja, modelo de mulher adequado.

Apesar dessa cobrança social por uma identidade feminina fixa há um paradoxo muito grande: as identidades vivem em fluxo.

Alguns teóricos, como Kathryn Woodward (2000), falam de uma crise de identidade e outros, como Stuart Hall (2001), falam de um sujeito pós-moderno, ambos movimentos característicos das sociedades contemporâneas ou da modernidade tardia⁷¹.

Woodward (2000) trabalha com a noção de crise de identidade, na qual tem como pressuposto que essa crise é ocasionada pelas mudanças constantes no cenário da globalização, que ora produz novas identidades, baseadas nos deslocamentos; ora reforça identidades locais e nacionais, sendo abaladas quando é constatado que as identidades vivem em fluxo.

⁷⁰ Alusão a matéria da Revista Veja, do dia 18 de Abril de 2018, que se refere a Marcela Temer como modelo de mulher perfeita.

⁷¹ Nesta concepção, a modernidade tardia exprime um novo período histórico característico da sociedade globalizada.

Essa autora aponta, ainda, três pontos para se pensar sobre as crises de identidade: a história, as mudanças sociais e os novos movimentos sociais.

A busca por uma verdade histórica ou um passado autêntico está na base da legitimação das identidades nacionais e étnicas. Essa concepção nos remete a uma história estática e com uma verdade cristalizada. Nesse sentido, a crise se localiza na perda de uma identidade legítima, pois, a partir da interação entre o passado, geralmente glorioso, com o presente modificado, vão se formando novas e fragmentadas identidades.

No cenário global e local têm-se mudanças em todos os âmbitos sociais, que vão de mudanças econômicas e de mercado de trabalho a mudanças familiares e sexuais; o que corresponde a novos posicionamentos das pessoas na sociedade e a uma nova relação com as várias situações cambiantes. Para Woodward (2000, p. 29), a crise surge de um mundo difuso, ou seja:

As crises globais de identidade têm a ver com aquilo que Ernest Laclau chamou de deslocamentos. As sociedades modernas, ele argumenta, não têm qualquer núcleo ou centro determinado que produza identidades, em vez disso, uma pluralidade de centros.

Nos novos movimentos sociais, o que se tem é uma política de identidade, ou seja, são transpostas as barreiras entre o pessoal e o político. Os movimentos como o feminista, o racial, o sexual, etc., a partir da década de 60, passaram a reivindicar mudanças sociais que implicam mudanças culturais, a partir do âmbito local.

Os movimentos sociais se dividem em duas categorias: o primeiro grupo são movimentos que se valem de certezas essenciais, como a biologia, afirmando que há um apanhado de características que os definem enquanto tal. O segundo grupo são movimentos que vão de encontro às concepções essencialistas, ou seja, não compreendem as identidades como fixas e imutáveis.

Nesse caso, a crise se localiza no questionamento do sentimento e estrutura de pertencimento a um grupo ou a uma única identidade. Se um sujeito possui várias identidades, como ele pode pertencer a um único grupo? Um exemplo são as mulheres negras que transitam, entre várias outras, entre a identidade racial e a identidade de gênero.

Focaliza Hall (2001) três tipos de sujeitos pertencentes à modernidade tardia: o Sujeito Iluminista, o Sujeito Sociológico e o Sujeito Pós-moderno.

A partir do período nomeado como moderno, a noção de sujeito passa a ser constituída através do discurso moderno, que coloca o homem no centro do universo, deslocando o poder que antes era divino para o humano. Este seria o sujeito construído pelo discurso Iluminista, ou seja, o sujeito moderno.

A noção de sujeito iluminista, segundo Hall (2001, p. 10) diz que: “O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior [...]”.

O Sujeito Sociológico⁷² se constitui como sujeito a partir da relação entre o seu interior e seu exterior, ou seja, a partir da sua interação com a sociedade. Nessa concepção, o sujeito não é mais autônomo e auto-suficiente, pois sua identidade só existe a partir do diálogo com os mundos culturais, seguindo modelos de conduta que condizem com os seus ideais e os ideais de conduta e de moral da sociedade.

Mas, essa noção de sujeito ainda possui um cunho essencialista, pois, apesar deste estar em transitoriedade a partir das experiências, das vivências e de outros modos de ser, ele não perde a sua essência originária. Essas experiências, vivências e modos de ser se incorporam a uma forma progressiva de identidade, ou seja, o diálogo com o exterior constitui um eu “real”.

O Sujeito Pós-moderno se constitui como um corpo fragmentado, no qual este não é mais único e centrado, pois a sua identidade vive em fluxo, sendo atravessada por várias outras identidades. Desta forma, passa a possuir várias identidades, às vezes contraditórias, pois os deslocamentos identitários são constantes.

Argumenta Hall (2001, p. 87) que essa mudança na concepção de sujeito e, conseqüentemente, de identidade, foi ocasionada pelas rupturas, na modernidade tardia, dos discursos do pensamento moderno.

Ela (a globalização) tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais

⁷² Nesta visão, o sujeito não é visto como uma construção discursiva, mas como uma construção social.

políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas.

Para o referido autor, os postulados do pensamento moderno passam por um movimento de deslocamento, no qual o homem deixa de ser um sujeito centrado, universal e essencial; sua identidade não é mais concebida como algo fixo e inato desde o nascimento, quando as redes de significações, simbólicas e de identificação, passam a ter um papel importante; a linguagem passa a ser entendida como um sistema que cria significados mutáveis nos nossos sistemas culturais, não mais um sistema individual.

As identidades posicionais⁷³ se inscrevem no momento em que o sujeito assume diferentes posições de identidade de acordo com a necessidade do momento. A identidade feminina carrega em si uma série de significações e papéis culturais e sociais a desempenhar. Porém, essa mesma mulher no seu dia-a-dia apresenta uma identidade posicional no sentido que pode ser mãe, profissional, amante, gostar de mulheres, filha, etc. Essas múltiplas identidades serão vivenciadas de formas diferentes para cada momento.

O conceito de deslocamento é muito interessante para se pensar sobre as identidades em fluxo ou fragmentadas, em parte proporcionadas pela abertura e inovações das tecnologias da informação e comunicação, como a mídia televisiva e a Internet, ou as chamadas ciberidentidades⁷⁴.

Nesse cenário de mudanças, quem é a feminista? A feminista é a que questiona a sociedade e seus valores morais e culturais, apresentando-se como um perigo do ponto de vista social, como já apontado anteriormente.

Coragem nos alerta o quanto há uma cobrança social em ser feminista, além dos estereótipos.

⁷³ Eve Sedgwick (1993, p. 253, *apud* Louro, 2004, p.54, grifos de Louro) exemplifica muito bem as contradições das identidades e dos seus marcadores simbólicos: “O uso do nome de casada por uma mulher torna evidente, *ao mesmo tempo*, tanto sua *subordinação* como mulher quanto seu *privilegio* como uma presumida heterossexual”. Nesse sentido, o marcador simbólico – nome de casada – assume significados diferentes em dados momentos. Esses deslocamentos se inscrevem cotidianamente na vida das pessoas.

⁷⁴ Saliento que a ciberidentidade não é a identidade do mundo tecnológico, mas apenas mais uma possibilidade entre os vários fragmentos e deslocamentos.

(...) Quando as pessoas sabem que sou feminista e alguém fala alguma coisa besteira machista, o povo olha logo pra mim, sabe? “Eita Coragem, tu vai deixar, tu vai deixar?”. E antes eu batia de frente. Hoje em dia apenas ignoro. Agora, lógico, depende, né? Quando é uma coisa muito absurda, eu brigo mesmo, tipo: reunião de família? Pego cacete! Grupo de *Whatsapp* da família? Já peguei cacete! Já briguei com muita gente, sabe? Que tem coisas que você apenas pelo bem da sua saúde mental, você ignora, tem outras que é impossível, sabe? E o povo ridiculariza muito, porque feminista “Ah, mal comida, mal amada, feia e num sei que”. (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Historicamente a feminista foi vista como uma figura que promove a desordem social. Rachel Soihet (2005), em “Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários”, analisa como o *Pasquim*, jornal que promovia a oposição ao Regime Militar no Brasil, ridicularizava as feministas desde a sua fundação, 1969. O curioso é que os mesmos articulistas que se opunham ao regime vigente, também se opunham as mulheres que lutavam por direitos, apresentando a perspectiva de conservadorismo.

Soihet (2005) defende que a zombaria desferida contra as feministas é reflexo do medo da perda do predomínio masculino sob as relações de poder entre os gêneros. Assim, usavam da ridicularização não só com as feministas, mas também as que eram consideradas inadequadas ao modelo vigente de feminilidade.

Para as feministas temos uma série de estereótipos elencados por articulistas de *O Pasquim*, como Soihet (2005, p. 595) aponta:

Contra essas mulheres, as temidas “feministas”, lançavam seus dardos inúmeros articulistas de *O pasquim*. Antigos estereótipos são restaurados, entre outros, a feiura, a menor inteligência ou, inversamente, o perigo da presença desse atributo, a inconsequência, a tendência à transgressão, a masculinidade com vista a identificar negativamente aquelas que postulam papéis considerados privativos dos homens. Não poucas matérias registram tais ‘qualidades’ das feministas, o que aproxima os libertários desse jornal do momento da contracultura dos misóginos de outras épocas. Na verdade, lançar o descrédito sobre aquelas que ousavam ameaçar a ordem tradicional dos gêneros era o objetivo de sempre.

Nas páginas de *O Pasquim* temos a ridicularização contra as feministas e nas capas eram muito comuns figuras femininas expondo seus corpos, como na capa a seguir.

Figura 44: Capa do Jornal O Pasquim, nº. 138, Rio de Janeiro, de 22 a 28/02/1972.



Fonte: <http://www.sebonascanelasleiloes.com.br/peca.asp?ID=2656641>

Se compararmos aos estereótipos ressaltados pelo O Pasquim com os já elencados por Coragem chegaremos a ingrata conclusão: esses estereótipos permanecem muito vivos na atualidade.

Não é à toa que ainda na atualidade nos deparamos com opiniões veiculadas pela imprensa brasileira sobre a feminista. Infelizmente, é muito recorrente a reprodução de estereótipos negativos. O colunista Leandro Narloch é um desses exemplos com o seu artigo “Por que tantas feministas são doidas?”

Ironicamente, Narloch (2017)⁷⁵ admite que “a vida das mulheres tem dificuldades – e seria legal se os homens mudassem alguns costumes”. Nesse

⁷⁵ No artigo não há numeração de páginas. Ver: NARLOCH, Leandro. Por que tantas feministas são doidas? **Veja**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/por-que-tantas-feministas-sao/doidas/>>. Acesso em: 10 Maio 2018.

pequeno trecho, o autor despreza as desigualdades sociais de gênero e coloca a mudança masculina como uma concessão ao mundo feminino.

A surpresa maior é quando traz a seguinte indagação: “por que, fora uma ou outra exceção, as militantes que defendem essas causas legítimas são tão histéricas, voláteis, estridentes, paranoicas, desatualizadas, chatas, intolerantes, enfim, totalmente doidas?”

Nas linhas seguintes presenciamos desconsiderações em relação ao movimento feminista e suas conquistas e uma visão preconceituosa sobre as feministas, tachadas de paranoicas e fechadas para o diálogo. Ao se desqualificar as feministas o movimento feminista também é desqualificado.

Nos comentários que seguem o artigo encontramos uma maioria concordando com Narloch e acrescentando tantos outros estereótipos sobre a feminista: peludas, mal amadas, homossexuais, burras, desinformadas, portadoras de problemas psiquiátricos, etc.

Nossa informante, Coragem, continua com sua exposição sobre a produção e reprodução de estereótipos para a feminista, apresentando que ainda há a errônea ideia de que toda feminista é sapatão⁷⁶, ou seja, lésbica. E é assim que esta muitas vezes foi rotulada.

Sapatão! Tu acredita que todo mundo, eu sou hetero, mas todo mundo no trabalho achava que eu era sapatão porque eu sou feminista? Eu digo “Jesus!”. É um estereótipo. Não que isso me ofenda com isso. Mas eu me ofendo com a cabeça pequena das pessoas que se você não segue o padrão X de feminilidade, de maquiagem, de roupa, de tal jeito, de cabelo de tal jeito “nossa, com certeza é lésbica”. É isso? (Entrevista com Coragem, em 07/02/2018).

Essa perspectiva de atrelar a homossexualidade como uma característica da feminista é recorrente e advém da visão errônea de que as mulheres que lutam por direitos querem roubar o s papéis sociais e culturais dos homens.

⁷⁶ No diálogo travado com Coragem utilizamos, o termo sapatão, apesar de estereotipado e politicamente incorreto, como referência ao olhar social e cultural empregado para mulheres que amam mulheres.

Vejam os como essa ideia da feminista ser envolta com preconceitos e estereótipos se somam ao desconhecimento sobre o movimento. Garra traz o seguinte relato:

(...) Eu faço boxe e o pessoal tava discutindo no *whatsapp* (...) sobre o movimento feminista, falando sobre essas coisas. Aí disse “Não, porque o pessoal da Marcha das Vadias parecem que proíbem os meninos de mamar no peito da mãe porque disse que é erotizar, sexualizar o corpo da mulher”. Aí, eu, tipo, nunca me posicionei nesse grupo e ninguém sabia que eu sou de um movimento feminista, muito menos da Marcha das Vadias. Aí, eu fui e me posicionei dizendo que eu era da Marcha das Vadias de Campina Grande, que eu fazia parte de um movimento feminista e nunca tinha ouvido falar disso na minha vida inteira, nem em movimento feminista nenhum que proibisse o aleitamento materno. Aí foi quando eu disse “Pelo contrário, o movimento feminista defende o aleitamento materno”. (Entrevista com Garra, em 11/12/2015).

Esse relato apresenta o quanto as pessoas propagam boatos e inverdades sobre o feminismo e as feministas. Assim, como as pessoas repudiavam o fato de Questionamento ser feminista, ainda temos uma versão bastante complicada do desconhecimento sobre o movimento: reforçam o movimento e suas integrantes como algo prejudicial a sociedade.

Quando Questionamento é interpelada se sofreu algum preconceito, esta afirma que nunca foi agredida verbalmente ou fisicamente. Observaremos sua explicação:

(...) Enfim, eu sempre vejo questionamentos. Mas assim, eu nunca fui verbalmente agredida, nem fisicamente. Eu acho que eu vou até aí nessa questão. Talvez porque se a gente for comparar com outras mulheres que são feministas, que se expõem mais, se expor no sentido positivo, não no sentido negativo, mulheres que tem *blogs*, que escrevem diariamente, que são mais na ativa. Eu não sei se isso faz com que elas tenham, eu acredito que sim, que elas estejam mais propensas a serem atingidas verbalmente e, até mesmo, fisicamente. Eu não tenho tanta exposição assim. Eu vim ter mais um pouco de exposição em relação ao meu posicionamento feminista, principalmente, depois que eu entrei pro coletivo feminista. (...) Então, eu acho que isso pode contribuir. (Entrevista com Questionamento, em 08/02/2018).

Na sua análise, quanto mais engajada politicamente ao movimento feminista mais exposta está, abrindo um leque de possibilidades de agressão, verbal e física. Seriam, na percepção de quem agride, as feministas um perigo a sociedade?

Já Reivindicação aponta que as pessoas gostam de confrontar a feminista, com finalidade de constrange-la. Denuncia que isso ocorre até mesmo no seu ambiente de trabalho. Vamos dá uma olhadinha:

É muito difícil você se colocar enquanto feminista. Aqui no meu trabalho, por exemplo, eu escuto várias piadinhas, constantemente, por conta dos meus posicionamentos, até mesmo aquela coisa assim “Ah, cuidado. Não fala isso na frente dela”, “Eita, falou isso, a Reivindicação vai já fazer confusão”. Então, isso é sim um preconceito, por que além de você ter que ouvir milhares de absurdos, mas parece que quando você é feminista uma coisa que a pessoa não diria se não soubesse que você é, ela vai lá e diz pra lhe confrontar, pra lhe perturbar. Enfim, pra lhe interpelar, pra ver se de alguma forma ela lhe constrange. Isso acontece sempre assim. (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Quando especificamente falamos da Marcha das Vadias e a prática do preconceito é fortemente apontado o olhar de preconceito. Esse movimento subverte a ordem das regras de normalidade. Assim, Questionamento aponta que o olhar dos passantes na marcha é denunciador.

Nessa Marcha de 2014 (...) quando a gente passava pelos locais, principalmente ali no Centro, na praça, no Calçadão, a gente via o olhar das pessoas, meio que assustado e ao mesmo tempo (...) de estranhamento. (...) Na de 2016, eu lembro que também não foi um fluxo tão grande, mas eu consigo pelo menos perceber que foi maior que de 2014. Eu lembro que as pessoas foram um pouco mais agressivas no olhar, principalmente ali no Calçadão (...). Meio que zombavam quando viam uma frase num cartaz ou numa bandeira, tiravam onda. E o mesmo olhar de estranhamento, mesma questão de se sentir até um pouco acuada, as vezes, por algo que para essas pessoas, e aí vai da vivência de cada um achar estranho ou não uma Marcha das Vadias, um movimento de mulheres e ainda mais carregando esse nome, que na nossa sociedade pode carregar um ... pode ser pejorativo, né? (...). (Entrevista com Questionamento, em 08/02/2018).

Questionamento denuncia com veemência esse olhar de estranhamento e a ideia de zombaria com o movimento, mas que esse estranhamento vem do fato da

marcha ter como protagonista as mulheres, ocupando ostensivamente o espaço público, e pelo impacto que o nome Marcha das Vadias causa.

Reivindicação, por sua vez, afirma que a Marcha das Vadias em Campina Grande é recebida pela maioria das pessoas com hostilidade e com o olhar de estranhamento levantado por Questionamento. Vejamos:

(...) e a Marcha é vista dessa forma, é como se nós fossemos um **bando de mulheres loucas**, fazendo baderna. Eu senti isso por parte da sociedade. Você percebe que têm pessoas que chegam, que olham, que acham interessante, que vêm, que se somam, né? Mas eu acho que os olhares que ficaram mais fortemente registrado para mim foram olhares ainda de estranhamento. (Grifos meus). (Entrevista com Reivindicação, em 15/02/2018).

Mas que esse preconceito não está restrito a Marcha das Vadias, esse preconceito é, sobretudo, contra as feministas, seres abjetos, como bem Questionamento já levantou.

Indignação apresenta a visão das pessoas em relação as integrantes da Marcha das Vadias, são vistas como “gente que não tem o que fazer, um monte de mulher que não tem o que fazer”. Mas enfatiza que durante o ato político há dois grupos de espectadores. Quais são esses?

As que se identificam, mas que não vão entrar na marcha, por mais que concordem e que estejam balançando a cabeça positivamente, mas não vão deixar de trabalhar pra isso. E isso eu já escutei em marchas outras, né? Então, “é importante, mas eu não vou parar o meu trabalho, **porque eu tenho o que fazer**”. E os que vão criticar, dizer que é um monte de mulher que não tem o que fazer. (Grifos meus). (Entrevista com Indignação, em 05/04/2018).

As pessoas escutadas pela nossa informante que concordam com as pautas da luta do movimento possuem a visão de que a marcha é composta por desocupadas. Se pensarmos o significado de vadia entenderemos o seu outro sentido, além da ideia de prostitutas. Vadia é a mulher desocupada, que vive de vadiagem.

Questionamento continua sua narrativa a partir do olhar dos espectadores da marcha, apresentando a visão desses sobre as mulheres que ali marcham, “Ah, são

pessoas, mulheres, que não têm o que fazer”, “não acreditam em Deus”, “aquilo é uma bagunça, uma algazarra”, “coisa de vagabunda mesmo”.

Aqui foi acrescentado um elemento: o religioso. Agora me pergunto: por que não acreditam em Deus? Mulheres que questionam esse modelo de sociedade centrada na figura masculina não acreditam em Deus? Fica aqui a interrogação sobre esse aspecto.

Desconstrução vai além do relato dos olhares dos passantes e nos apresentam xingamentos no momento das marchas. “Ah, putas, raparigas, num sei o que’, ‘Olha essas vagabundas’, ‘Olha o povo da universidade, as maconheiras’. É desse jeito!” (DESCONSTRUÇÃO, entrevista realizada em 09/02/2018).

Os xingamentos levantam outros preconceitos e estereótipos: universitárias e maconheiras. Nesse sentido, universitários em movimento social é visto como desocupado, baderneiro e maconheiro.

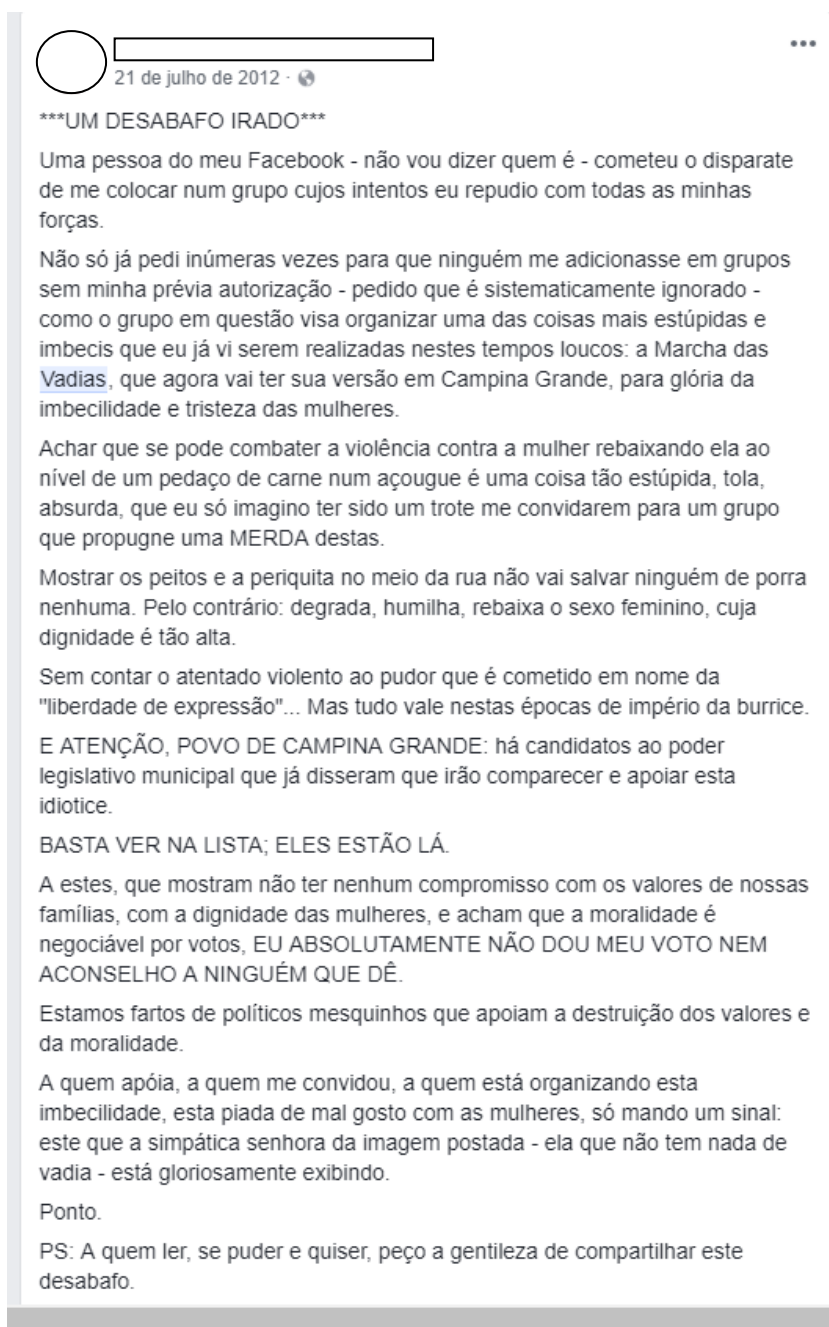
Enveredando pelas páginas do *Facebook*, encontrei os ataques diretos de um monarquista de Campina Grande dias antes da I Marcha das Vadias da cidade, 2012.

Figura 45: Imagem postada no dia 21 de julho de 2012.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=453984441289914&set=a.186351891386505.38800.10000350874089&type=3&theater>

Figura 46: Imagem anterior com texto ampliado.



Na postagem anterior, vemos que o autor desconsidera a Marcha das Vadias, acreditando e propagando que o movimento se resume a corpo, “um pedaço de carne no açougue, e, conseqüentemente, acaba com a dignidade da mulher. Faz referência a senhora da foto que dá o dedo como o modelo de mulher longe da vadia, resgatando o ideal de moralidade e honestidade femininas. O interessante é que ele não nota que esse modelo de vovózinha está em desuso, tende a se

extinguir, dado que as mulheres passaram por transformações, inclusive estéticas, nas últimas décadas.

Na sua perspectiva, políticos envolvidos com a Marcha das Vadias apoiam a destruição da família e dos seus valores moralizantes, manchando a dignidade da mulher. Assim, declara claramente não votar nesses candidatos e aconselha seus leitores a fazer o mesmo.

Figura 47: Vejamos os comentários da publicação:



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=453984441289914&set=a.186351891386505.38800.10000350874089&type=3&theater>

Nos comentários o que encontramos é o discurso de ódio, em que feministas são atacadas e descritas como desocupadas, bobas que servem como “bucha de canhão de multinacionais” e levianas por manchar a reputação das mulheres.

Também encontramos valores como dignidade e reputação como elementos positivos para o feminino.

Nas postagens a seguir vemos “um pedaço de carne no açougue”. O autor de tais postagens coloca, na primeira imagem, que está exclusiva da reunião da Marcha das Vadias de Campina Grande. A segunda imagem, ironicamente, é apresentada como uma proposta de *Marketing* para o movimento.

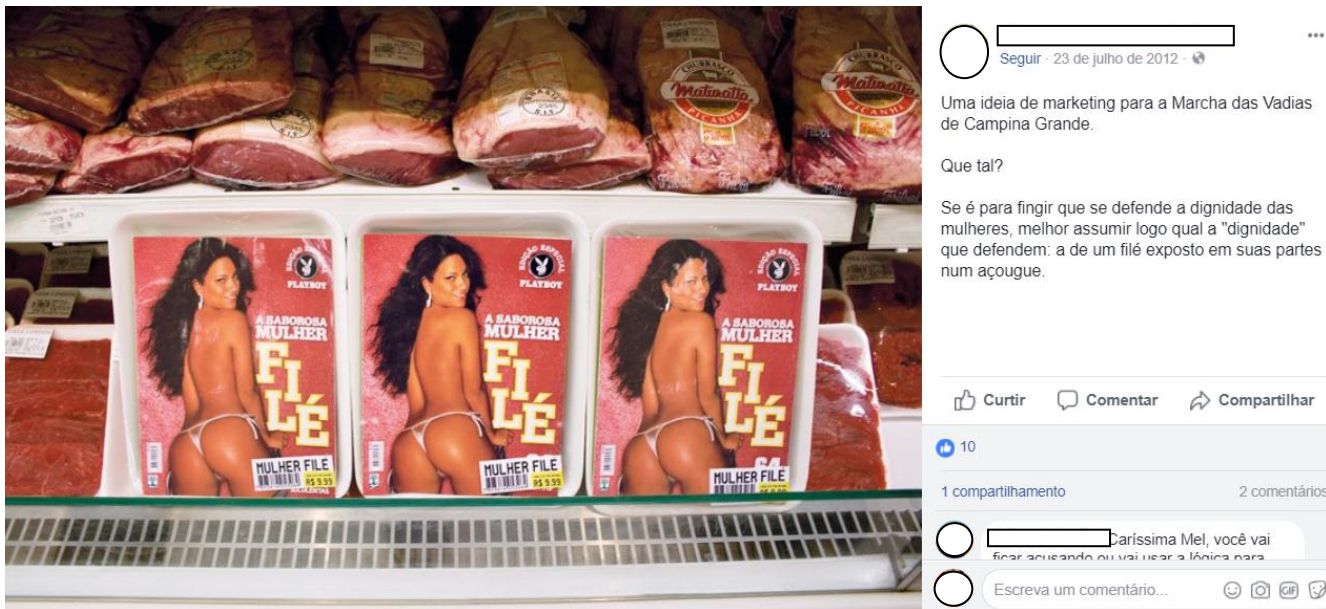
Tais postagens, demonstram o preconceito do autor em relação a Marcha das Vadias e o seu desconhecimento ou a concepção de ilegitimidade do corpo como arma política.

Figura 48: Imagem postada no dia 23 de julho de 2012.



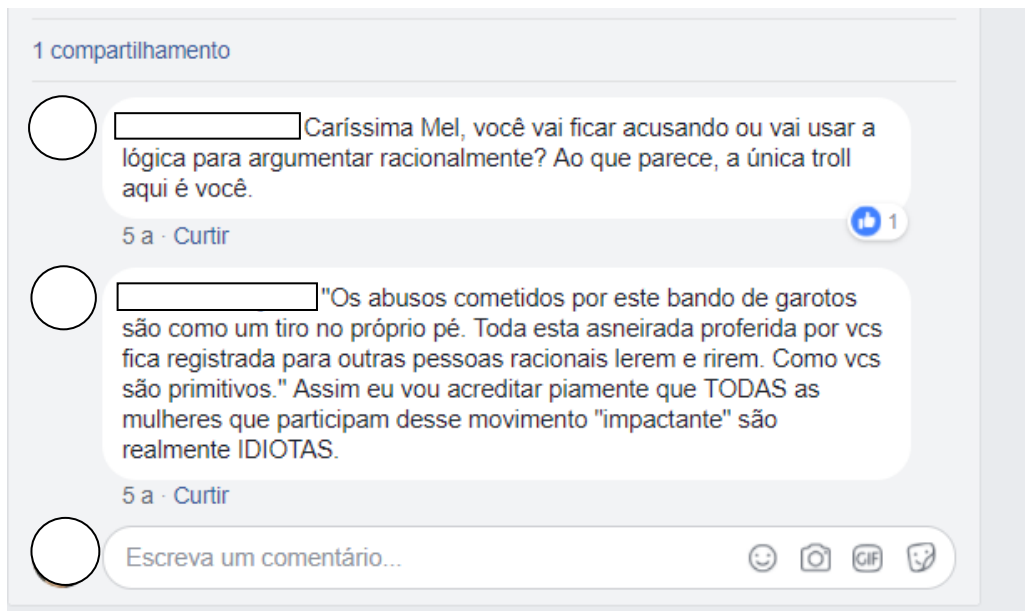
Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=454543321234026&set=a.186351891386505.38800.100000350874089&type=3&theater>

Figura 49: Imagem postada no dia 23 de julho de 2012.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=454537151234643&set=a.186351891386505.38800.10000350874089&type=3&theater>

Figura 50: Vejamos os comentários da publicação:



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=454537151234643&set=a.186351891386505.38800.10000350874089&type=3&theater>

Infelizmente o preconceito que vemos estampado nas postagens anteriores não está restrita a esse momento. Seu discurso de ódio contra a Marcha das Vadias foi aberto publicamente. Porém, vimos que esse movimento feminista passa por

essa incompreensão vindo de vários setores, inclusive por alas do feminismo, como vimos anteriormente.

As redes sociais têm um papel fundamental na propagação dos discursos de ódio. Léon (2017, p. 169) revela que “as novas inquisições, as novas guilhotinas se encontram por entre as postagens das redes sociais, nos bastidores dos parlamentos (...)” e que saem de um espaço de invisibilidade para o da visibilidade do mundo virtual e real.

Essa abertura nas redes sociais faz com que as pessoas se sintam no direito de postar o que quiserem, destilando ódio, não aceitando o diálogo, apontando culpados para os desarranjos sociais, que são sempre os “outros”, e se valendo da espetacularização dos fatos que a mídia muito bem sabe promover. Léon (2017, p. 190) nos explica como é a fala do fascista:

É uma fala esquizofrênica, sem quaisquer arrazoados inteligíveis, a não ser frases prontas, bordões, clichês reformados, replicação de capas de revistas, de notícias de telejornais, enfim, da fofoca midiática. A forma-discurso fascista odeia as intelectualidades. Detesta as elaborações mais teóricas, se atendo ao fato pelo fato, ao fato como um infográfico, ao fato noticiado com facilidade, ao fato encaixotado em si mesmo. Para o fascista, pensar é um ato inútil, dado à professores de humanas, conhecimentos estes que nada constroem. O fato para o fascista é o concreto. (...) Mas para a forma-discurso fascista não se necessita de provas, uma vez que o pensamento já vem moldado (...).

Assim, as postagens anteriores se encaixam perfeitamente nessa ideia de uma fala única, sem direito a diálogo e cheio de ódio.

Mesmo com a propagação dos discursos de ódio, o movimento feminista não se cala e continua se reelaborando. A Marcha das Vadias é um exemplo disso. Entre os anos de 2012 e 2016, os corpos políticos das integrantes do movimento não se deixavam abater, resistiam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se buscar analisar como a Marcha das Vadias de Campina Grande problematiza o corpo feminino e quais as suas intenções políticas enveredei por uma longa história que começa com a construção do corpo feminino, tendo como base a ideia de há discursos que legitimam as diferenças de gênero e, conseqüentemente, a relação de poder entre o masculino e o feminino.

O nosso corpo não é apenas a casa que habitamos, mas este carrega marcas da nossa identidade, de gênero, de raça, de classe, etc. As práticas de domaçoão reconhece o corpo como o lugar do perigo, já que é neste ou por este que praticamos transgressões.

O fato de nascer do sexo feminino ou masculino já diz o que e quem somos, por isso Butler (2001, 2003) afirmar que o sexo também é uma construção. Ao se constatar o sexo de uma criança é traçado um caminho genereficado, “meninas são assim e assado”. Corpos que fogem dessa lógica são marcados como seres abjetos ou anormais.

Na relação binária, a mulher é o outro dessa relação. Os discursos, que nunca são nada desinteressados, segundo Foucault (2004), criam mecanismos de exclusão dos outros. Nós mulheres não somos apenas biologicamente diferentes dos homens, somos desiguais. O problema está nas desigualdades e exclusões criadas para o feminino.

O interessante é constatar que o ideal de identidade feminina vem fracassando, pois esta não é fixa, imutável e homogênea como o discurso normativo pretende. Além disso, a identidade feminina compartimenta várias outras identidades, como a identidade de ser negra, de ser prostituta, de ser empresária, de ser desocupada, de ser desempregada, de ser amante, de ser adúltera, de ser analfabeta, etc. Essas outras identidades quebram com a imagem fixa da identidade feminina.

Porém, os discursos atuais se revestem de outros mecanismos para apreender o corpo feminino a lugares fixos: maternidade, sucesso, beleza, sexo, etc. Desta forma, sempre nos apresentando modelos de beleza, de educação, de

comportamento, de moda, de sucesso feminino, apontando que estes são os modelos ideais a serem subjetivados. Esses modelos apontam para estereótipos, reforçando o que é ser mulher.

Dando uma retomada na história das mulheres no Brasil percebe-se que esta está envolta de discursos que legitimam lugares para as mulheres, seja o discurso religioso que enxerga o corpo feminino como o lugar do pecado, o discurso médico que enxerga o corpo feminino predisposto ao adoecimento, inclusive social, o discurso da imprensa que apresenta receitas para um casamento feliz, para o embelezamento feminino, etc.

Um exemplo de forma massacrante de ser mulher na atualidade é a ideia de padrão de beleza. Nós mulheres devemos ser magras e fugir do envelhecimento: nada de gorduras, de estrias, de celulites, de varizes, de manchas e rugas no rosto e flacidez. As que não se encaixam nos padrões sofrem com os tantos bombardeios que você deve se enquadrar a aquele modelo.

O resultado disso? Dor na consciência, dietas, academia, plásticas, remédios de tarja preta, compulsões alimentares, depressão e tantas outras formas de não aceitação do seu corpo.

Na cultura brasileira, as conformações de maternidade, virgindade e casamento ainda são fortes e circulam nos discursos em geral, ou seja, da Igreja, da mídia, da escola, da família, etc. As meninas ainda são criadas de forma distinta dos meninos, desde as brincadeiras de criança até o comportamento diário, como se sentar, como se vestir, como falar, etc. E temos que aceitar a generificação dos nossos corpos.

Aos homens são reservados os prazeres carnavais desde a adolescência. Não é de se estranhar ver pais incentivando a iniciação sexual dos meninos desde cedo. Às meninas estão reservados o bom recato e a discrição. Nos conselhos familiares, a ideia de que a perda da virgindade deve ser acompanhada de responsabilidade sempre é direcionada as jovens.

Quem nunca escutou a máxima “Segure suas cabritas que os meus bodes estão soltos”?

Desta forma, com base numa imagem reveladora de identidades *normais* e *anormais*, permeia nas nossas subjetividades a concepção de que o ideal de mulher

está sustentado em velhos estereótipos atrelados a maternidade e ao lar. Essa construção é baseada na concepção de a mulher estar mais próxima da natureza e que a sua função social caminha naturalmente, ou seja, a mulher nasce para exercer o seu papel principal na sociedade: a mulher-família.

Por mais que o ritmo de vida esteja mudado, a sociedade não perdoa as mulheres que não possuem zelo pelos filhos e filhas, marido e casa. O fato de possuir uma jornada diária de oito horas ou mais fora de casa, não a libera da jornada doméstica. A mulher tem que dar conta do seu trabalho, dos afazeres da casa, das atividades colegiais do filho ou da filha, se adequar ao modelo de beleza imposto e, no fim da noite, se apresentar como uma boa amante.

Essas constatações trazem muito estranhamento quando lembramos que estamos no século XXI e que o mundo passou por muitas transformações. Não é a toa que mulheres de várias idades ainda saem a rua exigindo direitos, principalmente as mais jovens.

Nessa perspectiva, como pensar na superação do feminismo?

É muito comum o argumento, principalmente nas redes sociais, de que o feminismo já alcançou o seu objetivo: as mulheres votam e são votadas, trabalham fora de casa, povoam os espaços públicos, podem se divorciar, podem morar sozinhas, etc.

Porém, a pior versão dessas publicações é quando afirma que o feminismo não serve para nada. É muito triste ver a postagem de um jovem aluno em que afirma que a máquina de lavar fez mais pelas mulheres do que o feminismo. Em tempos de “especialistas” sobre tantos assuntos, a internet é um leque aberto para preconceito, ignorância e discursos de ódio.

Porém, essa tese apresentou o contrário: como um movimento de jovens pode ser tão empoderado num espaço tido como conservador.

O feminismo passou por fases, dividido em ondas ou gerações. A primeira, final do século XIX e início do XX, foi povoada por mulheres que buscavam direitos sociais e políticos, principalmente o direito ao voto. A segunda, décadas de 1960 e 1970, as mulheres buscavam a emancipação feminina, com pautas ligadas a sexualidade, corpo e violência, contestando as formas de opressão masculina. Na terceira, a partir do final da década de 1980, foi o momento de renovação teórica e

oposição da unidade feminina, contestando as múltiplas formas de opressão, já que reconhece as múltiplas identidades femininas, possuem uma bandeira muito forte, a defesa da autonomia do corpo feminino.

As brasileiras vieram acompanhando essas lutas e também travaram as suas. Um exemplo é o momento político de oposição ao Regime Militar, na segunda onda do feminismo. Além das suas bandeiras gerais ainda se envolveram com a questão política no Brasil.

Se na década de 1970 a bandeira principal foi “O pessoal é político”, hoje temos “Meu corpo me pertence”. A luta incorpora outros sentidos, mas sempre trazendo a ideia de combate a misoginia. Assim, reconhecendo que o feminismo teve grandes e muitas vitórias, mas que a luta continua.

Tendo como base essa perspectiva de renovação do feminismo, temos a Marcha das Vadias como uma das suas possibilidades. Portanto, trata-se de uma manifestação legítima do movimento feminista, sendo uma das suas ramificações, e está intensamente atrelada a toda luta que o movimento feminista vem travando até a atualidade, em especial relacionadas a corpo, especificamente o direito que a mulher tem sobre o seu corpo.

Corpo é a questão central. E é justamente porque nós mulheres somos resumidas a corpo, corpo para procriar, como para o deleite masculino, corpo para ser belo, corpo para morrer, corpo, corpo, corpo...

O NOSSO CORPO NÃO NOS PERTENCE!!!!

Isso é o que a sociedade preconiza e legitima através da mídia e do seu discurso sedutor, do saber médico e seu lugar de autoridade, das políticas institucionais e seu lugar de poder, dentre tantos discursos que legitimam o lugar da mulher como secundário.

MEU CORPO ME PERTENCE!!!!

Esse é o grito principal das participantes da Marcha das Vadias no Brasil e no mundo e, sobretudo, das minhas entrevistadas, as nove integrantes do Bruta Flor Coletivo Feminista.

Nessa tese meu desejo era de transcrever todas as palavras com entonações diferentes, todas as pausas e montar um quadro de imagens: sorrisos, franzidos de testa, e, sobretudo, os olhos brilhantes dessas jovens feministas. Em suas falas há

muita dor, “As mulheres estão morrendo, estão sendo estupradas e isso continua acontecendo, Sabe?” (CORAGEM), e muita desesperança, “Eu não sou das feministas otimistas” (REIVINDICAÇÃO), mas também há muita força, “Metendo o pé na porta”, e muito amor pelo feminismo e a Marcha das Vadias, “A marcha sai nem que seja só com gente pra levar a faixa” (JUSTIÇA).

Ao se levantar essa bandeira, “Meu corpo me pertence”, reconhecem que há um modelo de sociedade que aprisionam corpos femininos, mas que não devemos nos sujeitar aos caminhos que foram criados para os nossos corpos, que devem se enquadrar a ideia de normalidade, maternidade como único caminho, a beleza como imposição, o recato, até as formas mais severas de imposição, corpo abatidos, estuprados e violentados.

Na marcha o que mais é evidente é a questão da utilização do corpo como arma política. No “meu corpo é político”, o que encontramos são jovens com corpos expostos e pintados com lemas tão comuns ao movimento, como “Meu corpo, minhas regras”, “Somos todas vadias”, “Se ser livre é ser vadia, somos todas vadias”, “Nem santa, nem puta”, “Tire seu crucifixo do meu útero laico”, “Meu corpo não é um convite”, “Não é não”, “Machismo mata”, etc.

A estética da marcha em alguns aspectos choca os expectadores que desconhecem o movimento, primeiro pelo nome da marcha e pela exposição do corpo, que são utilizados para chamar atenção de questões tão cruciais para o movimento.

Esses corpos são políticos por que questionam o nosso modelo de sociedade, machista. A forma como é utilizado, mensagem e mensageiro, traz um testemunho de transgressão e, conseqüentemente, de resistência.

Não só subvertem a ordem patriarcal, mas também subvertem o próprio espaço de ocupação. A rua não foi construída para ser habitada por movimentos sociais, principalmente de mulheres.

As integrantes da Marcha das Vadias são acusadas de possuir um movimento de mulheres brancas da cidade, excluindo negras e mulheres do campo, apesar de representar uma multiplicidade de mulheres, LGBTQs, as que não se enquadram a um padrão estético, mães solteiras, feministas antiproibicionistas, inclusive mulheres negras, dentre outras. Nas minhas idas nas marchas não encontrei mulheres do campo.

Porém, o que vimos em Campina Grande em relação ao Bruta Flor são jovens politizadas, todas elas acadêmicas e uma visão muito apurada do feminismo acadêmico.

Sofrem preconceitos? Sim, principalmente por liderarem a Marcha das Vadias, movimento polêmico até mesmo no seio do feminismo. Mas também vimos que o preconceito contra a feminista sempre foi uma máxima. Foram criados estereótipos, como serem masculinizadas, feias, ranzinzas, mal amadas, cabeludas. Além de serem acusadas de querer corromper a família.

Esse discurso corrobora com os discursos de ódio que circulam nas redes sociais e de forma muito sorradeira na hora da marcha, discursos contraditórios, de desconhecimento ou não aceitação de mulheres que gritam, expõem o corpo e se autodeclaram VADIAS, “se ser livre é ser vadias, somos todas vadias”.

Temas como violência, aborto e estupro incorporam a luta sobre o reconhecimento que o corpo feminino apenas pertence a quem o carrega, ou seja, a mulher.

Temos um país muito perigoso para as mulheres e isso é comprovado cotidianamente, seja por noticiários, por brigas de vizinhos ou até mesmo sentindo na pele.

Até quando iremos perder Marias, Fabianas, Cristinas, Rebecas??

A questão não é apenas de combate a violência, mas uma questão cultural. Quando se construir uma sociedade que compreenda que o corpo feminino não é objeto ou propriedade masculina, teremos a diminuição dos índices de violência.

A violência é vivenciada por nós mulheres nas suas várias dimensões, seja por um estupro, em não poder escolher abortar, apanhando do companheiro, na violência obstétrica, nas pressões psicológicas, dentre tantas outras formas de violência.

Portanto, a luta feminista continua. Na atualidade o movimento feminista é bem visível e a Marcha das Vadias tem contribuído para isso, inclusive algumas depoentes declarando que a movimento revitalizou o feminismo contemporâneo.

Quando pergunto as meninas do Bruta Flor se são feministas as respostas são enfáticas: “Eu sou feminista!”. Muito mais que feministas são protagonistas desse momento do feminismo.

Talvez um dia o feminismo apenas comporá uma história de luta e resistência.
Por enquanto, seguiremos lutando e resistindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1995. Coleção Primeiros Passos.

AMARAL, Carla. “Feminismo para feministas: o resto que se dane” – reflexões sobre a Marcha das Vadias – CG, 2013. **II Fórum sobre Feminismo e Direitos Humanos**. Disponível em: <<https://forumfeminismocg.blogspot.com/2013/08/feminismo-para-feministas-o-resto-que.html>>. Acesso em: 28 Fev. 2018.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722>>. Acesso em: 16 Mar. 2018.

BÍBLIA Católica Online (Português). **Gênesis**. Disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/01/1/3.php>>. Acesso em: 13 Jul 2006.

BRUM, Eliane. Mulher, corpo e insurreição. **El País**. 2006. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/opinion/1477313842_805785.html>. Acesso em: 09 Maio 2018.

BURITI, Iranilson. Espaço de Eva: a mulher, a honra e a modernidade no Recife dos anos 20 (século XX). **Revista História Hoje**. São Paulo, nº 5, 2004. Disponível em: <www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol2Espacos%20de%20Evap>. Acesso em: 20 ago. 2009.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam; sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Igor. Da despolitização ao ódio. **Caros Amigos**, ano XIX, nº 217, abril 2015. p. 24-30.

CENSURA diz que proibiu a novela em defesa da moral, ordem pública e da Igreja. **Jornal do Brasil**, [Rio de Janeiro], 29/08/1975. Disponível em <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/>>. Acesso em: 05 Nov. 2017.

CHAVES, Tyara Veriato. **Marcha das Vadias**. Corpo, sujeito e ideologia. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: <www.fg2013.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373214410-ARQUIVO-trabalhocompletotyaraveriato.pdf>. Acesso em: 10 Maio 2018.

COELHO, Henrique. Marcha das Vadias reúne mais de mil no Rio e vira hit em rede social. **G1 – Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/marcha-das-vadias-reune-mil-nas-praias-do-rio-e-vira-hit-em-rede-social.html>>. Acesso em: 02 Jun. 2013.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/380/285>>. Acesso em: 15 maio 2016.

_____; SARDENBERG, Cecília Maria B. Introdução – O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In.: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria B. (orgs.). **O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008. p. 23-47.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Senac São Paulo, 2000.

_____. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p.78-114.

_____. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DICIONÁRIO Infopédia da Língua Portuguesa. Escândalo. **Infopédia** – Dicionários Porto Editora. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/escandalo>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

DOMINGOS, JJ; PEREIRA, Tânia Maria A. Cultura do Estupro e resistência: sobre regimes enunciativos e subjetividades no dispositivo. In.: SILVA, Francisco Vieira da; DOMINGOS, JJ; PEREIRA, Tânia Maria A. (orgs.). **Foucault e Mídia: entre pirotecnias e reflexões**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2017. p. 11-31.

DUCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução de Semínaris Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119-138.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 322-361.

FARIA, Juliana de. #PrimeiroAssédio. **Lugar de Mulher**, 26/10/2015. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/primeiroassedio/>>. Acesso em: 20 Mar. 2016.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 6ª. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 510-553.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de Dezembro de 1976. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005a.

_____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 21 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005b.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

GALETTI, Camila Carolina H. **Feminismo em movimento: a Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo**. 18º REDOR, 2014. Disponível em: <www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/533/771>. Acesso em: 18 Jan. 2017.

GRAÇA, Rodrigo. **Performatividade e política em Judith Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos**. Disponível em: file:///C:/user/Professor.CADIS/Downloads/105-341-1-PB.pdf. Acesso em: 18 Ago. 2017.

GOLDENBERG, Mirian. Corpo e Gênero na cultura brasileira. In: ROCHA, Everardo (org.). **Cultura brasileira: reflexões, análises e perspectivas**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007. p. 53-64.

GOLDFARB, Raquel Costa. **Sim, eu sou vadia: uma etnografia do coletivo Marcha das Vadias na Paraíba**. Tese do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. **Sociedade e Estado (online)**. 2014. vol. 29, n.2, p. 433-447. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/se/v29n2/07.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2015.

GOMES, Wilson. A política de imagem. In: **Transformações da política na Era da Comunicação de Massa**. São Paulo: Paulus, 2004. Cap. 6, p. 239-290.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HELENE, Diana. A Marcha das Vadias - o corpo da mulher e a cidade. **Ensaio**, 2013, p. 68-79. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11_08.pdf>. Acesso em: 25 Fev. 2017.

JUNQUEIRA, Mariane Oliveira, GONÇALVES, Veronica Korber. **A Marcha das Vadias: Por que as mulheres gritam?** Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Mídia, Jataí - GO, 2011. Disponível em: <congressohistoriajatai.org/2011/anais2011/link%2078.pdf>. Acesso em: 02 Jun. 2013.

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Da legitimação à condenação social. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 286-312.

LAURIOLA, Rosanna. Pandora, o mal em forma de beleza: o nascimento do mal no mundo grego antigo. Tradução: Eva P. Bueno. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 52, set. 2005. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/052/52elauriola.htm>. Acesso em: 13 jul. 2016.

LÉON, Adriano de. Fascismo em rede: uma mirada nos discursos de ódio pelas mãos de Foucault. In.: SILVA, Francisco Vieira da; DOMINGOS, JJ; PEREIRA, Tânia Maria A. (orgs.). **Foucault e Mídia: entre pirotecnias e reflexões**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2017. p. 163-193.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In.: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. 6ª. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 443-481.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7ª. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2004.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 5ª. ed. (revista e ampliada) São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Repensando a História).

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil 3 – República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 368-421.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In.: MATOS, Maria Izilda Santos de ; SOIHET, Rachel (orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003. Cap. 7, p. 107- 127.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. **Mulher e Trabalho**, V. 6, 2006. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2712/3035>>. Acesso em: 25 Maio 2014.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Introdução. In.: **Feminismo e Política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 7-16.

NARLOCH, Leandro. Por que tantas feministas são doidas? **Veja**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/por-que-tantas-feministas-sao-doidas/>>. Acesso em: 10 Maio 2018.

PEDRO, Joana Maria. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 260-285.

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 1 – A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 467-512.

_____. Imagens e representações 2 – A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013b. p. 513-543.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. “Sempre bela”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 103-125.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres, Salvador, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>>. Acesso em: 16 Mar. 2018.

SARTI, Cynthia Andersen. O Feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, 12(2):264, maio/agosto/2004, p. 35-50.

SCAVONE, Lucila. Nosso corpo nos pertence? Discursos feministas do corpo. **Gênero**, Niterói, v. 10, n. 2, p. 47-62, sem. 2010. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/4/1>>. Acesso em: 19 Out. 2016.

SOARES, Vera. **Muitas faces do feminismo no Brasil**. Disponível em: <http://www2.fpa.org.br/portal/uploads/feminismo_brasil.pdf>. Acesso em: 18 Abr. 2015.

SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a08v13n3.pdf>. Acesso em: 09 Maio 2018.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. **O gênero da representação**: movimento de mulheres e representação política no Brasil (1980-1990). 1991. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_17/rbcs17_01.htm>. Acesso em: 18 Abr. 2015.

TIBURI, Márcia. Judith Butler – feminismo como provocação. **Cult**. 185, ano 16, nov. 2013. p. 20-25.

TOMÉ, Cibele de Albuquerque. **Já tomou seu shake hoje?** A construção social do corpo feminino sob a ótica das frequentadoras da Espaço Vida Saudável de Herbalife. Tese do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, 2018.

VELOSO, Cynara Borges. “Se ser livre é ser vadia, somos todas vadias?” A Marcha das Vadias e os movimentos feministas brasileiros. **Em Debate** – Periódico de Opinião Pública e Conjuntura política. Ano 8, N. 5, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/grupoopiniaopublica/docs/edi_o_completa_2016>. Acesso em: 25 Jan. 2017.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília, 2015. Disponível: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 10 Mar. 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 07-72.